

COLETA RINALDI ALTHOFF

**CONVIVENDO EM FAMÍLIA:
CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA
SUBSTANTIVA SOBRE O AMBIENTE FAMILIAR.**

Florianópolis, S.C.

Março de 2001

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
CURSO DE DOUTORADO EM ENFERMAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: FILOSOFIA EM ENFERMAGEM**

**CONVIVENDO EM FAMÍLIA:
CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA
SUBSTANTIVA SOBRE O AMBIENTE FAMILIAR.**

COLETA RINALDI ALTHOFF

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Doutor em Enfermagem - Área de Filosofia em Enfermagem.

**ORIENTADORA:
PROF. DRA. INGRID ELSÉN**

**Florianópolis, S. C.
Março 2001.**

Março de 2001

**CONVIVENDO EM FAMÍLIA:
CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA TEORIA
SUBSTANTIVA SOBRE AMBIENTE FAMILIAR.**

COLETA RINALDI ALTHOFF

Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de

Doutor em Enfermagem

e aprovada na sua versão final em 29 de março de 2001, atendendo às normas da legislação vigente da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, área de concentração: Filosofia em Enfermagem.

Dra. Denise Elvira Pires de Pires
- Coordenadora da PEN/UFSC -

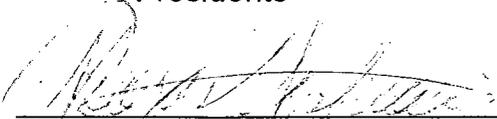
Banca Examinadora



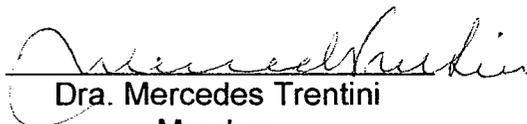
Dra. Ingrid Elsen
- Presidente -



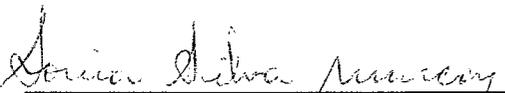
Dra. Alcione Leite da Silva
- Membro -



Dra. Magda Rojas Yoshioca
- Membro -



Dra. Mercedes Trentini
- Membro -



Dra. Sonia Silva Marcon
- Membro -



Dra. Rosane Gonçalves Nitschke
- Membro -

O trabalho intelectual é um processo lento que exige esforço e dedicação. As inúmeras horas que dediquei ao trabalho me mantiveram, por um certo tempo, afastada do pleno convívio familiar. A sua conclusão só foi possível porque tive a ajuda e o apoio daqueles que estiveram sempre ao meu lado.

Para Carlos Alberto,
Gustavo e Raquel, dedico com carinho.

Agradecimentos

Finalmente, ao estar na linha de chegada e ao fazer uma retrospectiva sobre o caminho percorrido, dei-me conta do envolvimento de várias pessoas a fim de que este trabalho se tornasse uma realidade. A elas devo o meu reconhecimento. Agradeço especialmente àquelas que contribuíram concretamente para a realização deste trabalho.

Às minhas famílias de sangue, de coração e de convívio, sem as quais eu não teria chegado até o fim. Aos meus pais, Armando e Antonietta, e as minhas irmãs e irmãos, cunhadas e cunhados, sobrinhas e sobrinhos, por compreenderem a minha ausência em alguns momentos do viver em família. Ao meu esposo, Carlos Alberto, e a meus filhos, Gustavo e Raquel, pela compreensão e paciência, quando muitas vezes eu me escondia no “meu cantinho” para estudar e escrever.

À professora Dra. Ingrid Elsen, lutadora pelo desenvolvimento do conhecimento na área de família na enfermagem, quem acabou me contaminando com suas idéias. Mestre nas idéias, nossos encontros iluminaram o caminho para o desenvolvimento desse trabalho. Gostaria de acentuar o meu débito de gratidão com ela por ter compreendido as dificuldades encontradas ao longo do trabalho, por me incentivar e por compartilhar a minha trajetória profissional.

Às famílias que participaram do estudo. Eu não vou nominá-las, considerando a promessa de que permaneceriam anônimas, mas desejo que se sintam especialmente reconhecidas por gentilmente cederem parte de seu tempo e me ajudarem a compreendê-las.

Às Professoras Dra. Eloita P. Neves Arruda, Dra. Mercedes Trentini e Dra. Alcione Leite da Silva pelas sugestões e contribuições apresentadas durante o Exame de Qualificação.

Às Professoras Dra. Mercedes Trentini, Dra. Alcione Leite da Silva, Dra. Magda Rojas Yoshioca, Dra. Sonia Silva Marcon e Rosane Gonçalves Nitschke, membros da banca

examinadora, o meu agradecimento especial pelas análises e sugestões, possibilitando um maior aprofundamento do estudo.

À meu filho Gustavo por me oferecer a sua valiosa contribuição na leitura cuidadosa e nas sugestões úteis para a compreensão do trabalho, além da tradução de textos.

Às chefias e aos professores do Departamento de Enfermagem que oportunizaram o meu crescimento acadêmico.

Às amigas com quem tenho trabalhado ao longo dos anos e que manifestaram a sua compreensão nas eventuais dificuldades de compatibilizar as minhas atividades de trabalho e estudo.

Às amigas Miriam Süsskind Borenstein, Maria da Graça P. do Nascimento, Elza Berger Salema, Dalva I. Grüdner e Ana Palma de Souza Camargo que me encorajaram nas horas de desânimo e de falta de inspiração.

À Maria Inês Bez Kröger que com sua sensibilidade e conhecimento, me atendeu com carinho quando eu precisava de cuidados.

Aos membros validadores do trabalho, por seus comentários e sugestões, colaborando para a clareza das idéias.

Às professoras Maria de Lourdes Centa, Alacoque Lorenzini Erdmann, Rosane Gonçalves Nitschke e ao Professor Raul Borenstein por me oferecerem material bibliográfico.

Àquelas alunas e alunos que reconhecem com carinho o esforço de ensinar e aprender.

À Luzia Santos e Breno Morozowski por me ajudarem na formatação das figuras apresentadas no trabalho.

A todas as pessoas, a minha reconhecida gratidão.

RESUMO

Este é um estudo baseado na Teoria Fundamentada nos Dados e no Interacionismo Simbólico que tem como objetivos: compreender como o ambiente familiar é construído pelas famílias e construir uma formulação teórica sobre o ambiente familiar. Para o levantamento e a análise comparativa dos dados, foram definidos quatro grupos amostrais formados por 10 famílias em diferentes etapas da trajetória de vida familiar. Os dados foram obtidos através de entrevistas realizadas com as famílias em seus domicílios. A metodologia empregada resultou na formulação de um modelo teórico focado no fenômeno **CONVIVENDO EM FAMÍLIA**. Este modelo revela que **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** é um processo constituído pela inter-relação dos seguintes elementos teóricos: Querendo viver em família; Criando o espaço de moradia da família; Vivendo os tempos da família; Fazendo parte da teia social; Estabelecendo maneiras de se relacionar em família; Construindo valores; Governando a vida cotidiana; Cultivando as ligações familiares e Tomando consciência do viver em família. Os membros da família compartilham símbolos e significados decorrentes das ações desenvolvidas e das interações estabelecidas entre eles, construindo o processo de convivência familiar. O modelo teórico elaborado oferece uma perspectiva para compreender o ambiente familiar através do processo de conviver em família.

ABSTRACT

LIVING TOGETHER IN FAMILY: A CONTRIBUTION TO THE CONSTRUCTION OF A SUBSTANTIVE THEORY ON FAMILY ENVIRONMENTAL

This is a study based on the Grounded Theory and on the Symbolic Interactionism whose goals are to understand the family environment according to the family's perception and to build a theoretical formulation about the family environment. In order to gather the data and to make a comparative analysis of it four sampling groups constituted of 10 families in different stages of family life were formed. The data were obtained by reading the field notes of studies performed at the families' residences and through interviews. The methodology employed here resulted in the formulation of a theoretical model focused on the LIVING TOGETHER IN FAMILY phenomenon. That model reveals that LIVING TOGETHER IN FAMILY is a process constituted by the interrelationships of the following theoretical elements: wanting to live in family; creating the family's residence space; living the times of the family; being a part of the social web; establishing forms to living in family; building values; governing the daily life; cultivating family connections; and taking conscience of the process of living in family. The family members share symbols and meanings originated from the actions and interactions developed and established between them, building a process of living in family. The theoretical model elaborated offers a perspective to understand the family environmental through the process of living in family.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	xi
CAPÍTULO 1	1
O PONTO DE PARTIDA	1
CAPÍTULO 2	14
A REVISÃO DO CONCEITO DE AMBIENTE NAS ABORDAGENS TEÓRICAS	14
2.1 A VISÃO DE AMBIENTE NAS TEORIAS DE FAMÍLIA	14
2.2 A VISÃO DE AMBIENTE NAS TEORIAS DE ENFERMAGEM	19
CAPÍTULO 3	25
UM MODO DE OLHAR O ESTUDO	25
3.1 A ORIGEM DAS IDÉIAS DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO	25
3.2 AS IDÉIAS FUNDAMENTAIS	31
3.2.1 Premissas Básicas.....	31
3.2.2 Raízes: As Idéias Básicas.....	32
CAPÍTULO 4	38
A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	38
4.1 CONHECENDO A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS	39
4.2 APRESENTANDO O MÉTODO DA TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS	41
4.2.1 A Questão de Pesquisa	42
4.2.2 A Amostragem Teórica	42
4.2.3 A Análise Comparativa dos Dados.....	43
4.2.4 A Sensibilidade Teórica	45
4.3 PERCORRENDO O CAMINHO METODOLÓGICO	45
4.3.1 Identificando o Cenário do Estudo	46
4.3.2 Identificando os Atores Participantes do Estudo.....	46
4.3.3 Conduzindo o Processo de Pesquisa.....	48
4.3.3.1 Levantando dados	50
4.3.3.1.1 Procedimentos.....	50
4.3.3.1.2 Grupos amostrais.....	53
4.3.3.2 Codificando.....	56
4.3.3.3 Identificando as categorias.....	57
4.3.3.4 Fazendo conexões entre as categorias	59
4.3.3.5 Validando o modelo de integração	60
4.3.4 A Amostragem Teórica do Estudo.....	61
4.3.5 Conferindo o Rigor	61
CAPÍTULO 5	64
FAZENDO AS DESCOBERTAS.....	64
5.1 APRESENTANDO AS CATEGORIAS, SUAS SUBCATEGORIAS E CÓDIGOS	64
5.1.1 Categoria: Compondo a Família	65
5.1.1.1 Subcategoria: Identificando a família em diferentes níveis.....	66
5.1.1.2 Subcategoria: tendo ligações	67
5.1.1.3 Subcategoria: tendo convivência.....	68

5.1.2	Categoria: Querendo Viver em Família	70
5.1.2.1	Subcategoria: Idealizando a família	71
5.1.2.2	Subcategoria: Projetando a família	71
5.1.2.3	Subcategoria: tendo compromisso de união	72
5.1.2.4	Subcategoria: desejando continuar a viver em família	73
5.1.3	Categoria: Criando o Espaço de Moradia da Família	74
5.1.3.1	Subcategoria: querendo um espaço físico	75
5.1.3.2	Subcategoria: dando significado à moradia	75
5.1.3.3	Subcategoria: dinamizando o espaço	77
5.1.4	Categoria: Vivendo os Tempos da Família	78
5.1.4.1	Subcategoria: Vivendo com os filhos pequenos: um tempo complicado	79
5.1.4.2	Subcategoria: Vivendo com os filhos adolescentes: um tempo de preocupações ...	80
5.1.4.3	Subcategoria: vivendo sós: um tempo de retorno à vida a dois	82
5.1.5	Categoria: Fazendo Parte da Teia Social	83
5.1.5.1	Subcategoria: recebendo apoio	84
5.1.5.2	Subcategoria: buscando suporte financeiro	85
5.1.6	Categoria: Estabelecendo Maneiras de se Relacionar na Família	86
5.1.6.1	Subcategoria: utilizando as estratégias de comunicação	88
5.1.6.2	Subcategoria: lapidando as relações interpessoais	89
5.1.6.3	Subcategoria: mantendo elos entre as gerações	90
5.1.6.4	Subcategoria: compartilhando as decisões	92
5.1.6.5	Subcategoria: estabelecendo relações de poder	93
5.1.7	Categoria: Construindo Valores	95
5.1.7.1	Subcategoria: definindo valores essenciais	95
5.1.7.2	Subcategoria: formando valores da vida cotidiana	97
5.1.8	Categoria: Cultivando as Ligações Familiares	98
5.1.8.1	Subcategoria: formando as ligações afetivas	99
5.1.8.2	Subcategoria: mantendo as ligações de união	100
5.1.9	Categoria: Governando a Vida Cotidiana	101
5.1.9.1	Subcategoria: estabelecendo as atribuições familiares	102
5.1.9.2	Subcategoria: organizando a vida diária	104
5.1.9.3	Subcategoria: participando das tarefas domésticas	105
5.1.10	Categoria: Tomando Consciência do Viver em Família	106
5.1.10.1	Subcategoria: percebendo o bem viver familiar	107
5.1.10.2	Subcategoria: percebendo a desintegração da vida em família	109
5.2	Formulando o modelo de integração	111
5.2.1	O Fenômeno - Convivendo em Família	111
5.2.2	A Condição Causai	114
5.2.3	O Contexto	114
5.2.4	As Estratégias de Ação e Interação	118
5.2.4.1	Estabelecendo maneiras de se relacionar na família	118
5.2.4.2	Cultivando as ligações familiares	121
5.2.4.3	Governando a vida cotidiana	122
5.2.4.4	Construindo valores	124
5.2.5	As Condições Intervenientes	125
5.2.6	A Conseqüência	127
CAPÍTULO 6		132
DELINEANDO UM DIÁLOGO ENTRE O PENSAMENTO E A REALIDADE		132
6.1	CONVIVENDO EM FAMÍLIA: um processo em construção	132
6.2	O AMBIENTE FAMILIAR: uma visão centrada nas interações	151
CAPÍTULO 7		156
TECENDO ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS		156
CAPÍTULO 8		163
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		163
ANEXO 1		173

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – GUIA PARA GERAR A TEORIA FUNDAMENTRADA NOS DADOS.....	49
FIGURA 2 – EXEMPLO DE CODIFICAÇÃO PRELIMINAR.....	56
FIGURA 3 – EXEMPLO DE CODIFICAÇÃO CONCEITUAL.....	57
FIGURA 4 – EXEMPLO DE CATEGORIZAÇÃO.....	58
FIGURA 5 – EXEMPLO DE MEMORANDO.....	58
FIGURA 6 – DIAGRAMA DA CATEGORIA COMPONDO A FAMÍLIA.....	66
FIGURA 7 - DIAGRAMA DA CATEGORIA QUERENDO VIVER EM FAMÍLIA.....	70
FIGURA 8 – DIAGRAMA DA CATEGORIA CRIANDO ESPAÇO DE MORADIA DA FAMÍLIA.....	74
FIGURA 9 – DIAGRAMA DA CATEGORIA VIVENDO OS TEMPOS DA FAMÍLIA.....	79
FIGURA 10 – DIAGRAMA DA CATEGORIA FAZENDO PARTE DA TEIA SOCIAL.....	83
FIGURA 11 – DIAGRAMA DA CATEGORIA ESTABELECENDO MANEIRAS DE SE RELACIONAR EM FAMÍLIA.....	87
FIGURA 12 – DIAGRAMA DA CATEGORIA CONSTRUINDO VALORES.....	95
FIGURA 13 – DIAGRAMA DA CATEGORIA CULTIVANDO AS RELAÇÕES FAMILIARES.....	99
FIGURA 14 – DIAGRAMA DA CATEGORIA GOVERNANDO A VIDA COTIDIANA.....	102
FIGURA 15 – DIAGRAMA DA CATEGORIA TOMANDO CONSCIÊNCIA DO VIVER EM FAMÍLIA.....	107
FIGURA 16 – ELEMENTOS DO MODELO TEÓRICO CONVIVENDO EM FAMÍLIA.....	113

CAPÍTULO 1

O PONTO DE PARTIDA

Em todas as sociedades humanas, desde os primórdios da civilização, existe algum tipo de organização do convívio comum que forma uma unidade social na qual o ser humano se relaciona muito proximamente um com o outro, estabelecendo formas significativas de convivência.

A família, como grupo social, tem se modificado ao longo da história da humanidade em decorrência de fatores políticos, sociais, culturais e econômicos, ocasionando mudanças no modo de vida das pessoas e da sociedade em geral. Ao registrar a história da família, Shorter (1975, p.11,13) comenta que, nos séculos XVI e XVII, a família se encontrava “presa à matriz de uma ordem social” mais ampla, cuja teia de inter-relação era formada pelos parentes, vizinhos e grupos de iguais, havendo um trânsito livre das pessoas de fora para dentro do lar e vice - versa. A família era muito mais uma “unidade produtiva e reprodutiva do que emocional”. Nos tempos modernos, declara o autor, “a família nuclear nasceu no abrigo da domesticidade” e os sentimentos como o afeto, o amor e a compreensão passaram a fazer parte das relações familiares. Ariès (1981), outro estudioso da história da família, identificou também essas características, denominando-as de “sentimento de família”, algo relacionado ao centro emocional da intimidade, no cuidado e aproximação de seus integrantes.

Na era das famílias pós - modernas, novas mudanças têm influenciado a organização familiar, como o trabalho feminino, o número reduzido de filhos, o

aparecimento de mães de “aluguel”, as modernas técnicas de reprodução, além de um grande número de separações, divórcios e famílias reconstituídas. A formação da família parece se dar mais em relação aos sentimentos e a um modo de viver compartilhado do que à importância do vínculo legal e das relações de consangüinidade. Na história da sociedade, a família tem ocupado um lugar como participante ativa da vida social. Na verdade, a família representa uma continuidade simbólica que transcende a cada ser humano e a cada geração, envolvendo o tempo passado, presente e futuro (Salles e Tuirán, 1996).

✍ No processo de transformação da família, novas formas de relação entre seus integrantes têm surgido, indicando a existência de vários tipos de família. Embora haja uma variedade de termos e de expressões que dão significado a um modo de conviver e de se relacionar, ainda fica a questão: o que é a família?

O significado do termo família tem variado historicamente, desafiando qualquer generalização a seu respeito. No sentido etimológico da palavra, família é derivada de “famulus”, que quer dizer, segundo Engels (1995, p.61), “o conjunto de escravos pertencentes a um mesmo homem”. Essa expressão foi “inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher e os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sobre eles”. Em sentido equivalente, do ponto de vista da propriedade, Aristóteles introduz em seus escritos o termo “oikia” ou “oikos”, que quer dizer grupo doméstico ou família. Ele faz referência à relação senhor / escravo, à associação marido/esposa e aos laços entre pai e filho, formando o conjunto de todos os que estão submetidos à vontade do pai ou chefe da casa (Grau,1994; Sissa,1996). O filósofo grego situava a família entre o indivíduo e a sociedade, considerando “oikia como a verdadeira molécula da sociedade” (Sissa,1996,p.144).

A idéia mais tradicionalmente conhecida de família diz que ela é “constituída por um homem e uma mulher, unidos por laço matrimonial e pelos filhos nascidos dessa união” (Ferreira,1988,p.228). Essa idéia tem representado a família nuclear, um grupo humano institucionalizado em muitas sociedades. Embora predominante, esse tipo de família não é universal, não representa todas as

sociedades. As diversas maneiras de estabelecer relações entre os seres humanos têm contribuído para as diferentes composições familiares e para a multiplicidade de tipos de família.

Dentre as diversas abordagens, existem diferentes conceitos sobre a família, considerando os aspectos histórico e social das múltiplas realidades. Entretanto, como membro do Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na área de Saúde da Família¹, quero sublinhar o conceito elaborado pelo grupo na construção de seu referencial teórico, uma vez que ele representa uma idéia da nossa realidade. Para este grupo, a família é:

uma unidade dinâmica constituída por pessoas que se percebem como família, que convivem por um espaço de tempo, com uma estrutura e organização em transformação, estabelecendo objetivos comuns, construindo uma história de vida. Os membros da família estão unidos por laços consangüíneos, de interesse ou afetividade. Tem identidade própria, possui, cria e transmite crenças, valores e conhecimentos comuns, influenciados por uma cultura e nível sócio - econômico. A família tem direitos e responsabilidades, vive num ambiente em interação com outras pessoas e famílias, escola, posto de saúde e outras instituições em diversos níveis de aproximação. A família define objetivos e promove meios para o crescimento e desenvolvimento de seus membros e da própria comunidade (Elsen et al. ,1992, p. 6).

Apesar de considerar importante entender a família do ponto de vista conceitual, pois reflete o seu significado nos contextos cultural, histórico e social, minha intenção é apenas mostrar uma forma de compreender o termo. Na verdade, o termo família representa muitas realidades e os conceitos apresentados na literatura (Flandrin, 1991; Sillis, 1974) mostram a diversidade de significados dado a ele, bem como as múltiplas relações que podem existir dentro da família, seja pela consangüinidade, adoção ou convivência, seja pela rede de parentesco ou dos vínculos afetivos. Isso mostra que ele é um indicador da complexidade das relações e das dimensões que compõem o espaço da família; espaço privilegiado na construção social da realidade em que os próprios acontecimentos da vida, que mais parecem pertencer à natureza, como o nascer, o crescer, o envelhecer e o morrer, têm a sua presença e o seu significado na família (Saraceno, 1997).

¹ GAPEFAM - Grupo consolidado de pesquisa do Programa de Pós-graduação de Enfermagem, Departamento de Enfermagem da UFSC.

Ao dirigir o olhar para a família a qual pertencemos, ou para outras famílias, percebo que existe todo um movimento interno voltado para a manutenção da vida de seus integrantes, assim como um movimento voltado para o exterior, através das relações com e em outros âmbitos, num processo de troca entre eles. A família nunca está isolada. Ela articula-se com outras famílias, com grupos da comunidade e, de forma mais ampla, com a sociedade. No pensamento do antropólogo Lévi-Strauss (1986, p.8), "não haveria sociedade sem famílias, mas também não haveria famílias se não houvesse já uma sociedade".

Na perspectiva de seu mundo interno, a família é uma unidade que tem e dá vida. Nas palavras de Szymanski (1995, p.25),

cada família circula num modo particular de emocionar-se, criando uma cultura familiar própria, com seus códigos (...) regras, ritos e jogos (...) com um universo pessoal de significados (...) que não são expressos. O que se tem são ações interpretadas num contexto de emoções entrelaçadas com o crivo dos códigos pessoais, familiares e culturais mais amplos. Tais emoções e interpretações geram ações que vão formando um enredo cuja trama compõe o universo do mundo familiar.

Embora cada família seja única em sua cultura, estrutura, organização e funcionamento, ela não está só. Ela faz parte de uma estrutura dinâmica e contínua de interação com o meio que a cerca. Como um sistema social, ela apresenta limites que são permeáveis, permitindo que cada membro se relacione com o mundo exterior. Esse sistema social é também o espaço das relações entre os seus membros e entre esses e os vizinhos, a comunidade e a sociedade. Segundo Scabini (1992, p.6-9), a família é uma organização complexa de relações, que tem e cria uma história e que com o passar do tempo estabelece um relacionamento com o ambiente mais amplo, modificando-se e modificando-o. A autora acrescenta que o ambiente é o espaço das relações internas e externas da família e que "a família não é uma entidade passiva frente ao ambiente que a circunda, mas o representa para si e reage a ele ativamente". A família estabelece vínculos com o mundo externo, aproximando-se ou distanciando-se dele, porém, encontrar a distância adequada entre o interior e o exterior, é o objetivo para o seu bem estar.

Ao considerarmos a família como uma unidade que cria o seu próprio ambiente e que está continuamente em conexão com o ambiente externo, como compreender o ambiente?

O ponto de partida para esta compreensão está em conhecer o que é o ambiente. A palavra "*Umwelt*", embora tenha sido criada por Jens Baggesen em 1800, foi utilizada pela primeira vez em 1909, pelo biólogo Jakov Von Uexkull, e significa ambiente, meio ambiente ou mundo ambiente (Boff,1995). Esse termo tem sido utilizado como sinônimo de ecologia. Entretanto, a noção de ecologia remonta ao ano de 1866, quando o biólogo Ernest Haeckel formulou o termo ao criar uma disciplina científica ligada à biologia. A ecologia é definida pelo seu criador como "a ciência das relações entre o organismo e o mundo externo circunvizinho", como registra Capra (1996,p.43). Desse modo, ecologia e ambiente são termos que se misturam na literatura.

Etmologicamente, a palavra ambiente é originária do latim *ambiens*, que significa o "que rodeia", isto é, o que circunda alguma coisa ou pessoa. Na literatura, pode-se encontrar diferentes conceitos sobre ambiente. Ele pode ser referido como "tudo aquilo que existe fora do organismo vivo" (San Martin,1975, p.15), ou "um complexo de relações entre mundo natural e ser vivo, que influem na vida e no comportamento do mesmo ser vivo" (Abbagnano, 2000, p.36). Estes são conceitos amplos que tanto podem abranger a totalidade dos aspectos naturais bióticos (vivos) e abióticos (inertes), como podem resultar da combinação dos aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos.

O ambiente do qual nós nos acostumamos a ouvir falar está ligado à ótica da posição naturalista quanto às questões da relação entre a natureza e o ser humano. Nessa perspectiva, a relação ser vivo/ambiente é um processo contínuo de troca que passa a constituir uma unidade, denominada unidade vital, como diz San Martin (1975). Neste universo, o ser humano é parte desse sistema e integrante de uma complexa rede de interações. Nenhum ser humano vive isolado, mas em constante interação com o seu ambiente. Esse pensamento é compartilhado por Boff (1995) quando declara que pensar a vida humana como parte da natureza, em eterno movimento, sujeita à influência do meio onde vive,

significa tomar consciência dessa relação que se constitui como uma unidade de interação dinâmica e complexa em um ecossistema, num esforço constante de equilíbrio para a manutenção de sua existência. O autor declara ainda que “um ser vivo não pode ser visto isoladamente como um mero representante de sua espécie, mas deve ser visto e analisado sempre em relação ao conjunto das condições vitais que o constituem e no equilíbrio com os demais representantes da comunidade dos viventes em presença” (Boff, 1995, p.18).

Diante desse ponto de vista, que busca a compreensão da totalidade, o que pensar sobre a relação entre a família, a saúde e o ambiente? É necessário um grande esforço para se obter uma clareza dessa relação, uma vez que a saúde, como resultante do processo de interação e da troca contínua entre o ser humano e o ambiente, está ligada ao bem estar, à satisfação das necessidades básicas e à qualidade de vida de cada ser humano e de toda a população. Apesar de a saúde ser desejada por todos, ela só ocorre quando características inerentes ao próprio ser humano e às condições ambientais permitem que o processo de interação entre eles aconteça de forma harmoniosa.

No estudo realizado por Stolkos (1992), sobre a promoção de saúde dentro de uma perspectiva ecológica, o autor identificou que as transações entre a pessoa e o ambiente são caracterizadas por ciclos de mútua influência e que as características físicas e sociais dos cenários onde vivem têm uma influência direta sobre a saúde de seus ocupantes. Do mesmo modo, os participantes do ambiente modificam as condições de saúde de seu meio, através de ações individuais e coletivas. O autor, ao apontar a relação entre o ambiente e a saúde, diz que os ambientes físico e social podem funcionar como: meios para a transmissão da doença; estressores, devido à exposição crônica de certas condições ambientais; fontes de segurança ou de perigo; condutores de comportamentos de saúde e provedores de recursos de saúde. Diante dessas afirmações, o ambiente pode funcionar de maneira positiva ou negativa em relação à saúde, de acordo com o contexto no qual o ser humano está inserido.

Frente ao exposto, considera-se o ser humano como um dos componentes do ambiente. Ele difere de outros seres vivos porque é criado em um meio sócio

cultural e é capaz de modificar o próprio meio. Dessa maneira, esse meio torna-se mais complexo. Portanto, é necessário conhecer tanto o homem como o ambiente para entender os fenômenos do processo de saúde e doença, pois esses são, em sua maior parte, resultantes das relações do ser humano com o ambiente (San Martin, 1975).

Ao analisar o discurso sobre ambiente, na sociologia, Buttel (1992,p.70) assinala que o ser humano é tanto visto “como um fio na trama da vida da grande biosfera”, quanto como um “criador de ‘ambientes’ singulares e socialmente distintos”. Essa dualidade de pensamento é criticada pelo autor, revelando a complexidade do tema para a sociologia, assim como para a biologia. Desse modo, a extensão desse tema tem abrangido várias áreas do conhecimento, com múltiplos e diferentes enfoques.

Como muitas das áreas de conhecimento, a enfermagem surgiu com a finalidade de contribuir para a melhoria da vida humana. Como enfatiza Rogers (1970), isto implica possibilitar a criação de condições de vida que promovam uma interação sinfônica entre o ser humano e o ambiente. Dentro do mesmo ponto de vista, Schultz (1987) comenta que o propósito da geração de conhecimentos na enfermagem é entender e cuidar dos seres humanos em relação ao seu ambiente e à sua saúde.

Desde que Florence Nightingale descobriu que o ambiente tem um impacto sobre a saúde do ser humano, ou seja, que o desconforto e o sofrimento dos pacientes são influenciados por ambientes inadequados, o ambiente tem sido considerado um conceito central na enfermagem (Nightingale,1969). Embora Nightingale tenha mostrado a importância do ambiente para a enfermagem, a maioria das teorias desenvolvidas a partir da metade do século XX não deram muita ênfase a isso, mesmo sendo considerado um conceito central. Entre as teorias de enfermagem desenvolvidas neste período, a teoria elaborada por Rogers (1970,1990) tem focalizado o ambiente sob uma perspectiva mais ampla. A teórica procurou mostrar a estreita relação entre o ser humano e o ambiente.

Ao examinar os modelos conceituais da enfermagem, Fawcett (1983) afirma que o ambiente é freqüentemente referido como comunidade, sociedade, e

espaço físico da pessoa, ou ainda, como fonte de estresse ou de recursos. A autora refere ainda que cada modelo teórico descreve o conceito de uma maneira distinta, considerando a visão de mundo sobre a natureza das relações do ser humano e ambiente, a variedade de situações e a complexidade das atividades de enfermagem. Holden (1990), referindo-se à diversidade de conceitos, observou que o ambiente é descrito tanto em seus aspectos concretos (água, luz, calor), quanto por noções abstratas com influências culturais, sociais e familiares.

A partir de uma revisão das principais teorias de enfermagem e das pesquisas publicadas em revistas americanas, Kleffel (1991) verificou que há uma concordância de que o ambiente é um dos principais conceitos da enfermagem, considerado como o meio imediato do ser humano ou circunstancial, a ser conduzido ou controlado, ao qual o ser humano deve se adaptar. A autora declara que, embora quase todas as teorias e pesquisas localizem-se nesses limites, cresce a consciência de que essa é uma visão restrita e de que é necessário examinar as condições para a saúde das pessoas de uma forma mais ampla. Resultados interessantes a esse respeito foram constatados em um estudo posterior realizado por Kleffel (1994). A autora, ao analisar as entrevistas realizadas com as enfermeiras, percebeu que elas concebiam o ambiente como uma totalidade, na inter-relação de vários elementos. Rogers (1970) foi a pioneira dessas idéias na enfermagem, que hoje parece buscar um caminho para a sua compreensão e aplicação prática. Todavia, Kleffel (1996), ao discutir o paradigma ambiental na enfermagem, reconhece que o ponto de vista ecocêntrico fundamentado no holismo, em que cada coisa está conectada com outra e em que o todo é maior do que a soma das partes, está apenas começando a ser compreendido, sendo preciso transformar a prática para além de seus limites tradicionais. A autora declara que o ponto de vista ainda dominante na enfermagem é o do paradigma egocêntrico fundamentado no indivíduo, em que o ambiente é definido em relação ao indivíduo. Ela apresenta também o paradigma homocêntrico, que está fundamentado nos determinantes sociais e que tem influenciado a enfermagem no campo da saúde pública.

Ao fazer a leitura das teorias de enfermagem, com o intuito de buscar um melhor entendimento do conceito de ambiente, percebi que, na maioria das

vezes, ele é referido apenas em termos genéricos, conferindo-lhe um sentido muito amplo, o que não conduz a uma fácil operacionalização do termo e, por sua vez, a uma ação mais efetiva. Se falta uma maior clareza no entendimento do conceito de ambiente, como compreendê-lo como conceito essencial ou de domínio da enfermagem? Meleis (1997) aponta para a necessidade do desenvolvimento de teorias relativas ao ambiente que descrevam propriedades, componentes e dimensões do ambiente que ajudem a manter a saúde. De acordo com a autora, espera-se que essas teorias guiem o desenvolvimento de intervenções efetivas de cuidados de saúde, que descrevam e expliquem políticas que direcionem as ações de saúde no ambiente.

Na crença de que o ser humano não vive isolado, o pensamento se expande para a família na tentativa de compreender a realidade do seu viver. Partindo de sua experiência no estudo sobre a família, Roberts (1983) esclarece que o comportamento da família torna-se mais compreensível quando os ambientes interno e externo são conhecidos. Para a autora, o ambiente interno é formado pelas expectativas, crenças e valores frente à percepção e à interpretação do mundo, enquanto que o ambiente externo é constituído pelo meio físico e social.

Percebo que nestas várias formas de conceber o ambiente, este está ligado à família sob diferentes perspectivas. Algumas vezes ele é considerado como um elemento externo à família, mas capaz de estabelecer uma ligação que influencia a sua organização e o seu funcionamento. Noutras vezes, ele é percebido como o espaço físico e de relações na família, que pode favorecer ou dificultar o processo de viver de seus membros.

A família cresce e se desenvolve através do processo de viver e está sujeita as mudanças nas relações internas e externas, que a atingem de modo diverso. A realidade externa da família abrange inúmeras variáveis que influenciam e transformam o seu modo de viver. Os seres humanos mudam o seu ambiente e são mudados por ele e essa mudança pode afetar positivamente ou negativamente o viver de cada um e de todos. Em uma família, todos participam da vida de todos, formando um sistema no qual a mudança em um dos elementos leva à mudança da unidade. Assim como os indivíduos necessitam estar cientes

sobre os efeitos do ambiente em sua saúde, a família necessita olhar atentamente para o seu espaço de vida e o conjunto das suas relações (Friedman, 1986).

A enfermagem, em toda a sua história, tem voltado a sua atenção para a família. Tradicionalmente, a família tem sido considerada o ambiente ou o contexto do indivíduo, quer dizer, quando o foco da enfermagem está direcionado para o cuidado do ser humano em muitas situações de saúde e doença, a família é, então, vista como recurso ou estressor para esse indivíduo (Hanson e Boyd, 1996). Nos dias atuais, essa visão ainda permanece presente na enfermagem. Entretanto, a família, como uma unidade de saúde, tem despertado a atenção da enfermagem.

Durante muitos anos, a família foi reconhecida pelas enfermeiras de saúde pública como a unidade primária de cuidado de saúde. No entanto, não há teorias de enfermagem dirigidas para o trabalho com as famílias, como constata Kristjaman e Chalmers (1991). O que se tem, comentam as autoras, são os conhecimentos produzidos pelos cientistas sociais e os originados no campo da terapia familiar, os quais são aplicados no estudo e na prática da enfermagem à família. Como a enfermagem tem atuado no cenário natural da própria família, onde ela vive, ela reconhece a importância de ter uma base teórica que ajude a compreender o seu viver em seu próprio ambiente.

Alguns estudos realizados no meio acadêmico da Universidade Federal de Santa Catarina utilizaram como fundamentos teóricos as idéias básicas das teorias produzidas nos campos de conhecimento citados e os da enfermagem, aproximando aspectos das teorias e adaptando-as de acordo com o objeto de estudo e o ponto de vista de cada pesquisadora (Althoff, 1999). Entre as teorias, o Interacionismo Simbólico foi utilizado nos estudos elaborados por Elsen (1984); Ribeiro (1990); Nitschke (1991) e Ribeiro (1999). Nos contextos onde os estudos foram realizados, o ambiente emerge através da observação dos comportamentos e aspectos culturais presentes no modo de viver, revelando as características particulares do contexto e redefinindo as idéias sobre a realidade. Nitschke (1991) verificou que o ambiente físico e simbólico da família se traduz pelo significado do mundo que o cerca. A autora assinalou que "quando se interage com a família no

domicílio, realmente entramos no seu mundo, sendo possível melhor compreendê-la nos seus significados"(p.221).

Enfocando uma nova visão sobre o ambiente, Cooper (1992) nos fala sobre o ambiente como um campo de significados ou significância. Ele diz que não é o ambiente enquanto tudo aquilo que está ao nosso redor que importa à criatura, mas sim as coisas que têm significado para ela. Partindo desse ponto de vista, a enfermagem, ao dar atenção à família, pode conhecer os significados que seus membros têm sobre o seu ambiente.

De acordo com Kristjanson e Chalmers (1991), a enfermeira ou o enfermeiro é uma embaixadora, ou um embaixador, do sistema de saúde que entra no território da família visando à promoção da saúde. Por isso é importante que ela, ou ele, tome consciência sobre a dimensão que esse espaço representa na vida das pessoas, tanto em uma perspectiva macroscópica, ligada aos aspectos físicos, sociais, econômicos e políticos, quanto dentro de uma visão microscópica, o mundo interno, no qual o processo de viver da família acontece.

Seguindo o mesmo ponto de vista, Casey (1989) afirma que, para entender a família, a enfermagem necessita examinar o ambiente do qual ela faz parte. O autor declara ainda que a família tem a capacidade de sentir, conhecer, compreender e usar este processo para determinar padrões, fazer escolhas e reorganizar seu ambiente. Assim, cada família define o seu próprio padrão de interação, conforme o que ela percebe ser adequado para o seu funcionamento, principalmente nos aspectos relacionados à saúde. O autor finaliza dizendo que os ambientes físico, social e interpessoal interagem influenciando a saúde dos membros que compõem a família e a saúde da unidade familiar.

O presente trabalho baseia-se no meu interesse na família, em especial no ambiente familiar como o espaço de vida de seus membros. Do nascimento à morte, experimentamos um modo de viver e uma forma de ser através de ações diárias, buscando atender nossas necessidades e assegurando a nossa existência no mundo. A experiência humana é marcada pelas situações vividas na família, constituindo o nicho da vida humana. A maneira pela qual as pessoas vivem e as relações que elas estabelecem entre si têm a finalidade de preparar e

transformar o ser humano para a vida, levando em conta a sua inserção e a sua relação com o mundo. Esta prática está intimamente vinculada à família e à vida cotidiana.

Essa visão de interligação entre o ser humano e o ambiente tem me acompanhado durante toda a trajetória de minhas atividades profissionais, desde quando escolhi trabalhar em uma maternidade, até o presente momento, ao participar do ensino sobre a saúde da criança e da família e integrar o grupo de assistência, pesquisa e educação na área de saúde da família (GAPEFAM-UFSC). Além disso, trago na minha experiência pessoal a vivência da família em que nasci e da família a qual ajudei a formar. Todos nós compartilhamos um espaço que nos envolve, que nos influencia, que se transforma e que ajudamos a transformar em um processo dinâmico ao longo da vida. Embora eu tenha me graduado dentro de uma visão reducionista, aprendi a considerar o ambiente como um elemento importante no processo de viver dos seres humanos. Mas foi ao tomar conhecimento das questões ligadas ao processo de viver das famílias que percebi a importância do ambiente nesse processo.

Reconheço o importante papel da enfermagem junto à família no seu processo de viver saudável. É necessário, pois, conhecer como ela vive para que se possa, então, estabelecer estratégias de intervenção que sejam com ela articuladas. Esse conhecimento também é importante para que seja possível compartilhar saberes que contribuam para o crescimento da família como unidade competente de promoção da sua própria saúde e a de seus membros.

A trajetória percorrida para ir ao encontro do conhecimento sobre a realidade do ambiente familiar teve seu início na revisão da literatura sobre o ambiente nas teorias de família e de enfermagem. Essa revisão possibilitou o conhecimento de diferentes pontos de vista sobre o ambiente, os quais apresento no próximo capítulo. No entanto, esse conhecimento não foi suficiente para compreender o ambiente na família; tornou-se necessário ir um pouco mais adiante. A metodologia qualitativa parecia ser a indicada para o desenvolvimento do estudo. Strauss e Corbin (1990) afirmam que os métodos qualitativos são utilizados para entender um fenômeno sobre o qual pouco se conhece. Os autores argumentam

que um destes métodos é a Teoria Fundamentada nos Dados, que começa a partir de uma área de estudo selecionada, e que, no decorrer do seu desenvolvimento, permite emergir o que é relevante para aquela área.

Desse modo, entre os caminhos apontados pela banca examinadora, no que se refere à qualificação, e pela orientadora do estudo, optei por seguir a metodologia da Teoria Fundamentada nos Dados e o olhar teórico do Interacionismo Simbólico, os quais descrevo nos capítulos deste estudo. A partir do meu interesse pelo ambiente familiar, da minha experiência pessoal e profissional, das leituras sobre família e ambiente e revisão da literatura, elaborei a seguinte questão que norteou o estudo:

Como as famílias constroem o ambiente familiar?

A partir disso, esse estudo se propõe a:

- a) Compreender como o ambiente familiar é construído pelas famílias;**
- b) Construir uma formulação teórica sobre o ambiente familiar.**

CAPÍTULO 2

A REVISÃO DO CONCEITO DE AMBIENTE NAS ABORDAGENS TEÓRICAS

Ao tomar consciência sobre a importância do ambiente na família, a minha preocupação inicial foi compreender a questão conceitual a partir das construções teóricas relacionadas à área de interesse.

As teorias são úteis para a compreensão de um determinado fenômeno. Elas ajudam a explorar questões significativas para a pesquisa e guiar a prática de uma profissão. Como assinala Melleis (1997), a teoria é uma representação simbólica dos aspectos da realidade que são descobertos para descrever, explicar, predizer ou prescrever eventos, situações, condições ou relações.

Entendendo que o ambiente é um elemento integrante da vida humana, busco, neste espaço, verificar como ele é referido nas teorias de família e nas de enfermagem.

2.1 A VISÃO DE AMBIENTE NAS TEORIAS DE FAMÍLIA

A construção teórica sobre família foi tomando forma na metade do século passado. A partir dessa época, na tentativa de explicar os fenômenos que emergiam da sua existência, surgiram várias teorias relacionadas à família originadas de diversas fontes do conhecimento humano e das experiências de estudo e de trabalho focado nesse tema. Formada por um conjunto específico de

idéias, cada teoria procurava abranger a família sob um determinado foco e alcance.

As teorias têm possibilitado revelar certos aspectos fundamentais da vida familiar e por isso são utilizadas nas investigações sobre aspectos particulares da realidade, fundamentando a aplicação prática nas diversas situações surgidas ao longo do processo de viver das famílias. Klein e White (1996) declaram que, nas teorias de família, alguns conceitos se referem à interação social, outros estão relacionados a eventos, e outros descrevem a relação entre a família e o ambiente.

Neste momento, não pretendo abordar todos os elementos que fazem parte das teorias, procuro apenas identificar e compreender como o ambiente é visto nelas, a partir da publicação elaborada por Klein e White (1996). Nela, os autores descrevem os principais conceitos das seguintes estruturas teóricas: Interacionismo Simbólico, Sistemas, Ecológica, Conflito e Desenvolvimento.

O Interacionismo Simbólico é uma das estruturas teóricas abordadas pelos autores. Nela, o ambiente faz parte do processo de interação, este considerado um dos elementos centrais do Interacionismo Simbólico. Sua presença está ligada às primeiras noções introduzidas por Mead ao mencionar que, compartilhando símbolos comuns, os seres humanos podem adaptar-se e sobreviver em seu ambiente (Klein e White, 1996). Uma das idéias apresentadas pelo Interacionismo Simbólico é a de que o ser humano vive tanto em um ambiente físico quanto em um ambiente simbólico, a partir dos quais adquire um conjunto complexo de símbolos que possuem significados comuns. Dessa maneira, o ser humano decide o que deve ou não fazer com base nos símbolos apreendidos na interação com os outros e nas suas crenças sobre a importância desses significados. O ser humano não responde ao ambiente fisicamente dado, mas a um ambiente que é mediado através do processo simbólico, designado ambiente simbólico. Dessa maneira o comportamento é influenciado pelo significado dos símbolos (Maurin, 1983; Burr et. al., 1979; Mercer, 1989).

Apesar de o Interacionismo Simbólico enfatizar os significados compartilhados que surgem em um determinado ambiente, o conceito de

ambiente não é expressamente apresentado na estrutura teórica. A ênfase da perspectiva teórica está na natureza simbólica da ação humana.

Algumas pesquisas sobre a família, que têm se fundamentado nas idéias básicas do Interacionismo Simbólico, mencionam o ambiente no processo de interação. Nitschke (1991, p.66,221) realizou um estudo sobre a família de um recém nascido internado na unidade neonatal e, ao observar o ambiente físico e simbólico presente na situação da família do estudo, verificou que este se traduzia “ pelo significado que o mundo que os cerca tem para eles, ou seja, é o meio físico, social, espiritual, cultural da família do recém-nascido e da enfermeira, baseado nos símbolos (significados e valores) que, por sua vez, são influenciados pela interação da família do recém-nascido, enfermeira e destes com a sociedade”. A autora refere ainda que “quando se interage com a família no domicílio, realmente entramos no seu mundo, sendo possível melhor compreendê-la nos seus significados...”. O Interacionismo Simbólico como referencial foi também utilizado por Ribeiro (1990, p.251), ao realizar um estudo sobre a família da criança maltratada. A autora elaborou um mapa das interações da família com o ambiente e percebeu a influência da sociedade no comportamento da família. Declarou que “a interação conflituosa era um dos fatores que causava os maus tratos” e que os significados foram importantes para o entendimento da interação familiar. O diagnóstico formulado “direcionou as ações de enfermagem para que houvesse uma interação familiar e extra familiar de aproximação ”.

Entre as estruturas teóricas que vêm a organização do grupo familiar como uma unidade de análise, está a sistêmica. Um sistema consiste no conjunto de objetos que tem relações entre eles e entre seus atributos, com a existência dos limites que delineiam os elementos pertencentes ao sistema e ao seu ambiente, salientam Broderich e Smith (1979) ao apresentar a definição clássica de sistema formulada por Hall e Fagan. Com base nessa definição, Mercer (1989) esclarece que um sistema é composto por um conjunto de elementos que interagem, em que cada sistema é identificado como distinto do ambiente no qual existe. Cada sistema é parte de um sistema maior, referido como ambiente interagindo continuamente entre si. Existem limites que separam cada sistema de seu

ambiente e eles podem ser referidos como sistemas abertos ou fechados, de acordo com o grau de permeabilidade dos limites. Uma das suposições básicas dessa estrutura teórica é a de que um comportamento do sistema afeta o seu ambiente e esse retorna e afeta o sistema (Mercer, 1989, Klein e White, 1996).

Segundo essa estrutura teórica, a família é vista como um sistema que estabelece limites com o ambiente externo, considerando-a como um subsistema da comunidade. A família pode ser vista também como formada por subsistemas, um supra- sistema de cada membro da família. Dentro dessa visão, a família tem sido focalizada em muitos aspectos, geralmente abordada pelas terapias familiares. Em sua estrutura organizacional, os membros estão em constante interação significativa, lutando pela homeostase através do *feedback*, que é governado pelas normas ou regras familiares (Clements, 1983). A família procura manter as relações sociais e espaciais dentro dela e entre ela e o ambiente. Com base nos pressupostos da Teoria Geral dos Sistemas, da qual deriva essa estrutura teórica, o sistema familiar é entendido como maior e diferente do que a soma de suas partes. Porém, a família pode abranger vários subsistemas e interagir com outros subsistemas. Ao analisar um sistema familiar, são encontrados vários subsistemas, como: a família como um subsistema da comunidade, as díades ou, então, indivíduos que podem ser vistos como sistemas. Na relação entre o sistema e o ambiente, a família pode ser considerada o ambiente. Mercer (1989) chama a atenção para o fato de que a mudança em uma parte do sistema pode afetar o sistema como um todo.

Zimmerman (1988), ao discorrer sobre a família como um sistema social, revela a importância do ambiente, que, de modo geral, abrange áreas amplas como a tecnológica, cultural, social, econômica, política e ecológica, as quais afetam todos os sistemas e, em consequência, o ambiente específico. Desse modo, vê-se que a família está vulnerável ao desequilíbrio, não somente por causa das mudanças internas do seu próprio processo de desenvolvimento, mas devido às mudanças ambientais externas. Conforme Broderich e Smith (1979), conhecemos pouco sobre a família como sistema, a maioria dos estudos tem abordado os subsistemas da família.

Nessa estrutura teórica, o ambiente é reconhecido na delimitação das fronteiras e na influência que exerce sobre os sistemas. Porém, ele é apenas indicado como um elemento importante e ligado ao sistema, mas pouco explorado quanto à clareza de sua descrição conceitual.

A estrutura teórica mais recente e centrada no ambiente é a ecológica. Sua construção inclui pressupostos desenvolvidos por Hawley, dentro de uma macro perspectiva populacional, e por Bronfenbrenner, em relação ao desenvolvimento humano. O primeiro tem examinado as ligações entre as partes do ecossistema e as leis gerais que governam as inter-relações dessas partes, enquanto que o segundo procura examinar o comportamento-individual do ser humano como consequência da interação entre ele e o ambiente. A natureza do ser humano é tanto biológica quanto social. A família é central na organização social, sendo vista como o núcleo do mecanismo adaptativo ao meio. Nessa estrutura teórica, a família é vista como um ecossistema em interação com o ambiente (Klein e White, 1996).

Para Bronfenbrenner (1996,p.18), a ecologia do desenvolvimento humano “envolve o estudo científico da acomodação progressiva, mútua, entre um ser humano ativo, em desenvolvimento, e as propriedades mutantes dos ambientes imediatos em que a pessoa em desenvolvimento vive, conforme esse processo é afetado pelas relações entre esses ambientes e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos”. O autor ressalta que a pessoa em desenvolvimento deve ser considerada como “uma entidade em crescimento dinâmico, que progressivamente penetra no meio em que reside e o reestrutura” e que “a interação entre a pessoa e o ambiente (...) é caracterizada pela reciprocidade”. Dentro dessa visão, o ambiente não é único, imediato, mas “inclui interconexões” entre ele e a pessoa.

Embora a estrutura teórica denominada ecológica busque uma compreensão entre o ser humano e o ambiente, não há em sua estrutura um entendimento claro das questões que abrangem o ambiente e a família. Ela procura oferecer algumas perspectivas para se estudar o ser humano como membro da família, a família como grupo e o contexto ecológico no qual funcionam esses grupos (Klein e White, 1996).

Klein e White (1996) abordam também as teorias do conflito e do desenvolvimento da família. A teoria do conflito vê a família como um microcosmo ou um grupo dentro da instituição social mais ampla, cujos conflitos podem ser gerados dentro do próprio grupo ou entre grupos. Essa estrutura teórica está preocupada em verificar como as famílias gerenciam os conflitos. A estrutura teórica voltada exclusivamente para a família é a teoria do desenvolvimento da família. Seu foco está nas mudanças padronizadas e sistemáticas em etapas no ciclo de vida familiar, incorporando o tempo e a história como os principais componentes. Os conceitos e pressupostos dessas estruturas teóricas estão voltados para outros aspectos da vida familiar sem focalizar o ambiente.

Resumindo, em qualquer uma das estruturas teóricas apresentadas acima, o ambiente não é abordado como um conceito essencial. Todavia, as estruturas teóricas sobre família, entre elas a sistêmica, a ecológica e a interacionista simbólica, mencionam o ambiente como um elemento importante e fazem referência a ele na descrição de seus conceitos e pressupostos. As outras estruturas teóricas não fazem menção ao ambiente, pois seus focos são dirigidos para outros componentes da realidade familiar.

2.2 A VISÃO DE AMBIENTE NAS TEORIAS DE ENFERMAGEM

Desde o momento em que as enfermeiras começaram a se organizar para cuidar do ser humano, as idéias teóricas começaram a surgir na enfermagem. As teorias de enfermagem têm incluído aspectos do ser humano, ambiente, saúde e enfermagem como os conceitos fundamentais dessa disciplina.

O ambiente, como tema de interesse da enfermagem, surgiu com Florence Nightingale, na segunda metade do século XIX. Ao desenvolver sua prática nos campos de batalha, percebeu que a saúde se mantinha graças à prevenção da enfermidade por meio de cuidados com o ambiente. Os seus escritos expostos em *Notes on Nursing: what it is, and what is not*, publicado originalmente em 1859, revela a sua preocupação com os aspectos ambientais tais como a ventilação, o ruído, a limpeza, a alimentação e outros, relacionados aos cuidados do ser humano doente e, principalmente, à prevenção de doenças (Nightingale, 1969). Ela procurou centralizar os cuidados não somente no ambiente físico,

mas considerava o ambiente interligado ao ser humano, dentro da perspectiva holística e ampla do viver das pessoas. Ela chamava a atenção para os aspectos psicológicos e sociais, mostrando a importância da família junto ao paciente. Apesar de sua teoria estar centrada no ambiente, o termo não aparece claramente definido em seus escritos. Tebbe (1988); Graaf, Mossman e Slebodnik (1989), ao fazerem referências sobre seus escritos, salientaram que Nightingale procurava enfatizar o ambiente, como as condições externas, que tem influências sobre a vida e o desenvolvimento de um organismo, capaz de prevenir, suprir ou contribuir para a doença e a morte.

Embora a elaboração das teorias tenha começado com Florence Nightingale, seu desenvolvimento é mais evidenciado a partir da década de 50 do século XX. Para compreender como o ambiente está inserido nas teorias de enfermagem, utilizei a classificação de teorias segundo o foco primário, elaborada por Meleis (1997). Essa classificação está centrada em quatro focos: cliente, interação pessoa- ambiente, interação e enfermagem terapêutica.

As teorias que focalizam o cliente são as descritas por Dorothy Johnson, Betty Neuman e Callista Roy . A primeira baseia-se num modelo de sistema comportamental em que o comportamento do indivíduo é influenciado por todos os acontecimentos do ambiente. Esse ambiente está relacionado com os objetos, acontecimentos e situações. O modelo teórico de Johnson parece estar mais voltado para o indivíduo, considerando a família como ambiente do indivíduo (Lobo,1993).

Para Betty Neumann, o cliente tem características únicas e universais e está em constante troca de energia com o ambiente. Esta considera o ambiente como o conjunto de todos os fatores que afetam o sistema e que são afetados por este (Hermiz, Meininger, 1989). O ambiente é distinguido como interno, externo e criado. Enquanto o ambiente interno é referido como o interpessoal, o externo inclui o interpessoal e os componentes extrapessoais. O ambiente que a teórica denomina de criado é formado pelos três componentes: o intra, o inter e o extrapessoal, constituindo a interface que conecta o ambiente externo e interno (Meleis, 1997).

Dentro da mesma linha do pensamento sistêmico, o ambiente é definido por Roy como "todas as condições, circunstâncias e influências que cercam e afetam o desenvolvimento e o comportamento de pessoas e grupos". A constante interação do indivíduo com o ambiente está caracterizada por mudanças internas e externas, em que cada um procura adaptar-se para manter a sua integridade. Toda troca de ambiente exige um aumento de energia do ser humano para adaptar-se à situação (Galbreath, 1993, p. 213).

De acordo com a classificação de Meleis (1997), a teoria que tem como foco a relação entre o ser humano e o ambiente é a descrita por Martha Rogers. O ambiente é definido pela teórica como um campo energético irreduzível, indivisível e pandimensional, identificado por padrões e integral com o campo humano. Cada campo do ambiente é específico ao campo humano correspondente, sendo que nenhum ser humano ou ambiente pode ser discutido, considerado ou entendido isolado um do outro. A troca contínua de matéria e energia entre o ser humano e o ambiente torna-os inseparáveis e complementares. A teórica acredita que é somente através do conhecimento do ser humano, do ambiente e de sua interação que a enfermagem pode entender o seu cliente e assisti-lo para alcançar saúde (Rogers, 1970, 1990).

Segundo Meleis (1997), as teorias que focalizam a interação entre o cliente e a enfermagem são formuladas por Imógene King, Ida Orlando, Josephine Paterson e Loretta Zderad, Joyce Travelbee e Ernestine Wiedenback. Ao desenvolver uma abordagem teórica para a enfermagem, King inclui nas suposições básicas a idéia de que "os seres humanos constituem sistemas abertos, em constante interação com o seu ambiente" (George, 1993, p.175). Nesse sentido, ela procura enfatizar as interações do indivíduo com o ambiente e refere que essas influem nas adaptações à vida e à saúde do ser humano. O conceito de ambiente não está especificado em sua teoria. Entretanto, a teórica menciona o termo no conceito de saúde, assim descrito: "experiências dinâmicas de vida de um ser humano que implicam ajustamentos contínuos a estressores, no ambiente externo e interno, através de uso adequado dos recursos próprios para alcançar o máximo potencial para a vida diária" (George, 1993, p.183).

As teorias de Wiedenbach, Travelbee e de Orlando não definem o ambiente, apenas abordam o tema de forma implícita, considerando as forças existentes fora do organismo e as experiências de vida do ser humano como integrantes do ambiente, favorecendo ou criando obstáculos para a saúde. Wiendenback, ao descrever a teoria prescritiva, trata a questão do ambiente dentro da realidade de uma situação em relação à estrutura que compõe o contexto na qual a enfermagem é praticada. Infere que o ambiente pode produzir obstáculos levando a pessoa a necessitar de ajuda (Danko et al.,1989; Bennett e Foster,1993). Paterson e Zderad, ao elaborarem uma teoria sobre a prática da enfermagem humanista, também não apresentam uma definição de ambiente, discorrendo apenas sobre o mundo real e objetivo dos homens e das coisas (Meleis, 1997).

As teorias de intervenção foram classificadas por Meleis (1997) como enfermagem terapêutica, nas quais se incluem as teorias de Dorothea Orem e Myra Levine. O modelo de auto-cuidado de Orem, que tem como foco central a capacidade do indivíduo de se auto-cuidar, não define o ambiente, apenas o menciona no diagrama e no conceito de enfermagem. Conforme a teórica, "a enfermagem é a ação voluntária de causar condições humanamente desejadas nas pessoas e seus ambientes" e " reconhece o valor dos membros da família e outros elementos para a provisão de auto - cuidado individual" (Foster e Janssens,1993, p. 97, 104).

Na teoria elaborada por Levine, o ambiente é encarado em suas dimensões internas e externas. O ambiente interno trata do corpo e de seu funcionamento, enquanto que o ambiente externo é composto por três dimensões: perceptual, operacional e conceituai. A dimensão perceptual refere-se aos sentidos; a operacional, a tudo o que afeta um organismo fisicamente, e a conceitual, aos processos sociais, de pensamento e emoção. A interação entre o ambiente externo e interno está na adaptação, no ajuste entre a pessoa e o ambiente. A teórica afirma claramente que a enfermeira é parte do ambiente e que, de forma mais ampla, a sociedade é parte do ambiente externo o qual o cliente vivencia a todo momento (Leonard,1993; Meleis, 1997).

Para facilitar a visão das teorias de enfermagem sobre o ambiente, utilizei a classificação de teoria elaborada por Meleis (1997). Contudo, outras teorias não

incluídas nessa classificação abordam de alguma maneira o ambiente, como um elemento importante para a ação da enfermagem. Entre elas, destaco as teorias elaboradas por Jean Watson, Rosemarie Rizzo Parse e Madeleine Leininger.

Watson, ao expor sobre a filosofia e a ciência do cuidado na enfermagem assinala que "o verdadeiro cuidado da saúde centraliza seu foco no estilo de vida, nas condições sociais e no ambiente" (Talento,1993,p.260). Declara, ainda, que existe interdependência entre os ambientes externos e internos, os quais influenciam na saúde e na doença. O ambiente é referido pela teórica como o "clima de cuidado", no qual o indivíduo pode desenvolver seu potencial para escolher o que é melhor para ele. Ela considera que uma das variáveis que afeta a sociedade é determinada pelo ambiente social. A sociedade oferece os valores que determinam a maneira como alguém deve comportar-se e as metas pelas quais deve lutar. Esses valores são afetados por mudanças nas arenas social, cultural e espiritual (Talento, 1993).

Parse e Leininger têm apresentado visões peculiares sobre o ser humano e a saúde. A teoria elaborada por Parse está baseada em princípios da fenomenologia. Ela considera o ser humano como um ser multidimensional e aberto, em intercâmbio recíproco e simultâneo com o ambiente. A teórica, ao exibir seus pressupostos teóricos, entende "o homem e o ambiente como inseparáveis, cada um co-participando na criação da experiência do viver". De acordo com a crença fenomenológica na qual se baseia, Parse considera que "o ambiente é construído com tudo o que é mostrado à pessoa, na experiência vivida" (Hickman,1993,p.275).

A teoria proposta por Leininger apresenta uma outra visão. Ela construiu uma teoria sobre a enfermagem transcultural, na qual o ser humano é visto como um ser cultural. Nessa perspectiva, a teórica faz referência ao contexto ambiental, considerando-o como "a totalidade de um acontecimento, situação ou experiência particular que confere sentido às expressões humanas, incluindo interações sociais, dimensões físicas, ecológicas, emocionais e culturais". (George, 1993, p.288).

Resumindo, as teorias de enfermagem que fazem referência ao ambiente concebem-no sob diferentes pontos de vista. A concepção mais abrangente é

expressa pelas condições externas, que têm influência sobre a vida do ser humano. Algumas teorias mencionam às condições internas, como as propostas por Neuman, Levine e Watson. A relação entre o ser humano e o ambiente está presente nas idéias de algumas teorias, cujas formulações são referidas pela troca de energia, propostas por Neuman e Rogers; através da interação, referida por King; na adaptação, indicadas por Levine e Roy; como clima de cuidado, citado por Watson, e construída na experiência do viver, exposta por Parse e Leininger. Dentre as teorias que tem o ambiente como um dos seus conceitos principais, encontra-se a formulada por Rogers. Ela considera o processo de interação entre o ser humano e o ambiente como fundamental para o processo de viver.

A revisão sobre o conceito de ambiente me fez perceber que, embora as teorias de enfermagem tenham apontado-o como um conceito importante, ele não está suficientemente claro para ser aplicado, o que o torna complexo e de difícil operacionalização. A visão da inter-relação entre o ser humano e o ambiente é ainda muito ampla, tornando difícil também a sua utilização na prática, como apontam Marriner-Tomey (1989); George (1993) e Meleis (1997). Por outro lado, nas teorias de família, o ambiente é referido como um elemento implícito nas idéias que fundamentam o Interacionismo Simbólico, a Teoria dos Sistemas na Família e a Teoria Ecológica. Novamente, o conceito de ambiente não se apresenta claro e operacional. Deste modo, entendo que é necessário avançar em busca de um conhecimento que possibilite clarear o conceito de ambiente, especificamente sobre o ambiente familiar.

CAPÍTULO 3

UM MODO DE OLHAR O ESTUDO

Para direcionar este tipo de estudo, o Interacionismo Simbólico foi considerado o referencial teórico apropriado. O Interacionismo Simbólico é uma perspectiva teórica da ciência, formada por um conjunto de idéias sobre a natureza das pessoas e a sociedade, com o foco na interação humana. Acredita-se que é através do processo de interação que os seres humanos formam os significados. Os seres humanos agem em relação as pessoas e às coisas com base nos significados que elas tem para eles. O Interacionismo Simbólico propõe uma base para o entendimento do significado na interação entre os seres humanos.

Para entender o Interacionismo Simbólico, procurei, inicialmente, voltar um pouco a sua origem, apontando algumas idéias dos pensadores que influenciaram o seu desenvolvimento. A seguir, apresento as idéias básicas que constituem a estrutura desta perspectiva teórica, considerando-a como uma linha básica para o referencial.

3.1 A ORIGEM DAS IDÉIAS DO INTERACIONISMO SIMBÓLICO

O Interacionismo Simbólico tem sua origem fundamentada no pragmatismo, um movimento filosófico que surgiu no final do século IX e início do século XX em diversos países, especialmente nos Estados Unidos e Inglaterra. Deste chamado pragmatismo anglo-norte-americano, estão as idéias dos pensadores como

Charles S. Peirce(1839-1914), William James(1842-1910), William Thomas(1863-1947), John Dewey(1859-1952) e George Herbert Mead(1863-1931), que exerceram uma grande influência no Interacionismo Simbólico (Mora, 1994).

Charles S. Peirce é considerado o criador do pragmatismo. Ele achava que “para solucionar os problemas filosóficos, ou ao menos encaminhar soluções, impunha-se descobrir métodos apropriados que conferissem significados às idéias filosóficas em termos experimentais e organizassem essas idéias para que pudessem ser entendidas a novos fatos”. Considerou o pragmatismo como “um método (...) capaz de encaminhar a compreensão de problemas de natureza científica e filosófica (...) de reconstrução ou de explicação dos significados dos conceitos pouco claros”. Para ele “determinar o que um conceito significa é necessário examinar suas possíveis conseqüências futuras”(Peirce, 1989, p. VIII).

No curso do desenvolvimento das idéias, Peirce se dedicou à elaboração da complexa teoria dos signos, afirmando que “todo pensamento implica a interpretação ou representação de alguma coisa por outra coisa (...) a interpretação somente pode realizar-se através do signo”. Para ele, o signo é “algo que, para alguém, equívale a alguma coisa, sob algum aspecto ou capacidade”. Assim, “as idéias ou pensamentos implicam um objeto para a interpretação, um intérprete do objeto e a interpretação propriamente dita” (Peirce, 1989, p. IX,X). A teoria de signos contém uma consciência interpretativa pertencente a um sujeito que deseja comunicar sua intenção ao outro ou a si mesmo. A preocupação do filósofo consistia em desenvolver um método que possibilitasse clareza e determinação dos significados dos signos. Ele acreditava que isto facilitaria o entendimento da comunicação (Burr et al., 1979; Joas, 1995). Outros pensadores também tiveram grande expressão no movimento pragmático, entre eles são citados William James e John Dewey. Cada um deles apresentou formulações diferentes, querendo ampliar ou incluir novas idéias ao movimento.

Ao expor suas idéias sobre o método pragmático, William James declarou que o termo pragmatismo “deriva da mesma palavra grega *pragma*, que significa ação, da qual vem as nossas palavras ‘prática’ e ‘prático’”. Para ele, o pragmatismo é somente um método que exprime uma atitude de orientação, “ a atitude de olhar além das primeiras coisas, dos princípios, das ‘categorias’, das

supostas necessidades; e de procurar pelas últimas coisas, frutos, conseqüências, fatos” (James, 1979, p.21). Ele queria dar um sentido mais amplo do que o apresentado por Peirce, considerando o pragmatismo “não apenas como um método de determinação de significados, mas também como uma nova teoria da verdade”. Segundo ele, a verdade é “algo essencialmente ‘aberto’ e em constante movimento (...) que pode ser obtida entre uma idéia e seu objeto” (James, 1979, p.XI,XIII,113). James fez importantes contribuições na psicologia. Ele foi o primeiro a desenvolver a noção de *self*, mais tarde utilizada e modificada pelos interacionistas.

Embora tenha partido do pragmatismo de Peirce e James, John Dewey rejeitou a visão de verdade de James e achava as idéias de Peirce muito restritas. Ele chamou de instrumentalismo a concepção de suas idéias, evidenciando o caráter instrumental e operativo dos procedimentos do conhecimento. Dewey procurou encontrar um caminho que aproximasse as idéias filosóficas das coisas práticas. No seu pragmatismo instrumentalista, ele observou que o pensamento e a ação não são considerados polos opostos, mas sim que “o pensamento é uma fase indispensável da ação” (Dewey, 1980, p.X).

No início do século XX, os fundamentos filosóficos foram completados também, pelas idéias geradas nas ciências sociais. Charles Horton Cooley foi o primeiro a expressar a necessidade de um pragmatismo social e a desenvolver uma teoria do *self*. Partindo da idéia sobre *self*, de William James, Cooley expandiu o conceito, considerando a reflexão sobre o próprio comportamento como parte do *self*. Porém, sua teoria não fundamentou de forma consistente a consciência sobre a ação, parecendo mais emotiva do que cognitiva. Somente mais tarde suas idéias foram incorporadas e ampliadas por George Herbert Mead (Joas, 1995; Burr et al., 1979).

Enquanto isso, William Thomas, ao integrar o pragmatismo à investigação sociológica, procurou tornar o modelo teórico mais concreto do ponto de vista da sociologia. Uma de suas idéias, denominada de definição de situação, é uma reinterpretação de uma máxima pragmática elaborada por Peirce em 1905, a partir da qual formulou o seguinte princípio psicossocial: “ o que o homem define como real tem conseqüências reais”. Conhecida como definição de situação, essa

idéia guiou as primeiras formulações do Interacionismo Simbólico, conforme declaram Klein e White (1996).

De acordo com Joas (1995,p.115-116),o Interacionismo Simbólico é a continuação de certas partes do pensamento de um grupo heterogeneo e interdisciplinar de teóricos e pesquisadores da Universidade de Chicago. Eles exerceram influência na sociologia americana entre 1890 a 1940 e tiveram importância na transformação das idéias fundamentais do pragmatismo em uma teoria concreta da ciência social e na investigação empírica. Considera-se este primeiro período como o mais importante para as idéias geradoras do Interacionismo. Entretanto, foi George Hebert Mead o grande instigador e pai do Interacionismo Simbólico. Mead foi membro do grupo de pensadores da denominada Escola de Chicago, amigo e colaborador de Dewey, um dos principais pragmáticos norte americanos (Littelejohn, 1982).

George H. Mead se inspirou em diversas fontes do conhecimento. Além do pensamento pragmático, a perspectiva naturalística do trabalho de Charles Darwin e as idéias do behaviorismo tiveram uma influência em seu trabalho. Naquela época, a teoria da evolução desenvolvida por Darwin provocou uma revolução nas ciências. Ele acreditava que a natureza deveria ser entendida nos seus próprios termos, sujeita às leis naturais. Inspirado no trabalho de Darwin, Mead achava que deveríamos considerar o ser humano como parte da natureza e em constante mudança. Relacionado ao pensamento evolucionista, estava a capacidade do ser humano de raciocinar e de comunicar simbolicamente consigo mesmo e com os outros. Assim, no pensamento de Mead, o ser humano é o único capaz de entender, alterar e ajustar-se à natureza, através da construção, invenção e descoberta. Todavia, Mead não concordava com a idéia de considerar o comportamento como somente aquilo que podia ser visto. Ele acreditava que sem o entendimento da mente, sociedade e *self*, o comportamento humano não poderia ser entendido pelo o que ele é. Mead se considerava um behaviorista social, interessado no ato social (Charon, 1989).

As idéias de George H. Mead foram organizadas, editadas e publicadas após a sua morte, ocorrida em 1931. Uma de suas obras mais importantes, *Mind, Self and Society*, publicada em 1934, é considerada a bíblia do Interacionismo

Simbólico, na qual concebeu as idéias de sociedade, *self* e mente, que formam a base do pensamento interacionista (Haguette, 1999).

Ao discorrer sobre o Interacionismo Simbólico, Littlejohn (1982, p.68,69) declara que os principais conceitos da obra de George H. Mead, sociedade, *self* e mente, não são categorias distintas, mas “ênfases diferentes sobre o mesmo processo: o ato social”. O autor declara ainda que Mead considera o ato social “como a unidade básica de análise (...), uma relação triádica que consiste num gesto inicial de um indivíduo (encoberta ou abertamente), e uma resultante do ato, a qual é percebida ou imaginada por ambas as partes na interação”.

Mead (1972) afirma que os gestos constituem o mecanismo básico do ato social. Eles se tornam símbolos significantes quando despertam respostas na própria pessoa ou em outras às quais os gestos são dirigidos. A mente é parte fundamental do processo social, surge e se desenvolve na conversa interna da pessoa consigo mesma. O sistema nervoso central é o aspecto biológico importante para o desenvolvimento da mente, porém, a existência da mente somente é possível através de gestos como símbolos significantes. Estes, por sua vez, possuem significados que são dados ou afirmados em termos de respostas, implícita ou explicitamente no ato social. O significado não deve ser concebido como estado de consciência e sim objetivamente, como tendo sua existência internamente no ato social.

De acordo com Mead (1972), tanto a mente como o *self* são processos de uma organização social mais ampla, da qual a pessoa faz parte. O *self* é desenvolvido no processo da experiência social como resultado de suas relações neste processo. A partir da idéia de que o ser humano pode atuar em relação aos outros, ele pode fazê-lo em relação a si mesmo. Mead (1972) identificou duas fases distintas do *self*, denominadas de “eu” (I) e “mim” (Me). Enquanto o “eu” é a resposta da pessoa para as atitudes do outro, o “mim” é o conjunto organizado das atitudes do outro, que a pessoa assume.

Ao interpretar o pensamento de Mead, Ritzer(1993) declara que, o “eu” é o aspecto imprevisível e criativo do *self*, conferindo certo dinamismo as situações cotidianas. O “mim” é a adoção do “outro generalizado”. Essa expressão “outro generalizado” foi criada por Mead (1972) e refere-se à comunidade organizada ou

grupo social que dá à pessoa, sua unidade de *self*. A adoção do papel do “outro generalizado” não somente é essencial para o pleno desenvolvimento do *self*, mas crucial para as atividades grupais organizadas (Ritzer, 1993).

De modo geral, a sociedade, um elemento integrante da obra de Mead (1972), é referida por ele como o processo social que precede a mente e o *self*. Baseia-se nos comportamentos cooperativos de um grupo. A cooperação humana surge quando cada ser humano percebe a intenção do ato do outro e constrói a sua resposta de acordo com aquela intenção. Essa intenção é transmitida pelo gesto que se torna simbólico, interpretado pelo receptor que atribui um significado àquele gesto. Na sociedade, os símbolos usados possuem um significado compartilhado. A relação dos seres humanos entre si permite o compartilhar de experiências, no desenvolvimento de habilidades para responder ao outro e a si mesmo. Assim, a sociedade nasce através dos símbolos significantes dos seres humanos no grupo (Haguette, 1999; Littlejohn, 1982).

As idéias desenvolvidas por Mead foram particularmente importantes para o Interacionismo Simbólico. Ao expor esta perspectiva teórica Haguette (1999), ressalta que o ser humano é capaz de formar os seus objetos e pode, através das atividades, estabelecer seu ambiente e os objetos sociais que dele fazem parte. Os primeiros interacionistas enfatizavam o “papel do símbolo e do significado compartilhado, como fator aglutinante na sociedade (...) e sustentavam que o comportamento da pessoa não podia ser estudado independentemente do contexto em que o comportamento ocorria e da percepção que ela tinha do seu ambiente” (Littlejohn, 1982, p.66).

Com a morte de Mead, em 1931, o desenvolvimento do interacionismo simbólico foi dividido em dois períodos. No primeiro, denominado de tradição oral, grande parte das idéias foram sustentadas e transmitidas oralmente por seus criadores, principalmente por Mead. Nos anos que se seguiram, outros pesquisadores contribuíram para o desenvolvimento desta perspectiva teórica em diferentes variações, formando duas escolas. A Escola de Iowa, que tem como progenitor Manford Kuhn, acreditava na operacionalização dos conceitos para o estudo científico da interação, e a Escola de Chicago, liderada por Herbert

Blumer, um sociólogo e devotado discípulo de Mead, deu continuidade à tradição do primeiro período. (Littelejohn,1982; Burr et. al.,1979).

3.2 AS IDÉIAS FUNDAMENTAIS

Herbert Blumer foi o criador do termo Interacionismo Simbólico. Ele procurou investir no aperfeiçoamento desta perspectiva teórica e suas idéias foram publicadas no livro *Symbolic Interactionism: perspective and method*, em 1969, considerado essencial na compreensão desta perspectiva teórica. Os fundamentos do Interacionismo Simbólico, propostos por Blumer (1969), estão baseados em três premissas e nas idéias básicas ou *root images*, como ele preferiu chamá-las, que apresento a seguir.

3.2.1 Premissas Básicas

Primeira premissa. Os seres humanos agem em relação às coisas com base no significado que elas têm para eles. Estas coisas incluem tudo o que o ser humano pode encontrar no seu mundo, ou seja, objetos físicos, outros seres humanos, categorias de seres humanos, instituições, atividades e situações da vida diária.

Segunda premissa. O significado de tais coisas é derivado ou decorre da interação social que cada ser humano tem com o outro.

Terceira premissa. Estes significados são tratados e modificados através de um processo de interpretação, usado pela pessoa ao lidar com as coisas que ela encontra.

Blumer (1969), mostra por meio dessas premissas as suas idéias sobre o significado, referindo-se como diferentes das visões dominantes na psicologia e nas ciências sociais. Ele não vê o significado como surgindo através de uma convergência de elementos psicológicos no ser humano, cujo comportamento humano é considerado o produto de fatores, tais como, atitudes, estímulos, percepção, cognição e outros. Do mesmo modo, os sociólogos indicam outros fatores, entre eles, posição social, papéis, normas e valores. Blumer(1969) vê o significado como surgindo no processo de interação entre os seres humanos, na

maneira como o ser humano age com o outro em relação a uma determinada coisa. O autor entende que o significado formado no contexto social, envolve um processo de interpretação que tem dois passos distintos. Primeiro, o ator indica para si mesmo as coisas que possuem significado, um processo no qual ele está interagindo ou comunicando-se consigo mesmo. Segundo, o ator seleciona, checa, suspende, reagrupa e transforma os significados à luz da situação na qual ele está colocado e da direção de sua ação. Assim, a interpretação é considerada como um processo formativo em que os significados são utilizados para dirigir as ações.

No Interacionismo Simbólico, os significados são considerados produtos sociais, como criações formadas dentro e através das atividades das pessoas, à medida que elas interagem. Com base nas premissas, Blumer(1969), desenvolveu um conjunto de idéias básicas sobre a sociedade e a conduta humana. Estas idéias, denominadas *root images* ou "*raízes*", constituem a estrutura de estudo e referem-se à natureza dos seguintes elementos: sociedade ou grupo humano, interação social, objeto, ser humano como ator, ação humana e as interligações das ações.

3.2.2 Raízes: As Idéias Básicas

3.2.2.1 Sociedade ou grupo humano. Os grupos humanos se constituem de seres humanos engajados na ação. A ação consiste das múltiplas atividades que os seres humanos desempenham no encontro com o outro, frente a uma situação. Os seres humanos podem agir sozinhos, coletivamente, em nome de ou como representantes de alguma organização ou grupo. Os grupos humanos ou sociedades existem em ação e devem ser vistos em termos de ação. Um princípio básico do Interacionismo Simbólico é que qualquer esquema de sociedade humana orientada empiricamente, deve respeitar o fato de que no primeiro e no último momento, a sociedade humana consiste de pessoas engajadas na ação. Para ser empiricamente válido, o esquema deve ser consistente com a natureza da ação social dos seres humanos.

3.2.2.2 A natureza da ação social. Uma sociedade consiste de indivíduos interagindo uns com os outros. As atividades de seus membros ocorrem, na

maioria da vezes, em resposta um ao outro ou em relação ao outro. A vida humana em grupo pressupõe a interação entre seus membros. Esta interação tem uma importância vital e deve ser vista como um processo que forma a conduta humana, em vez de ser meramente um meio para a sua expressão. O ser humano enfrenta a situação na qual é chamado para agir, considerando o significado das ações dos outros e definindo a sua própria linha de ação à luz de sua interpretação. A interação simbólica envolve a interpretação da ação.

Duas formas de interação social foram identificadas por Mead, “conversação de gestos” e “símbolos significantes”, denominadas por Blumer (1969) como “interação não simbólica” e “interação simbólica”, respectivamente. O gesto possui significado ao mesmo tempo para a pessoa que o faz, bem como para a pessoa para quem ele é dirigido. Quando o gesto possui o mesmo significado para ambos, eles entendem um ao outro. Na “interação não simbólica”, o ser humano responde à ação do outro sem interpretá-la, enquanto que a “interação simbólica” envolve a interpretação da ação. O significado assume um papel importante. Ele é considerado o produto da vida social que emerge da interação, através de um processo de interpretação consciente do ser humano.

Uma sociedade humana consiste de pessoas em associação engajando-se em interações sociais. Esta interação acontece em nível simbólico, uma vez que os seres humanos agem individual ou coletivamente, levando em consideração as ações um do outro à medida que formam as suas próprias ações. A vida em grupo humano é necessariamente um processo formativo.

3.2.2.3 A natureza dos objetos. O objeto é definido por Blumer (1969) como alguma coisa que é, pode ser indicada ou referida. Ele pode ser classificado como objeto físico, social e abstrato. A natureza de um objeto se constitui no significado que ele tem para o ser humano. Este significado estabelece a maneira pela qual ele vê o objeto, está preparado para agir em sua direção e na maneira pela qual ele está pronto para falar a respeito dele. Um objeto pode ter diferentes significados para diferentes indivíduos. O significado dos objetos para o indivíduo surge na maneira pela qual eles são definidos pelos outros com quem interage.

A partir deste ponto de vista, o ambiente dos seres humanos consiste somente de objetos conhecidos por eles. A natureza deste ambiente é

estabelecida pelo significado que os objetos têm para eles. Os seres humanos podem ocupar ou viver na mesma locação espacial e ter ambientes diferentes. De acordo com Blumer (1969), o termo "mundo" é mais adequado para designar o cenário, os arredores e a textura das coisas que os confrontam. É no mundo de seus objetos que os seres humanos desenvolvem suas ações. Para entender as ações das pessoas, é necessário identificar seus mundos de objetos.

Os objetos devem ser vistos como criações sociais. O significado de qualquer coisa tem de ser formado, aprendido e transmitido através de um processo social.

Na interação simbólica, a vida do grupo humano é um processo pelo qual as pessoas formam, sustentam e transformam os objetos de seu mundo de acordo com os significados que dão aos objetos. Os objetos podem passar por mudanças nos seus significados. A vida e a ação das pessoas mudam com as mudanças em seu mundo de objetos.

3.2.2.4 Ser humano como ator. O ser humano é visto como um organismo que responde a outros, não somente em nível não-simbólico, mas faz e interpreta as indicações de outros. O ser humano possui um *self*, que significa ser um objeto da sua própria ação. Ele é um objeto para si mesmo, age e guia as suas ações em direção a outros, com base no tipo de objeto que ele é para si mesmo. O objeto do *self* emerge do processo de interação social. Na abordagem do *self*, Blumer (1969) faz referência as idéias de Mead, o qual destaca que para se tornar um objeto para si mesmo, uma pessoa tem de ver-se a partir de fora. Pode-se fazer isso somente se colocando na posição do outro e vendo ou agindo em direção a si mesmo, a partir dessa posição. Nós formamos os objetos de nós mesmos, através de um processo de tomada de papéis.

No Interacionismo Simbólico, o ser humano é visto como um organismo social que se engaja em interação consigo mesmo ao fazer indicações para si e responder a estas indicações. Em virtude de se engajar em auto-interação, o ser humano coloca-se em uma situação diferente com o seu ambiente. Ele é um organismo atuante, em vez de meramente responder à atuação de algum fator, na sua organização.

3.2.2.5 A natureza da ação humana. A capacidade do ser humano de fazer indicações para si mesmo confere um caráter distinto à ação humana. Ele tem de enfrentar as situações nas quais ele é chamado a agir, descobrindo o significado das ações dos outros e planejando a sua própria ação à luz de tal interpretação. A ação humana consiste em levar em consideração as diversas coisas que ele observa, interpreta e estabelece uma ação. Esta visão de ação humana aplica-se também para as ações conjuntas ou coletivas. O processo interpretativo acontece quando os participantes fazem indicações uns aos outros, não meramente cada um para si mesmo. A ação conjunta ou coletiva é um resultado de tal processo de interação interpretativa.

3.2.2.6 Interligações das ações. A vida em grupo humano consiste no ajuste de linhas de ação entre seus membros. Esta articulação constitui a ação conjunta, uma organização societal da conduta de diferentes atos dos participantes. Uma ação conjunta formada pelas ações de diversos componentes é diferente de qualquer um deles e da sua agregação. Ela tem um caráter distinto que se situa na articulação identificada sem ter que separar os atos dos participantes.

Blumer (1969) faz algumas ponderações em relação à ação conjunta. Ele diz que a ação conjunta sempre sofre um processo de formação, embora possa ser uma forma de ação social repetitiva e estabelecida. Sob este ponto de vista, grande parte das ações sociais, particularmente numa sociedade acomodada, existem na forma de padrões recorrentes de ação conjunta. As pessoas têm um entendimento de como agir e de como as outras pessoas agirão. Elas compartilham significados comuns e preestabelecidos do que é esperado na ação dos participantes e, conseqüentemente, cada participante torna-se apto a guiar o seu comportamento por tais significados. Entretanto, novas situações surgem dentro da esfera das ações e até mesmo as ações conjuntas preestabelecidas são formadas novamente. Os participantes têm que construir suas linhas de ação e ajustá-las uns aos outros através de um processo de definição e interpretação.

O outro aspecto ponderado por Blumer (1969) diz respeito às redes ou à conexão estendida das ações, envolvendo um encadeamento e uma interdependência das ações de diversas pessoas. Elas dão a idéia de que a vida

humana em grupo tem o caráter de um sistema. Conforme o autor, uma rede ou uma instituição não funciona automaticamente por causa de uma dinâmica interna ou exigência do sistema, ela funciona porque as pessoas, em pontos diferentes, fazem alguma coisa, e o que elas fazem é o resultado de como definem a situação na qual são chamadas a agir.

Uma terceira observação feita por Blumer (1969) destaca que qualquer ação conjunta, recém formada ou já estabelecida, surgiu das experiências de ações prévias dos participantes. Os participantes envolvidos na formação de novas ações conjuntas sempre trazem o mundo de objetos, os conjuntos de significados e os esquemas de interpretação que já possuem. Sempre há alguma conexão e continuidade com o que existia antes.

Blumer (1969, p.50) declara que para o estudo do grupo humano e a ação social, as quatro concepções centrais do Interacionismo Simbólico são:

- a) As pessoas, individual ou coletivamente, são preparadas para agir com base nos significados dos objetos que compreendem seu mundo;
- b) A associação das pessoas se dá necessariamente na forma de um processo no qual elas fazem indicações uma para as outras e interpretam essas indicações;
- c) Os atos sociais, sejam individuais ou coletivos, são construídos através de um processo no qual os atores percebem, interpretam e avaliam as situações as quais os confrontam;
- d) As complexas interconexões dos atos que compreendem organização, instituições, divisão de trabalho e redes de interdependência são questões que se movem e não questões estáticas.

Em suma, o Interacionismo Simbólico é uma perspectiva teórica que está centrada na interação humana. As sociedades são construídas por indivíduos que interagem. A interação implica seres humanos agindo em relação uns aos outros. Ela não é simplesmente o que está acontecendo entre eles, mas também o que está acontecendo em cada ser humano. O ser humano é um ator no mundo. Ele define o mundo no qual age, envolvendo escolhas conscientes, avalia as ações e direciona a ele mesmo (Charon, 1989). O ser humano vive em um mundo

simbólico. Para entender seu comportamento, devemos entender o significado que tem uma ação para ele. O ser humano define o significado do contexto e da situação em que se encontra. O foco do interacionismo está na geração do significado, no processo pelo qual o significado é construído através da interação (Klein e White, 1996).

O Interacionismo Simbólico vê a sociedade humana como formada por pessoas empenhadas em viver. Este viver é um processo de atividade contínua em que os participantes desenvolvem linhas de ação nas múltiplas situações que eles se encontram, através da interação social.

Deste modo, considero a família como um grupo básico da sociedade, a qual defino como um grupo social formado por duas ou mais pessoas, às vezes incluindo outros seres vivos, que constrói um ambiente de vida próprio, particular, formando um mundo interno no qual compartilha um espaço físico, relacional e simbólico. Constrói significados através das interações entre seus membros e com os outros, em constante conexão com o mundo externo, frente à situação em que se encontra e o espaço onde está inserida.

CAPÍTULO 4

A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Por algum tempo fiquei pensando sobre como desenvolver o estudo. A partir da minha experiência pessoal, profissional e da revisão inicial de literatura sobre família e ambiente, percebi que o ambiente familiar era pouco explorado tanto na formulação do conceito quanto na sua caracterização como objeto de estudo. A questão apresentada mostrava-se interessante e desafiadora, possibilitando-me vários caminhos metodológicos. Porém, os modelos e estruturas teóricas conhecidas não me pareceram suficientemente claras para servirem de guia ao estudo. Então, como fazer para compreender o fenômeno de interesse?

As interações entre os membros da família dentro da sua realidade socialmente construída, ou seja, o ambiente familiar, parecia constituir o objeto de estudo. Tornava-se necessária, então, uma metodologia sistemática e rigorosa para a sua compreensão. Na ciência, as questões sobre a vida humana têm sido exploradas de diferentes modos. Cada pesquisador ajusta o foco de suas lentes para olhar a realidade sob um determinado ponto de vista. De acordo com Streubert (1995), a pesquisa qualitativa mostra a importância do contexto na criação do significado e a natureza dinâmica da realidade, tendo o propósito de descrever e entender o fenômeno.

Para a compreensão das questões relacionadas à família, os estudos qualitativos são considerados essenciais para o desenvolvimento teórico, gerando

uma riqueza de dados advindos da experiência subjetiva da família, aumentando o entendimento em suas várias dimensões (Moriarty, 1990). Assim, na escolha de um caminho apropriado para o estudo, optei pela utilização de um método denominado Teoria Fundamentada nos Dados (*Grounded Theory*). Esse método possibilita explorar a riqueza e a diversidade da experiência humana, como assinalam Streubert e Carpenter (1995), permitindo gerar um conhecimento sobre a família, uma área de interesse na enfermagem. A decisão em realizar este estudo com base na Teoria Fundamentada nos Dados deu-se em função dessa metodologia permitir o desenvolvimento, de forma indutiva, de um conhecimento ainda pouco explorado, a partir da realidade das famílias.

4.1 CONHECENDO A TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS

A origem da Teoria Fundamentada nos Dados está nos trabalhos desenvolvidos por Barney Glaser e Anselm Strauss na Universidade da Califórnia, São Francisco, USA, em meados da década de 60 do século XX. Como professores de sociologia desta universidade, uniram suas experiências para desenvolver técnicas para análise de dados qualitativos. Anselm Strauss veio da Universidade de Chicago com uma forte tradição na pesquisa qualitativa. Seu pensamento era inspirado pelos interacionistas e pragmatistas, tais como, W.I.Thomas, John Dewey, G.H.Mead, Everett Hughes e Hebert Blumer. Com características de pesquisa diferentes de seu colega, Barney Glaser, proveniente da Universidade de Colúmbia e influenciado por Paul Lazarsfeld, um inovador de métodos quantitativos, contribuiu para a formulação de um conjunto sistemático de procedimentos para o processo de pesquisa (Strauss e Corbin, 1990).

Ao iniciarem seus trabalhos na Universidade da Califórnia, em São Francisco, Glaser e Strauss ajudaram os estudantes de enfermagem a guiar suas pesquisas. Um dos primeiros projetos relacionados com a morte de pacientes nos hospitais resultou em duas monografias sobre o tema, *Awareness of dying* e *Time for dying*². Com a experiência obtida nos estudos desenvolvidos e como uma alternativa às formas de análise realizadas na época, os pesquisadores passaram

² GLASER, Barney, STRAUSS, Anselm. *Time for dying*. Chicago: Aldine, 1965.

GLASER, Barney, STRAUSS, Anselm. *Awareness of dying*. Chicago: Aldine, 1968

a desenvolver uma nova abordagem para a investigação científica, denominada Teoria Fundamentada nos Dados. Assim, emergiu um novo método de técnicas de análise dos dados qualitativos, com características que o distingue de outros métodos, dando ênfase ao desenvolvimento de teoria. Este modelo foi primeiramente publicado em 1967 no livro *The Discovery of Grounded Theory*³. Desde a sua publicação, as técnicas para o desenvolvimento da Teoria Fundamentada nos Dados têm sido refinada pelos autores, sozinhos (Glaser, 1978), ou com colaboradores (Strauss e Corbin, 1990, 1994), além de outros pesquisadores (Clarke, 1997; Charmaz, 1997).

A Teoria Fundamentada nos Dados, é um método da pesquisa qualitativa que utiliza um conjunto de procedimentos sistemáticos para desenvolver uma teoria sobre um fenômeno, fundamentada nos dados, da qual deriva o seu nome. Strauss e Corbin (1990, 1994) declaram que uma teoria consiste de relações plausíveis propostas entre conceitos e conjunto de conceitos. Afirmam que a metodologia denominada Teoria Fundamentada nos Dados, busca guiar os pesquisadores para a produção de teoria que tenha densidade conceitual, isto é, com várias relações conceituais. Estas relações, declaradas como proposições, são apresentadas na forma discursiva e inseridas dentro do contexto rico em descrição e formulação conceitual. A apresentação discursiva captura a densidade conceitual e transmite descritivamente o conteúdo substantivo. Para os autores, construir teorias implica interpretar dados que devem ser conceitualizados e os conceitos relacionados para formar uma expressão teórica da realidade.

Através da análise comparativa, podem ser gerados dois tipos de teorias, denominadas de substantiva e formal. Segundo Glaser e Strauss (1967), a teoria substantiva está relacionada com a área substantiva ou empírica e a teoria formal com a área formal ou conceitual. Qualquer teoria substantiva evolui do estudo de um fenômeno em um contexto situacional particular. Uma teoria formal emerge do estudo do fenômeno, examinado sob diferentes tipos de situações. Não é o nível de condições que faz a diferença entre as teorias, mas a variedade das situações estudadas. Se a teoria é fiel à realidade da área substantiva e induzida a partir

³ GLASER, Barney, STRAUSS, Anselm. *The discovery of grounded theory*. Chicago: Aldine, 1967

dos dados, ela deveria representar essa realidade, ser compreensível e fazer sentido tanto para as pessoas estudadas, quanto para aqueles que estudam esta área. Se as interpretações são amplas, então a teoria deverá ser suficientemente abstrata e incluir variação o bastante para torná-la aplicável a vários contextos relacionados à área (Strauss e Corbin, 1990).

Segundo Hutchinson (1993), no atual estágio de desenvolvimento de teorias de enfermagem, há poucas teorias substantivas que explicam o mundo da vida diária dos pacientes e das famílias. Para a autora citada, a Teoria Fundamentada nos Dados possibilita estudar a riqueza e a diversidade da experiência humana e gerar uma teoria que pode ser utilizada para entender a realidade. O processo social presente nas interações humanas tem sido o foco explorado por este método. Seus fundamentos são provenientes do Interacionismo Simbólico, uma perspectiva da ciência interessada na ação social. Nessa perspectiva, os indivíduos e suas ações não podem ser entendidos fora do seu contexto social, mas, através das interações entre eles. Assim, a Teoria Fundamentada nos Dados procura compreender o mundo social através das interações presentes no grupo, assim como se apresenta na realidade.

Os seres humanos, como atores e autores, têm perspectivas e interpretações de si próprios e dos outros. Através desse método, o pesquisador apreende isto e incorpora-o a sua própria interpretação. A formulação teórica que resulta pode não somente ser usada para explicar a realidade, mas também para prover uma estrutura para a ação do profissional. Conforme Strauss e Corbin (1990), ao desenvolver a Teoria Fundamentada nos Dados, estamos experimentando capturar muito da complexidade e movimento do que é possível no mundo real, embora não sejamos capazes de dominar todo o conhecimento.

4.2 APRESENTANDO O MÉTODO DA TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS

Para Glaser e Strauss (1967), gerar uma teoria envolve um processo de pesquisa. Assim sendo, a Teoria Fundamentada nos Dados requer a utilização de um método sistematizado e interligado de elementos do processo de pesquisa

para a geração de teorias. O método empregado compreende um conjunto de procedimentos que tem como ponto principal a análise comparativa. Segundo Strauss e Corbin (1990, p.59), “analisar é de fato interpretar”. Eles afirmam que este é o processo central para a construção da teoria, cujos procedimentos possibilitam o rigor da pesquisa, provêm os fundamentos para construir a densidade e a integração das categorias, aproximando a realidade que representa. Os autores declaram ainda que, embora tenham estabelecido os procedimentos e as técnicas de análise no desenvolvimento do método, isto não implica uma rígida aderência a eles, devendo ser flexíveis de acordo com as circunstâncias. O propósito do método é construir uma teoria que ilumine e seja fiel à área de estudo.

4.2.1 A Questão de Pesquisa

O objetivo principal da utilização deste método é desenvolver teoria. Para isso, necessita-se de uma questão de pesquisa que dê flexibilidade e liberdade para explorar o fenômeno, dizem Strauss e Corbin (1990). A questão inicial é ampla e vai se tornando progressivamente mais focalizada, à medida que os conceitos e suas relações vão sendo descobertos através do processo de pesquisa. Para os autores, a questão de pesquisa para este estudo é uma declaração que identifica o fenômeno a ser estudado e o que se quer focar ou conhecer sobre o objeto de estudo. Para eles, o pesquisador não começa com uma teoria, em vez disso, começa com uma área de estudo que permite emergir o que é relevante para aquela área, tendo como principal característica a análise comparativa e constante dos dados.

4.2.2 A Amostragem Teórica

Um dos elementos essenciais no processo de construção da teoria é a amostragem teórica. Na Teoria Fundamentada nos Dados, a amostra é definida teoricamente e por isso denominada amostragem teórica. Consiste em ter uma amostra baseada nos conceitos que têm relevância teórica para a teoria que está sendo desenvolvida. A relevância teórica indica que certos conceitos são considerados significantes porque eles estão repetidamente presentes. O

interesse está em reunir dados para a análise comparativa e em ajudar na descoberta de categorias relevantes. A amostragem teórica é cumulativa e aumenta em profundidade, na medida em que os conceitos e suas relações são acumulados através dos procedimentos de levantamento e análise dos dados. Ela parte da geração de categorias em uma área mais ampla para a concentração, densidade e saturação das categorias, focadas em ações específicas. Segundo Strauss e Corbin (1990), a saturação teórica é encontrada quando o desenvolvimento das categorias revela densidade e as relações entre elas são bem estabelecidas e validadas.

De acordo com Glaser e Strauss (1967), a amostragem teórica é o processo de coletar dados para gerar a teoria. Esse processo é controlado pela teoria emergente que aponta os passos a serem seguidos. Um dos pontos básicos é a escolha de grupos para o levantamento de dados. Esses grupos são escolhidos conforme a análise dos dados e a formulação teórica. O tamanho da amostra é determinado pela análise dos dados. Assim, no constante diálogo com os dados durante todo o desenvolvimento do processo, são formuladas questões e hipóteses que dirigem a amostragem teórica.

4.2.3 A Análise Comparativa dos Dados

A análise comparativa é essencial para se gerar uma teoria fundamentada nos dados. Consiste em comparar incidente com incidente, incidente com categoria, categoria com categoria, assim como padrões de comportamento entre os grupos dentro de uma área substantiva, distinguindo similaridades e diferenças (Hutchinson,1993). A análise neste método é desenvolvida através dos procedimentos de codificação.

A codificação é o processo central pelo qual as teorias são construídas. Nesse processo, os procedimentos de codificação envolvem o desmembramento do todo em suas partes, a análise, a comparação e a categorização dos dados. Para Strauss e Corbin (1990), a codificação compreende o conjunto de operações realizado para a análise dos dados que se distingue em três tipos: aberta, axial e seletiva.

A codificação aberta é o primeiro passo analítico e consiste no processo de separar, examinar, comparar e conceitualizar os dados. Durante a codificação aberta, os dados brutos são separados em linhas, sentenças ou parágrafo. A seguir, são examinados e comparados por similaridades e diferenças. Para cada incidente, evento ou idéia é dado um nome, formando os códigos conceituais, que podem ser agrupados e formar as categorias.

A codificação axial é formada por um conjunto de procedimentos pelo qual os dados são agrupados de novas maneiras através de conexões entre as categorias. As relações entre as categorias compõem um modelo que Strauss e Corbin (1990) denominam de *paradigm model* ou modelo do paradigma⁴. Esse modelo estabelece uma relação entre as categorias envolvendo a condição causal, o fenômeno, o contexto, as condições intervenientes, as estratégias de ação/interação e as conseqüências.

Para os autores citados, as condições causais são os eventos, incidentes ou acontecimentos que levam à ocorrência ou ao desenvolvimento de um fenômeno. O fenômeno, por sua vez, se constitui na idéia central, evento, incidente ou acontecimento sobre o qual um conjunto de ações ou interações é conduzido pelas pessoas. O contexto é um dos elementos do modelo que representa o conjunto específico de condições em que as estratégias de ação/interação são tomadas. Há também as condições intervenientes que facilitam ou restringem as estratégias tomadas dentro de um contexto específico. As estratégias de ação/interação são planejadas para conduzir, lidar, realizar e responder a um fenômeno sob um conjunto específico de condições percebidas. As conseqüências são os resultados do processo de interação. Elas podem ser atuais ou potenciais, acontecem no presente ou no futuro. As conseqüências de um conjunto de ações podem tornar-se parte das condições, afetando o próximo conjunto de ações e interações. Segundo Hutchinson (1993), a relação entre as categorias realizada através do modelo de paradigma facilita a geração de uma teoria densa.

A codificação seletiva consiste no processo de selecionar a categoria central e relacioná-la com as outras categorias sistematicamente analisadas. A categoria

⁴ Tradução livre realizada pela autora.

central é o fenômeno ao redor do qual todas as outras categorias estão integradas.

As linhas que marcam cada tipo de codificação são artificiais, pois a análise comparativa permite um movimento de idas e vindas entre as codificações. O levantamento e a análise dos dados são interligados e devem ocorrer alternadamente, uma vez que a análise dirige a amostra dos dados.

Segundo Strauss e Corbin (1990), para sistematizar e solidificar as conexões, usamos uma combinação de pensamento indutivo e dedutivo, no qual constantemente nos movemos entre fazer perguntas, hipóteses e comparações.

4.2.4 A Sensibilidade Teórica

Além do processo de sistematização, o método requer do pesquisador uma sensibilidade teórica, referida como a qualidade pessoal do pesquisador em relação aos atributos de ter *insights*, ou seja, habilidade para dar significados aos dados, capacidade de entender e separar aquilo que é importante para o estudo. A literatura e as experiências profissional e pessoal são fontes de sensibilidade teórica. Porém, é durante o processo de análise que o pesquisador aumenta a sua sensibilidade, faz comparações, pensa sobre o que vê, levanta hipóteses e procura reconhecer o que é importante para a formação dos conceitos, suas relações e significados (Strauss e Corbin, 1990). De acordo com Glaser (1978), as realizações teóricas significantes vem com o crescimento e a maturidade dos dados, sendo que muito disso está fora da consciência do analista, até que aconteça. Por isso, é importante que o pesquisador mobilize suas habilidades criativas em cada etapa do processo.

4.3 PERCORRENDO O CAMINHO METODOLÓGICO

Este estudo está fundamentado na Teoria Fundamentada nos Dados, indicada por Strauss e Corbin (1990). Os trabalhos de Glaser e Strauss (1967); Glaser (1978); Strauss e Corbin (1994) foram utilizados para complementar a orientação metodológica.

Para o desenvolvimento do processo de pesquisa, esta metodologia compreende uma seqüência de passos não lineares, isto é, um ir e vir constante, já que o processo está fundamentado na análise comparativa. Desse modo, é importante ressaltar que o estudo foi assim realizado durante todo o processo. Entretanto, para facilitar a compreensão da metodologia empregada, ela será descrita a seguir, iniciando-se com a apresentação do cenário do estudo, dos grupos amostrais e prosseguindo com o guia para a construção da teoria.

4.3.1 Identificando o Cenário do Estudo

Na enfermagem, o trabalho com as famílias tem sido realizado, na maioria das vezes, nos seus domicílios. Tem-se utilizado a visita domiciliar como uma técnica para o atendimento à família. Para um estudo que busca explorar o mundo da família, o espaço mais apropriado para fazê-lo parece ser o lugar onde ela vive. A casa, ou moradia, constitui o cenário natural, o lugar privilegiado da vida em família. A casa é, também, o cenário mais conveniente para se perceber o cotidiano, as relações e as atividades da vida diária, rica de significados, muitos deles ainda não explorados pela ciência. Assim, o cenário para o estudo não poderia ser outro senão o da moradia, ou seja, o espaço onde a família vive, local dos eventos e ações presentes na vida diária.

4.3.2 Identificando os Atores Participantes do Estudo

Para o desenvolvimento do estudo, foi realizado o levantamento dos dados em dez famílias escolhidas segundo os critérios utilizados na metodologia. Para preservar a identidade das famílias, optei por denominá-las de acordo com os significados que surgiram no processo de análise. Descrevo, a seguir, algumas características apresentadas pelas famílias, considerando principalmente a composição familiar relacionada ao domicílio, onde foi realizado o estudo.

A família Ligação é formada por um jovem casal e seu filho recém nascido. Ela tinha 15 anos e desenvolvia atividades no lar. Ele com 22 anos, era auxiliar de escritório. Ambos tinham nível de formação de primeiro grau. Moravam em casa

própria, pequena e recém construída, fundos da casa da mãe dele. A moradia localizava-se no bairro da Costeira, na Ilha de Santa Catarina, Florianópolis.

A família Apoio é constituída pelo casal, seu filho recém nascido e a irmã dela. Ela tinha 24 anos e trabalhava como auxiliar de serviços gerais em um supermercado. Ele tinha 25 anos e trabalhava como pedreiro. Quanto à escolaridade, ambos tinham o primeiro grau incompleto. Moravam em casa própria, a qual estava sendo reformada para atender às necessidades da família. A casa localizava-se em uma comunidade do Sul da ilha. Residia com eles, a irmã dela, que tinha 40 anos, era solteira, com o primeiro grau completo e trabalhava em uma padaria, como confeitira.

A família União é composta por uma jovem mãe, o filho recém nascido, a avó e dois tios da criança. Eles recebiam a visita freqüente do pai do recém - nascido. A mãe tinha 21 anos, era solteira e estudante de curso superior. Seus irmãos, com 19 e 16 anos, também eram estudantes. O pai do recém - nascido tinha 21 anos, era estudante de curso superior e trabalhava com seu pai. A avó, de 39 anos, estava separada do marido. Era ela quem sustentava financeiramente a família. Moravam juntos em casa própria, localizada em São José, município da Grande Florianópolis. Em um espaço anexo havia um salão de beleza, local de trabalho da avó.

A família Modelo vive em moradia própria, localizada na Trindade, um bairro de classe média próximo ao centro da cidade de Florianópolis. O casal, com idades de 62 e 58 anos, estava casado há 35 anos. Eles têm cinco filhos e todos são independentes financeiramente, não morando mais com eles. O nível de formação do casal é superior. Ele é administrador de empresas e ela é enfermeira. Atualmente estão aposentados.

A família Respeito é formada por uma mãe, com 45 anos, que tem quatro filhas com idades entre 23 a 14 anos e uma neta com 3 anos e 6 meses. A mãe foi casada durante 10 anos e está divorciada há 12. Uma das filhas casou e se separou, voltando a morar com a mãe. A família mora em casa alugada no município de São José, localizado na Grande Florianópolis. A mãe e uma das filhas têm nível de segundo grau e trabalham como auxiliar de serviço administrativo e operadora de alimentos. As outras filhas estudam, com exceção

de uma que não continuou os estudos e trabalha como doméstica. O encontro das filhas com o pai acontece raramente.

A família Diálogo é formada pelo casal e 2 filhos. Um dos filhos continua morando com o casal, mas com a perspectiva de saída, em breve. Através de união formal, o casal está casado há 28 anos. Ambos têm nível de formação de segundo grau. Trabalharam como comerciantes durante muitos anos e atualmente estão aposentados. Moram em casa própria na Trindade, bairro da cidade de Florianópolis.

No Campeche, umas das praias do Sul da Ilha de Santa Catarina, a família Liberdade construiu a sua moradia. Lá vive o casal e seus dois filhos, um com 2 anos e meio e o outro com 5 meses. Ela é estudante de curso superior e ele tem curso técnico e trabalha em uma instituição pública. Estão casados há 5 anos.

O casal entrevistado e identificado como família Privacidade tem duas filhas de 29 e 25 anos, casadas. Ele tem 59 e ela 48 anos de idade, estão casados há 30 anos. Ele é bioquímico e professor aposentado, porém continua exercendo atividades públicas. Ela é empresária. Atualmente vivem sós, residindo em casa própria em bairro de classe média, próximo ao centro da cidade.

Morando em casa própria em uma comunidade no interior da Ilha, a família Afeto é formada pelo casal, de 34 e 30 anos, e uma filha de 5 anos e 4 meses. Estão casados há 6 anos. Ela é estudante de curso superior e deixou de trabalhar para continuar os estudos. Ele é técnico de agrimensura e trabalha em instituição pública. Moram próximo às famílias de origem do casal.

A família Honestidade é constituída pela mãe, com 33 anos, e a filha, com 13 anos. A mãe foi casada durante 15 anos e separou-se há 1 ano e meio. O pai tem visitado a filha, porém não regularmente. A mãe trabalha como doméstica e faxineira, mantendo as economias domésticas sozinha. A moradia é alugada e localizada no Estreito, bairro próximo ao centro da cidade.

4.3.3 Conduzindo o Processo de Pesquisa

No decorrer do estudo, senti necessidade de elaborar um roteiro que me servisse de guia para a obtenção e a análise dos dados. Assim desenvolvi um

guia facilitador que denominei **Guia para gerar a teoria fundamentada nos dados**. Gerar os dados é uma expressão apresentada por Mason (1997), ao considerar que o pesquisador não vai apenas buscar os dados onde eles existem, mas que ele participa de uma forma mais ampla do mundo social. Com isso, o uso da expressão “gerar os dados” no método da pesquisa qualitativa significa mais do que uma técnica ou um procedimento, implica um processo que envolve atividades intelectuais, analíticas e interpretativas.

O guia para gerar a teoria fundamentada nos dados consiste no processo de levantamento e análise de dados para a construção de teoria fundamentada, desenvolvido em **etapas que se alternam durante o processo**, uma vez que a análise orienta o levantamento dos dados e dirige o caminho a ser percorrido. A análise se constitui basicamente em se fazer comparações, questionamentos e hipóteses durante todo o seu desenvolvimento, permitindo a precisão e o aprofundamento da teoria. Nessa metodologia, é importante ressaltar a circularidade entre as diversas etapas do processo em direção à análise comparativa. Para facilitar a descrição da metodologia utilizada, o guia para gerar a teoria fundamentada nos dados será apresentado numa seqüência de etapas: **levantando dados, codificando, identificando categorias, fazendo conexões entre as categorias e validando o modelo de integração**. O esquema construído é mostrado na figura 1, apresentada a seguir.

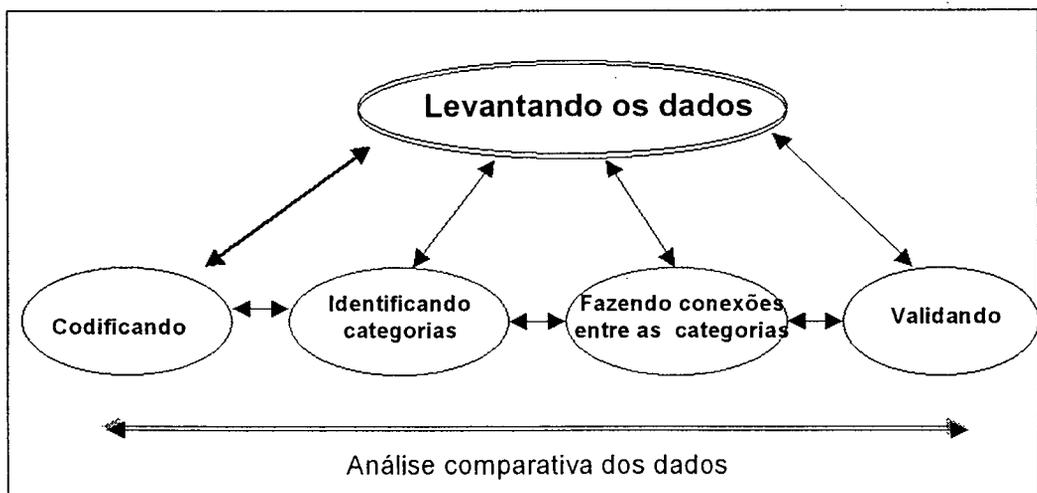


Figura 1 - Guia para gerar a teoria fundamentada dos dados

4.3.3.1 Levantando dados

Para o desenvolvimento do estudo, o levantamento de dados foi realizado de acordo com os procedimentos escolhidos para a obtenção das informações para a análise e segundo a formação dos grupos amostrais, que apresento a seguir.

4.3.3.1.1 Procedimentos

Ao iniciar o estudo, a dificuldade do tema me colocava à frente de certos desafios, de sorte que alguns questionamentos logo surgiram: Como fazer para conhecer o ambiente familiar? Que famílias deveriam fazer parte do estudo? O que eu deveria perguntar? Para conhecer o ambiente familiar, seria importante que eu tivesse acesso às famílias ou vivesse com elas para poder compreender o fenômeno de interesse. Com relação à segunda opção, algumas dificuldades me impediriam de realizar o estudo, como a minha indisponibilidade de tempo e a liberação das atividades de trabalho, além da disponibilidade ou não das famílias em aceitar uma pesquisadora em seu ambiente de vida. Então, como fazer para realizar o estudo dentro da primeira opção, ou seja, como ter acesso ao ambiente das famílias?

No primeiro momento, pensei em observar e entrevistar as famílias com filhos pequenos, uma vez que elas fazem parte da clientela das minhas atividades de ensino do curso de graduação. Porém, senti que precisava me preparar para conhecer o ambiente das famílias. Lembrei, então, de fazer uma leitura inicial das dissertações de mestrado apresentadas para o Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, cuja população era constituída pelas famílias envolvidas com o nascimento do primeiro filho, visitadas pelas enfermeiras que fizeram registros de campo. Os registros reuniam dados sobre vários aspectos do modo de viver das famílias.

A análise de registros já elaborados e analisados em outro estudo é denominada análise secundária de dados qualitativos. Szabo e Strang (1997) declaram que a análise secundária de dados qualitativos é utilizada como um

modo alternativo de pesquisa em enfermagem para gerar conhecimentos, a qual envolve a análise de dados obtidos em estudos anteriores. As autoras salientam que os registros detalhados nos estudos realizados podem permitir o uso máximo das informações, e também oferecem a oportunidade de destacar aspectos que o pesquisador pode encontrar dificuldades na observação de uma determinada situação. Embora se reconheçam as limitações deste tipo de análise, como a falta de controle sobre o levantamento de dados, é necessário que o conjunto dos dados originais seja amplo o suficiente para que os procedimentos analíticos possam ser realizados dentro do rigor da pesquisa. As autoras comentam que os estudos que realizam a análise secundária não geram novas informações “per se”, mas novos dados podem ser criados pelos procedimentos de análise de estudos qualitativos, incluindo a Teoria Fundamentada nos Dados.

Considerando a riqueza das informações presentes nas notas de campo das dissertações elaboradas por Boehs (1990); Monticelli (1994); Nitschke (1991), assim como a possibilidade de análise através do método desenvolvido pela Teoria Fundamentada nos Dados, optei por utilizar os dados registrados para dar início ao processo de pesquisa e que vieram a corroborar na análise.

Nos estudos realizados pelas autoras acima citadas, a visita domiciliar foi utilizada como um instrumento para o desenvolvimento da prática assistencial com as famílias. O registro dessas visitas domiciliares resultou em vinte notas de campo, nas quais foram relatadas características da vida familiar e dos relacionamentos entre os membros da família, vizinhos e comunidade, decorrentes do evento do nascimento. Além disso, constavam também descrições do espaço físico da moradia. Os relatos desses dados originais possibilitaram o início do processo de análise.

É importante registrar que o levantamento de dados aconteceu em dois momentos seqüenciais. No primeiro momento, os dados foram obtidos através das leituras de relatórios de pesquisa, no segundo momento, por meio de entrevistas realizadas com as famílias.

A partir da análise realizada com a leitura dos relatórios, passei para o desenvolvimento do segundo momento, com a realização das entrevistas. Elas se

caracterizaram por um estilo relativamente informal, com uma abordagem temática, para as quais utilizei um roteiro livremente estruturado. Segundo Mason (1997), essa é uma forma de entrevista qualitativa em que não há um conjunto padronizado de questões, mas busca-se o que realmente se deseja saber através de questões apropriadas à situação em questão ou encontrada. Por meio de uma conversa natural com os membros da família, foram inicialmente colocadas questões amplas, de modo a explorar as várias facetas do objeto de estudo. Nas entrevistas que se seguiram, as decisões sobre o que perguntar foram tomadas a partir da análise dos dados de cada entrevista.

Realizei uma entrevista com cada família em seu domicílio, tendo uma duração média de duas horas. Os domicílios localizavam-se na área que abrange a Grande Florianópolis. As entrevistas foram realizadas durante o período de fevereiro a outubro de 2000 e aconteceram nas datas e horários estabelecidos em comum acordo com a família, com a presença do maior número possível de seus membros. As entrevistas foram realizadas com o mínimo de duas pessoas em cada encontro. Este número foi determinado por mim, uma vez que eu gostaria de observar as relações estabelecidas pelos membros da família.

Ao ser realizado o primeiro contato por telefone, ou pessoalmente com um dos membros da família, esclareci-o sobre a natureza do estudo e convidei-o a participar solicitando que essa pessoa entrasse em contato com os outros membros da família para confirmar se aceitavam ou não a participação no estudo. Aguardei o retorno do contato e a resposta sobre o convite realizado. Após esse procedimento, iniciei o levantamento de dados com as famílias. Todos os membros receberam informações sobre a natureza, os objetivos e a metodologia do estudo, além de esclarecimentos sobre a importância de suas contribuições para a realização da pesquisa. As famílias foram também informadas sobre o direito de qualquer um dos seus membros, ou da família como um todo, de se retirar do estudo, se assim desejassem. A cada família foi garantido o sigilo e o anonimato em todos os registros. Assim, os membros presentes na entrevista assinaram um termo de consentimento, concordando com a participação no estudo (Anexo1). Com o consentimento das pessoas presentes, as entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para os procedimentos de análise.

4.3.3.1.2 Grupos amostrais

Para o levantamento e a análise comparativa dos dados, foram selecionados quatro grupos amostrais decorrentes das hipóteses e questionamentos que surgiram durante o processo. Relato, a seguir, a composição dos quatro grupos amostrais, as hipóteses e as questões que serviram de guia para a definição dos grupos e o desenvolvimento do estudo.

O **primeiro grupo** de análise foi formado pelos dados contidos nos relatos das visitas domiciliares realizadas a três famílias envolvidas com o nascimento do primeiro filho. Durante a análise inicial, percebi que as famílias deste primeiro grupo estavam começando a construir um modo de vida num espaço físico e relacional próprio. Elas faziam parte de uma etapa particular da vida familiar, com a chegada de uma criança na família.

A trajetória familiar ou ciclo vital da família, como muitas vezes é assim denominada na literatura, consiste numa seqüência de fases ou etapas previsíveis, segundo as transformações da família ao longo de sua história de vida. A classificação proposta por Cerveny e Berthoud (1997) abrange quatro etapas: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última. A fase de aquisição é formada pelo jovem casal e casal com os filhos pequenos. A entrada dos filhos na adolescência determina a fase adolescente. O início das perdas caracteriza a fase madura e a etapa seguinte, denominada de fase última, é formada pelo casal, no final do ciclo.

A análise desenvolvida com os dados obtidos das famílias do primeiro grupo fez surgir a seguinte hipótese: as famílias na fase de aquisição estão iniciando a construção de um modo de viver próprio que pode ser diferente de outras fases da trajetória de vida em família.

A partir de então, foi levantada a seguinte questão: Como é o ambiente familiar nas diferentes etapas da trajetória de vida das famílias?

Considerando a hipótese levantada e partindo da classificação de Cerveny e Berthoud (1997), prossegui o estudo, obtendo e analisando os dados das famílias em outras etapas da trajetória familiar. Iniciei com a leitura e a análise de uma outra dissertação de mestrado, elaborada por Ribeiro (1990). Entretanto, não

continuei a análise porque o estudo citado está centrado na violência na família, caracterizando um modo de viver crítico. Porém, ele foi utilizado posteriormente em alguns momentos de reflexão da análise comparativa. Passei, então, para o segundo momento do levantamento de dados, através da realização de entrevistas. Inicialmente, procurei entrar em contato com famílias formadas pelo casal com pouco tempo de vida em comum. Contudo, não obtive êxito. Das três famílias convidadas para participar do estudo, dois não retornaram o contato e uma não aceitou, justificando que o parceiro não gostava de conversar sobre a experiência de vida do casal.

A escolha do **segundo grupo amostral** deu-se em função da facilidade de contato e disponibilidade das famílias para a participação. Assim, o grupo foi formado pelas famílias na fase madura e na fase última, que denominei de etapa de retorno à vida a dois, já que ela se caracterizava desse modo. Este grupo foi constituído por três famílias que tinham como características comuns a saída dos filhos de casa. As entrevistas foram realizadas com cada casal, cujos membros participaram conjuntamente.

Durante a entrevista com cada família, as informações obtidas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise. Os procedimentos de análise comparativa foram primeiramente desenvolvidos com os dados obtidos e registrados após cada entrevista. A seguir, comparei e analisei os dados de uma entrevista com os da outra. Após a análise dos dados obtidos com as famílias deste grupo, passei a realizar a análise comparativa entre o primeiro e o segundo grupo, da qual surgiu a seguinte hipótese: as famílias que estão na etapa de aquisição apresentam características do ambiente familiar quanto ao espaço físico e relacional diferentes das famílias que estão na etapa de retorno à vida a dois.

A partir da hipótese levantada, surgiram, então, outros questionamentos: Como é o ambiente familiar das famílias com filhos pequenos, quer dizer, daquelas que já haviam passado pela fase do nascimento? Que aspectos são considerados importantes para a vida em família?

Esse questionamento me conduziu para o **terceiro grupo amostral** composto por duas famílias, selecionadas também pelo critério da facilidade de

contato com um de seus membros, quem intermediou a minha aproximação com as famílias, aceitando o convite para a participação do estudo. Nestas famílias, as entrevistas foram realizadas com os casais no convívio dos filhos.

Com a análise comparativa realizada com os dados obtidos em cada família e também entre os dados das famílias deste grupo, verifiquei que o modo de viver dessas famílias era organizado em função do atendimento das necessidades das crianças, dependentes totalmente dos adultos. Surgiu então a questão: Como as famílias com filhos maiores organizam o seu modo de viver?

Ao realizar a análise comparativa entre os grupos, observei que as famílias constroem um modo de vida próprio ao longo do processo de viver. Um mundo que parece refletir o ambiente familiar. Com base nesta hipótese, elaborei a seguinte questão: **Como as famílias constroem o ambiente familiar?** A partir desse momento, esta questão passou a nortear o estudo.

O quarto grupo foi constituído por duas famílias com filhos adolescentes. A seleção dessas famílias também aconteceu por indicação de pessoas conhecidas que foram procuradas e se dispuseram a participar do estudo. Coincidentemente, as famílias se caracterizavam como monoparentais, formadas pelas mães e filhas.

Como o foco do trabalho está dirigido para as idéias e não para as pessoas, neste relatório, o registro dos dados brutos identifica as famílias participantes através de uma denominação que escolhi considerando os significados que emergiram na análise dos dados. Desse modo, as famílias do primeiro grupo amostral são denominadas Família Apoio, referente à família estudada por Monticelli (1994), a Família Ligação, do estudo de Boehs (1990), e a Família União, estudada por Nitschke(1991). As famílias do segundo grupo são denominadas Modelo, Privacidade e Diálogo. As famílias do terceiro grupo receberam a denominação de Afeto e Liberdade e as do quarto grupo de Respeito e Honestidade.

4.3.3.2 Codificando

Para este estudo, a codificação compreendeu a análise inicial dos dados, realizada em dois passos. No primeiro passo, foram definidos os códigos preliminares e no segundo, os códigos conceituais.

A codificação preliminar consiste no processo de separar os dados em pequenas partes, examinar, comparar e nominá-los. Antes de dar início aos procedimentos de codificação, as entrevistas gravadas foram transcritas e numeradas. De acordo com os procedimentos de codificação, iniciei a leitura de cada nota de campo procurando identificar, nas frases ou parágrafos, os eventos, incidentes ou a idéia que revelava um significado ou representava o fenômeno de interesse. Assim, na margem direita das notas de campo, coloquei os primeiros códigos, nomeados na forma que representava a idéia ou, algumas vezes, utilizando as palavras dos próprios atores. Os mesmos procedimentos foram desenvolvidos com as entrevistas transcritas. Exemplificando os procedimentos, apresento, a seguir, os dados brutos e os códigos preliminares.

Dados brutos	Códigos preliminares
<i>"Toda a vida a gente conversou tudo". (F. Diálogo)</i>	• Tendo conversas
<i>"A gente começou a conversar mais(...) discutir sobre o assunto e procurar acertar". (F. Liberdade)</i>	• Dialogando
<i>"Normalmente a gente se encontra(...) nos finais de semana". (F. Privacidade)</i>	• Mantendo encontros periódicos
<i>"Eu ligava para minha mãe dizendo que estava tudo bem". (F. Afeto)</i>	• Tendo contato com as famílias de origem

Figura 2 – Exemplo de codificação preliminar

Ao término da codificação preliminar, surgiram dezenas de códigos que precisavam ser agrupados para reduzir o número de unidades existentes. Prossegui, então, com a codificação em grupo, ou seja, reunindo os códigos

preliminares, constituindo o segundo passo de análise dessa etapa. Os códigos preliminares foram comparados e agrupados por suas similaridades e diferenças, possibilitando a identificação de códigos conceituais. Neste tipo de codificação, conceituar é dar um rótulo para um evento ou um acontecimento do fenômeno. Os exemplos, a seguir, mostram como se procedeu a análise.

Códigos preliminares	Códigos conceituais
<ul style="list-style-type: none"> • Tendo conversas • Dialogando • Mantendo encontros periódicos • Tendo contato com as famílias de origem 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendo diálogo • Mantendo contato

Figura 3 – Exemplo da codificação conceitual

4.3.3.3 Identificando as categorias

Através dos procedimentos de codificação, reuni um grande número de códigos conceituais. Novamente foi preciso identificar se eles eram similares ou diferentes em relação ao fenômeno. Passei a agrupar os códigos conceituais através do processo de categorização. A definição de uma categoria está relacionada com as características que a compõem e é nomeada de uma forma mais abstrata, considerando os dados que representa.

Inicialmente, as categorias foram consideradas provisórias, uma vez que o pensar analiticamente estava apenas começando. A análise comparativa, neste processo, é fundamental para a construção da teoria. Contudo, como pesquisadora iniciante nesta metodologia, alguns momentos foram bastante difíceis para o prosseguimento do processo. No desenvolvimento das categorias, surgiram muitas dúvidas quanto ao agrupamento dos códigos e aos tipos de questões para o levantamento de dados. Várias vezes retornei aos dados brutos e códigos para me certificar do que estava construindo. Fiquei durante muitas horas imersa na complexidade e variedade das informações. Lia e relia a respeito dos procedimentos, retornava aos dados, refletia e tentava construir e reconstruir o processo. Depois de retornar várias vezes às etapas iniciais de levantamento e

codificação dos dados, passei a reagrupar as categorias, dando-lhes um nome que considerei apropriado para representar o conjunto de dados. Exemplificando:

Códigos conceituais	Categoria
<ul style="list-style-type: none"> • Tendo diálogo • Mantendo contato 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecendo maneiras de se relacionar em família

Figura 4 – Exemplo de categorização

No processo comparativo de análise, os memorandos e os diagramas são considerados elementos importantes para o desenvolvimento do estudo. De acordo com Strauss e Corbin (1990), os memorandos representam as formas escritas de nossos pensamentos abstratos sobre os dados e os diagramas, as representações gráficas das relações entre os conceitos. Durante o processo de pesquisa, o que me possibilitou a reflexão para a categorização e a construção da teoria foi a utilização desses recursos. Elaborei notas teóricas com o registro das idéias que conduziram o estudo e vários diagramas, muitos dos quais serão apresentados no próximo capítulo. Entre as notas teóricas elaboradas, apresento, a seguir, uma delas, exemplificando o modo de proceder.

Nota teórica "Criando a convivência familiar". Data: 11/08/00

Para que os seres humanos possam viver juntos, alguns aspectos parecem ser considerados como: ter moradia e organizar a vida comum em família. Ter uma moradia tem um significado para o ser humano. Ele quer ter o seu espaço como uma conquista da liberdade. Mas, será que isto não é próprio do indivíduo? Como considerar isto como importante para a família? Em uma das entrevistas, um membro da família disse " *É o nosso cantinho, ninguém vem apitar no nosso cantinho*". A família quer o seu próprio espaço para agir de acordo com seus valores e estabelecer condutas para o viver cotidiano.

Parece que ter uma moradia não é suficiente, é preciso organizar este modo de viver juntos. O que se observa é o que os membros da família procuram organizar a vida familiar, definindo atribuições e instituindo a vida doméstica. É conhecida a idéia de que as atribuições ou papéis desempenhados pelos membros da família é culturalmente determinada pela sociedade. Entretanto, se observa uma modificação ao longo da trajetória de vida familiar, decorrente da presença ou ausência de seus membros. Como considerar isto na convivência familiar?

Figura 5 – Exemplo de memorando

4.3.3.4 Fazendo conexões entre as categorias

Com as categorias identificadas, passei para a próxima etapa do processo, formada por um conjunto de procedimentos, quais sejam, a seleção e o desenvolvimento do modelo de integração.

A seleção consistiu no processo de identificar a categoria central a partir das categorias sistematicamente analisadas. Para identificar a categoria central, foram realizados dois procedimentos. Em primeiro lugar, elaborei uma narrativa, ou melhor, um conjunto de frases das idéias mais marcantes do conjunto de dados. Posteriormente, comparei esse conjunto de frases com as categorias conhecidas, com o objetivo de identificar o fenômeno.

O modelo de integração é um esquema de conexão entre as categorias que permite a construção da teoria. Para desenvolver o modelo de integração, procurei, primeiramente, identificar as categorias que indicavam a condição causal, o contexto, as condições intervenientes, as estratégias e a consequência. Como descrevi anteriormente, neste método, os procedimentos de análise não são realizados em uma ordem seqüencial. Torna-se necessário, muitas e muitas vezes, retornar às etapas anteriores e agrupar e reagrupar as categorias.

O desenvolvimento do modelo de integração é uma etapa complexa e laboriosa. Há uma combinação do pensamento indutivo e dedutivo ao se fazer comparações e questionamentos necessários, para que se estabeleçam as relações entre as categorias e subcategorias e a construção do modelo. Para mim, este foi um exercício exaustivo, uma vez que minha tendência é seguir o pensamento dedutivo. Todavia, reconheço que a forma indutiva de desenvolvimento de análise possibilitou o desenvolvimento do pensamento científico de uma forma mais criativa, permitindo a elaboração do modelo de integração. Ao proceder a análise das conexões entre as categorias que indicam as condições, ações/interações e consequências, identifiquei o processo que emergiu da análise.

Penso que a sensibilidade teórica é algo muito importante na utilização deste método. Ela faz parte do processo criativo do pesquisador, exercido durante todo o desenvolvimento da pesquisa. O pesquisador precisa estar envolvido no

processo e imerso no amplo conjunto de dados, para conseguir utilizar o seu conhecimento e estar sensível para capturar o fenômeno. A sensibilidade teórica envolveu o desenvolvimento de hipóteses, a formulação das questões para o levantamento de dados e a elaboração do modelo de integração.

4.3.3.5 Validando o modelo de integração

Após o desenvolvimento do modelo de integração, eu precisava validar as categorias e suas relações. Para o desenvolvimento da validação, convidei duas famílias, sendo que uma delas fez parte do grupo amostral. Em momentos distintos, reuni-me com as famílias e apresentei o modelo de integração, expondo o que me levou a identificar o fenômeno e as categorias que emergiram dos dados e de suas relações.

Posteriormente à exposição do modelo de integração, a primeira família, formada pelo casal, mostrou compreensão do modelo e fez reflexões sobre a sua aplicação na sua família e nas famílias próximas de seu convívio. Sugeriram a troca do nome de uma das categorias. Eu havia colocado a palavra *self* em uma das categorias por entender que ela representava a idéia interacionista. No entanto, a palavra não foi aceita, por não revelar clareza na denominação da categoria, além de não ser uma palavra da língua portuguesa. Indicaram também novos dados, que foram submetidos à codificação e categorização.

A segunda família escolhida para formar o grupo de validadores era composta pelo casal e dois filhos pequenos. No entanto, o encontro foi somente realizado por um dos membros, uma vez que havia dificuldade de reunir toda a família. Para mim a participação dessa pessoa foi muito importante, porque além de validar o modelo sob o ponto de vista de sua família, ela é uma profissional especializada na área de família e seu conhecimento e experiência prática possibilitaram uma valiosa contribuição. Apresentei o modelo à validadora, expondo a descoberta do fenômeno, as categorias e suas relações. Refletindo sobre as categorias e sua relações, ela apontou alguns significados sobre o espaço da moradia, revelando a importância de considerar a individualidade, as relações, as ações, o modelo e os elos entre as gerações, enfim, fortalecendo as

características apresentadas pelo modelo de integração. Ao final, a validadora demonstrou interesse em aplicar o modelo nas suas atividades profissionais.

4.3.4 A Amostragem Teórica do Estudo

Diferentemente de outros métodos de pesquisa, a amostragem na Teoria Fundamentada nos Dados é realizada teoricamente, isto é, cessa-se o levantamento de dados com a descoberta de conceitos que têm relevância teórica. Estes conceitos emergem da análise comparativa que, por sua vez, dirige o levantamento de dados e a amostra do estudo.

Os procedimentos da amostragem teórica foram realizados de acordo com as etapas do processo. Inicialmente, a amostragem tinha o objetivo de descobrir os códigos e, a seguir, as categorias potencialmente relevantes sobre o fenômeno. Com a continuidade do processo de pesquisa, as categorias foram comparadas, agrupadas e reagrupadas, revelando as relações entre elas. Os procedimentos continuaram até que a saturação das categorias fosse encontrada, ou seja, até que os dados obtidos e analisados continuassem a formar a mesma idéia indicada nas categorias e no modelo de integração.

4.3.5 Conferindo o Rigor

Para a avaliação de dados qualitativos, especialmente para a Teoria Fundamentada nos Dados, não há critérios bem definidos. Entretanto, comentam Polit e Hungler (1995, p.210), os pesquisadores desejam “ver suas descobertas refletindo o verdadeiro estado da experiência humana”. Segundo as autoras, baseado no paradigma naturalista de Lincoln e Guba (1985), um dos critérios para estabelecer a validade da análise dos dados é a credibilidade que se refere à “confiança na verdade dos fatos”. A credibilidade envolve dois aspectos: “executar a investigação de forma que a credibilidade das descobertas fique realçada e percorrer os passos necessários para demonstrar a credibilidade”.

Sob este ponto de vista, procurei realizar o estudo de acordo com os passos metodológicos apresentados por Strauss e Corbin (1990), considerando a própria flexibilidade, como propõem os autores, quanto à utilização da metodologia para a análise dos dados. Penso que este estudo poderia se estender um pouco mais no

tempo, para permitir um maior aprofundamento da análise dos dados. Dentro do período disponível para a realização do estudo, o processo reuniu dados suficientemente repetidos para dar evidência as suas categorias e relações, possibilitando o desenvolvimento de um modelo de integração entre as categorias, permitindo representar a realidade da convivência familiar.

Conforme Glaser (1978), a credibilidade da teoria deve ser obtida pela sua integração, relevância e viabilidade. Considerando estes aspectos apontados pelo autor, estive durante todo o processo preocupada em analisar e interpretar o conjunto de dados de modo a tornar mais denso e integrado o modelo teórico que estava sendo desenvolvido. Penso que a descoberta das categorias e suas relações com o fenômeno são relevantes para o estudo e o desenvolvimento do trabalho com as famílias.

Além da credibilidade, a auditabilidade e a adequabilidade são critérios considerados na avaliação do rigor na pesquisa qualitativa. A auditabilidade se refere às decisões realizadas pelo pesquisador em cada estágio do processo de pesquisa e a adequabilidade é possível quando os dados podem adequar-se a um outro contexto que não aquele, no qual ele foi gerado (Kock e Harrington, 1998). Thorne, Kirkham e MacDonald-Emes (1997), ao discorrer sobre o rigor na pesquisa qualitativa, também consideram importante que a descrição da pesquisa tenha informação suficiente sobre os passos do processo analítico para que o leitor possa julgar a análise fundamentada nos dados.

Nesse estudo, a auditabilidade foi assegurada pelos passos que acompanharam a amostragem teórica para o levantamento e a análise comparativa dos dados, seguindo os questionamentos e as hipóteses levantadas no processo, como descrevi anteriormente. Quanto à adequabilidade relacionada à aplicabilidade do modelo teórico fora da situação em estudo, entendo que este modelo permite explicar e interpretar o fenômeno estudado, ressaltado pelos próprios validadores, um dos quais demonstrou interesse em utilizar o modelo nas suas atividades profissionais.

Na relação da teoria com a realidade, Strauss e Corbin(1994) declaram que uma teoria não é a formulação de algum aspecto pré - existindo "lá fora". Teorias são interpretações feitas a partir de determinadas perspectivas adotadas pelos

pesquisadores. A natureza interpretativa de teorias fundamentadas significa que tal conceitualização é uma atividade intelectual que se estende ao longo do processo. Assim, como pesquisadora, procurei apreender as idéias das famílias a respeito do ambiente familiar. Como a própria metodologia propõe, a teoria emerge daquilo que é relevante no levantamento e da análise comparativa dos dados como um conjunto integrado de elementos teóricos. Assim, a partir do tema inicial, a metodologia foi sendo aplicada como descrevi nesse capítulo, fazendo surgir um modelo teórico sobre a convivência familiar, suas categorias e relações, que apresento no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 5

FAZENDO AS DESCOBERTAS

Ao iniciar este estudo utilizando a metodologia da Teoria Fundamentada nos Dados, eu ficava imaginando como poderia encontrar o fenômeno entre tantas categorias. No decorrer do seu desenvolvimento, os dados me pareciam pedaços de um mosaico que iam se juntando e criando formas. Segundo This (2000, p.6), o mosaico “implica primeiro que se recolham pequenos elementos (...) para juntá-los, num segundo tempo, e montar um conjunto, uma obra que unifica os diversos elementos”.

Aos poucos, os códigos foram se agrupando formando categorias e construindo um modelo teórico. Assim, do mesmo modo que se constrói um mosaico, fui elaborando o modelo, apenas com uma diferença, eu não tinha todas as peças, *a priori*, fui buscando, compondo, retornando à busca e recompondo.

O principal objetivo deste capítulo é o de apresentar a construção do modelo teórico elaborado neste estudo. Início com a apresentação das categorias, subcategorias e códigos conceituais e, a seguir, exponho o modelo de integração definido no processo de análise.

5.1 APRESENTANDO AS CATEGORIAS, SUAS SUBCATEGORIAS E CÓDIGOS

A metodologia empregada neste estudo proporcionou uma riqueza de dados sobre o mundo das famílias. Através do processo de análise comparativa, os dados foram várias vezes agrupados em códigos conceituais e reagrupados

formando subcategorias. Essas subcategorias foram novamente reunidas em grupos, formando as seguintes categorias: **COMPONDO A FAMÍLIA, QUERENDO VIVER EM FAMÍLIA, CRIANDO O ESPAÇO DE MORADIA DA FAMÍLIA, VIVENDO OS TEMPOS DA FAMÍLIA, FAZENDO PARTE DA TEIA SOCIAL, ESTABELECENDO MANEIRAS DE SE RELACIONAR EM FAMÍLIA, CONSTRUINDO VALORES, CULTIVANDO AS LIGAÇÕES FAMILIARES, GOVERNANDO A VIDA COTIDIANA E TOMANDO CONSCIÊNCIA DO VIVER EM FAMÍLIA.** A seguir, apresento a composição de cada categoria com as subcategorias e seus códigos conceituais.

5.1.1 Categoria: Compondo a Família

Ao iniciar o estudo, durante a análise secundária realizada com o primeiro grupo, observei que Nitschke (1991), em seu relatório, registrou a configuração da família definida pelos seus membros de modo individualizado, de acordo com a percepção que cada um tinha sobre a composição familiar. Como a própria autora analisou, cada um dos membros revelava uma percepção diferente de sua família. Isso me levou a refletir sobre a idéia de família que cada pessoa ou grupo familiar tem e me conduziu a formular nas entrevistas realizadas para o levantamento de dados, uma pergunta sobre a composição familiar. Ao iniciar as entrevistas com as famílias dos grupos seguintes, senti a necessidade de conhecê-las, de identificar quem fazia parte delas e de saber como elas se percebiam como família. Assim, ao começar a entrevista com cada uma delas, formulei a seguinte pergunta: quem é a sua família?

No desenvolvimento da análise, constatei que as pessoas tinham percepções diferentes sobre a composição da família e que, às vezes, elas ficavam confusas se deveriam considerar apenas a família que formaram ou se deveriam incluir as famílias de origem, ou ainda outras pessoas, nas suas respostas. Tendo em vista os diferentes modos de olhar a família por elas apresentados, resolvi agrupar os dados na categoria **COMPONDO A FAMÍLIA**, formada pelas subcategorias **Identificando a família em diferentes níveis, Tendo ligações e Tendo convivência.**

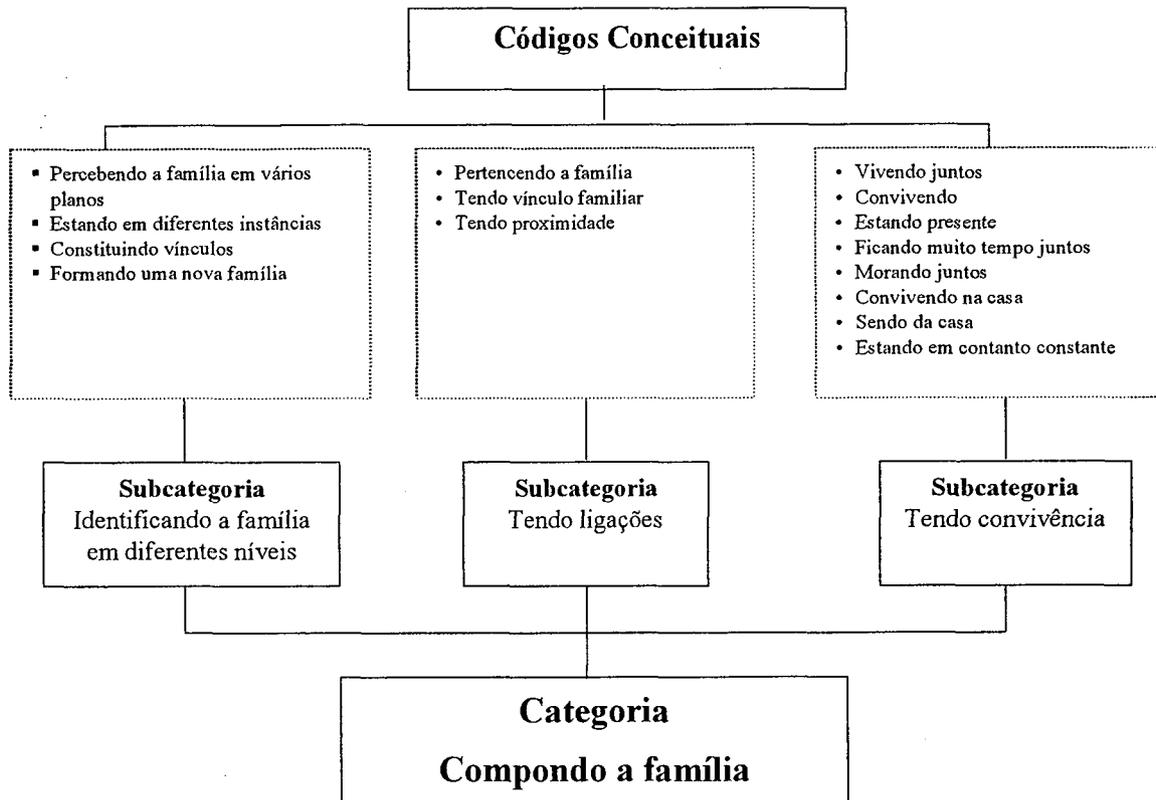


Figura 6 – Diagrama da categoria compendo a família

Ao analisar os dados e formar os códigos conceituais, notei que as respostas sobre a questão formulada indicavam o agrupamento de três subcategorias, cuja descrição destaco a seguir.

5.1.1.1 Subcategoria: Identificando a família em diferentes níveis

Ao ser colocada a questão sobre a constituição da família, um dos membros das famílias fez referência à família nuclear, composta pelos pais e filhos.

Nós quatro aqui... (F. Liberdade)

A minha família é mulher e filhas. (F. Privacidade)

Porém, ao responderem, os próprios informantes ou os outros membros das famílias que estavam presentes nas entrevistas percebiam o caráter limitado da idéia de família e completavam com outras informações, incluindo outros membros. Assim, percebiam a família em uma perspectiva mais ampla.

A gente não tem uma idéia precisa do que é a nossa família. Eu acho que no primeiro momento é aqui, na nossa casa. Mas, em segunda instância, a minha família de solteiro e a família dela. (F. Liberdade)

Embora, inicialmente as famílias tenham apresentado uma certa dificuldade em definir a família, esse foi um momento reflexivo para as próprias famílias, pois reconheciam que elas são constituídas em diferentes planos, instâncias, ou círculos, dando a idéia de níveis diferenciados de composição familiar, como revelam as seguintes declarações:

A família próxima é formada pelos filhos, nora, genros e netos. Em segundo círculo estavam os pais, irmãos, cunhados, tias e sogra. (F. Modelo)

É constituída de nós três (...). penso também na minha família e na família dele. (F. Afeto)

No primeiro momento, a família é lembrada como aquela formada pelo casal e filhos, ou mãe e filhos, e que depois passa a incluir os genros, noras e netos na linha descendente, pais e avós, na linha ascendente, e irmãos e cunhados, na linha colateral.

Para as famílias, quando um de seus membros sai de casa para se unir a uma outra pessoa, ele está *formando uma nova família*. Assim sendo, na sucessão desses eventos, a composição familiar vai se alterando, acrescentando novos elementos e estabelecendo outras ligações, formando uma rede familiar em diferentes níveis.

5.1.1.2 Subcategoria: tendo ligações

Uma outra maneira de perceber a composição familiar é apontada pelos membros entrevistados. Eles deram indicações de que a composição familiar está relacionada ao fato de uma pessoa ser considerada membro da família. A subcategoria **Tendo ligações** revela que as famílias utilizam alguns critérios para considerar quem faz parte da família.

Pertencer à família traz a idéia de fazer parte dela. Embora isso pareça ser naturalmente concebido no processo sucessório da formação familiar, há famílias, em que a idéia de *pertencer* a elas, não tem uma conotação natural, mas sim a de

que é determinada por cada grupo familiar ao definir quem são as pessoas que delas fazem parte, como demonstrado na seguinte declaração:

A partir do momento em que saí de casa da minha mãe, fui formar a minha família. Quando elas (filhas) saírem(...) vão formar a família delas e vai depender delas se eu pertença e em que situação eu pertença como família. (F. Respeito)

Assim, para pertencer a um grupo familiar, é preciso que esse grupo aceite a presença do membro e o integre na composição da família.

Outro critério que surge nesta subcategoria está associado com a relação de proximidade dos integrantes da família. Para algumas famílias, a distância física entre os membros faz tornar mais próximas ou distantes as relações entre eles e, desse modo, eles passam a ser, ou não, considerados como integrantes da família. Essa idéia é constatada nas seguintes declarações:

A gente considera muito família uma tia. (...) e o irmão dele (marido) que moram aqui perto. (F. Liberdade)

Tenho irmãos, tios (...) eu não tenho consideração porque eles vivem muito longe. (F. Respeito)

Enquanto algumas famílias definem a composição familiar em função da proximidade, outras levam em consideração o pertencer à família. Porém, há ainda outras que, independentemente desses critérios, incluem os que *têm vínculo familiar*, quer dizer, considerando todas aquelas pessoas que têm uma ligação de parentesco ou afetiva.

Tendo vínculo familiar, eu considero todos. (F. Diálogo)

Enfim, a composição familiar pode ser indicada pelas relações estabelecidas entre seus membros considerando a aproximação, o vínculo e quem pode pertencer à família.

5.1.1.3 Subcategoria: tendo convivência

“É a família no sentido da convivência, disse um dos entrevistados. Essa expressão revela não somente o pensamento dessa pessoa, ela representa a idéia das famílias quando levam em consideração as pessoas que *vivem muito*

tempo juntas ou que *estão presentes* na vida familiar, mesmo que essas não morem na mesma casa, mas que estejam em contato constante com a família.

(...) tem também a empregada que ficou muito tempo. (F. Modelo)

(...) minha sogra e a tia da mulher. É a família no sentido da convivência. (F. Privacidade)

Morar junto e conviver na mesma casa faz surgir um sentimento de família, cujo significado é considerado quando as famílias definem a sua composição.

(...) é a que tem parentesco biológico ou não; que convive. Acima de tudo, é conviver na mesma casa, com os mesmos ideais. (F. União)

Assim, as famílias definem a composição de acordo com as ligações e as interações estabelecidas entre seus membros. Destaco, como característica da composição familiar, a mudança que acontece ao longo da trajetória familiar. Os eventos que acontecem na história de cada família, como a entrada ou saída de seus integrantes, marcam também a sua composição.

As famílias, cujos filhos saíram de casa para constituir um outro grupo familiar ou por outras razões, registram, no tempo presente, uma composição familiar considerando a família da casa, formada pelos membros que moram juntos e, ao mesmo tempo, a família gerada por eles, os filhos que já não vivem mais junto com os pais, além de genros, noras e netos.

Hoje, pensando a família, ao chegar em casa, somos nós dois, embora a gente tem filhas e se reúne. (F. Privacidade)

Quando surge a separação do casal, a composição familiar é reconstituída em função do evento, porém, a integração do membro não dependerá da convivência, mas das relações estabelecidas entre eles, como declara uma das famílias.

Minha família.....são meus pais, irmãos e minha filha....o pai dela? Ela considera um monte, ela gosta dele. Ele está em contato com ela. (F. Honestidade)

Em uma das famílias, cuja separação aconteceu quando as filhas eram crianças, esse evento marcou a ausência do pai na composição familiar. Quando formulei a questão, as pessoas da família, presentes na entrevista responderam imediatamente que ele não era considerado da família. A mãe foi logo dizendo:

Elas eram muito pequenas. Hoje elas não querem saber dele. (F. Respeito)

Desse modo, a composição da família é definida em função das relações estabelecidas entre seus membros. Ela pode ser considerada sob diversas maneiras, ou seja, em diferentes níveis, por aqueles que convivem, pelos que estão próximos e também pelos incluídos na família.

5.1. 2 Categoria: Querendo Viver em Família

Esta categoria é resultante dos dados codificados e agrupados nas subcategorias **Idealizando a família**, **Projetando a família**, **Tendo compromisso de união** e **Desejando continuar a viver em família**, sendo apresentada esquematicamente na figura 7.

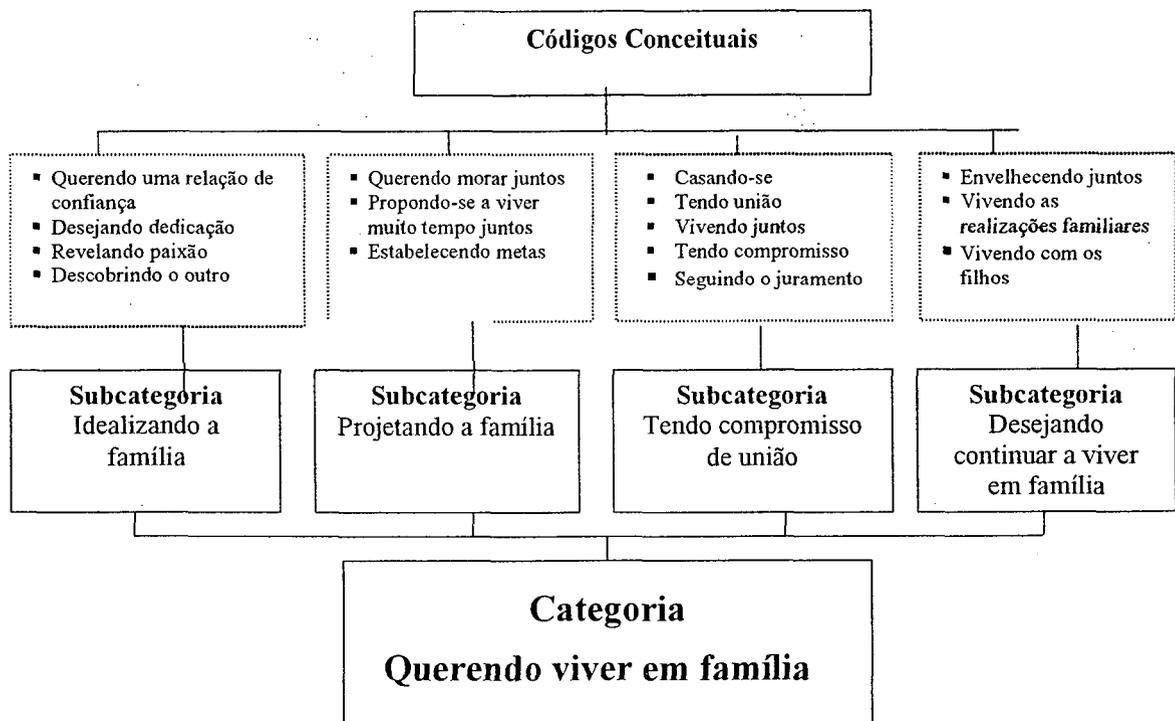


Figura 7 - Diagrama da categoria querendo viver em família

5.1.2.1 Subcategoria: Idealizando a família

Esta subcategoria expõe as formas imaginadas pelas famílias de construir uma família. O desejo de *estabelecer uma relação de confiança, dedicação e satisfação* na vida conjunta é manifestado pelas famílias, como afirma a declaração apresentada a seguir.

Eu idealizei minha família. Primeiro que minha mulher tivesse confiança em mim, que dedicasse a sua vida a me deixar também feliz, porque eu estava me dedicando a isto. (F. Privacidade)

Além disso, os membros das famílias consideram os sentimentos importantes para se viver juntos. Eles revelam paixões, ao descobrir no outro, a pessoa com quem gostariam de viver. Percebem que o amor deve estar presente nas relações para fortalecer a união.

Eu me apaixonei por ele, queria viver com ele. (F. Privacidade)

(...) a certeza do amor e a reciprocidade existia. (F. Liberdade)

O amor vai unir duas pessoas, quando a pessoa ama, fica mais fácil(...) viver juntos. (F. Afeto)

A criação imaginária do ser humano de querer viver com o outro é manifestada pelos membros das famílias ao desejarem uma relação de afeto, confiança e dedicação. Isso conduz ao anseio de querer viver junto, em família.

5.1.2.2 Subcategoria: Projetando a família

A subcategoria **Projetando a família** identifica a elaboração de um plano e a intenção de quererem viver juntos. No imaginário da construção de uma família, as famílias estudadas enfatizam que elas tinham expectativas. Elas *projetavam* a família que queriam formar e procuravam *estabelecer uma meta de vida comum* com as pessoas de sua escolha.

A gente faz um projeto de vida, não só profissional, mas sentimental. (F. Privacidade)

A gente escolhe aquela meta e procura alcançar os dois juntos. (F. Afeto)

Ao arquitetarem uma vida comum, os membros das famílias manifestam a vontade de *querer morar juntos*, imaginando viver muito tempo juntos.

Queria me juntar, morar no mesmo teto. (F. Liberdade)

Queria viver com ele(...) queria ficar casada durante muitos anos. (F. Privacidade)

De certa forma, se considerarmos a trajetória da vida familiar, esta etapa tem sido o momento inicial que serve como um marcador, o nascimento da família.

5.1.2.3 Subcategoria: tendo compromisso de união

Os dados analisados e codificados revelam, na subcategoria **Tendo compromisso de união**, que as famílias são formadas a partir de um acordo estabelecido entre as pessoas que se unem. A existência do *compromisso*, seja ele formalizado pelo casamento ou apenas pela decisão de *querer viver juntos*, é apontada pelas famílias nas seguintes declarações:

A família começou a ser formada quando eu me casei. (F. Respeito)

As pessoas se comprometem a viver juntos. (F. Afeto)

A gente namorou, depois pintou o casamento. (F. Liberdade)

Além do fato de casar, o compromisso é uma ação ética e moral considerada importante para a manutenção da vida familiar, quando os envolvidos buscam *seguir o juramento* prestado no casamento.

O juramento devia ser seguido (...) a união (...) participação. (F. União)

Para as famílias, o casamento é considerado um compromisso de união entre as pessoas. Porém, ele não representa a totalidade do pensamento das pessoas que querem se unir. *Morar juntos* por algum tempo permite uma flexibilidade na tomada de decisão, como mostra a seguinte declaração:

Seria como se fosse um (...) conceito mais moderno de casamento. Em vez de casar(...) então vamos morar juntos e se, daí pra frente, der certo, a gente casa. (F. Liberdade)

Além do compromisso entre as pessoas, a formação de uma nova família não representa apenas a união de duas pessoas, mas a ligação ou *união* de duas famílias.

Acho que foi um laço de família... a união de duas famílias. (F. Afeto)

Convém notar que a formação de uma nova família não busca o rompimento das ligações com as famílias de origem, ao contrário, ela promove uma aproximação entre elas. Assim, querer viver juntos é assumir um compromisso de união importante para a formação da família e a construção de uma vida comum.

5.1.2.4 Subcategoria: desejando continuar a viver em família

Desejando continuar a viver em família é uma subcategoria que indica as manifestações das famílias sobre a intenção de continuarem a viver juntos e de tornar concreta a vida familiar.

As declarações das famílias espelham o processo inicial da formação familiar com o compromisso de viver juntos. Na continuidade desse processo, as famílias retratam o quadro imaginado e concebido da formação familiar. *Querer envelhecer juntos* revela o anseio de manter a vida em família.

Queria ficar casada durante muitos anos, envelhecendo ao lado dele, de cabelos brancos (...). Imaginava ter filhos, que iam casar, ter netos. (F. Privacidade)

As famílias mostram também que suas aspirações tem se concretizado ao longo da caminhada, como revela a seguinte declaração:

Imaginava viver(...) como estamos vivendo.(F. Diálogo)

Manter o viver em família é um desejo apresentado tanto pelas famílias que tem como foco central o casal, quanto pelas famílias monoparentais, cujas estruturas foram alteradas pela separação. Independente das mudanças que ocorrem ao longo da história de vida dessas famílias, a vontade de querer viver em família é o que move os membros para a convivência.

Eu me separei(...), mas nunca deixei delas.(F. Liberdade)

As famílias do estudo revelam que querer viver em família surge como uma condição para a construção de uma vida comum, sinalizada ao planejar a vida familiar e fundamentada no compromisso de união das pessoas envolvidas. Ela está presente ao longo do processo de viver das famílias, ligando o tempo atual ao passado e caminhando para o futuro.

5.1.3 Categoria: Criando o Espaço de Moradia da Família

Normalmente, ao encontrar a expressão “viver juntos sob o mesmo teto”, a interpretação parece ser óbvia e imediatamente se pensa na existência da família. Para as famílias, ter um espaço físico é de suma importância para o seu viver. A categoria **CRIANDO O ESPAÇO DE MORADIA DA FAMÍLIA** faz conhecer o que o espaço físico representa para a vida em família. Esta categoria é apresentada em três subcategorias **Querendo um espaço físico, Dando significado à moradia e Dinamizando o espaço**, cuja codificação está indicada na figura 8.

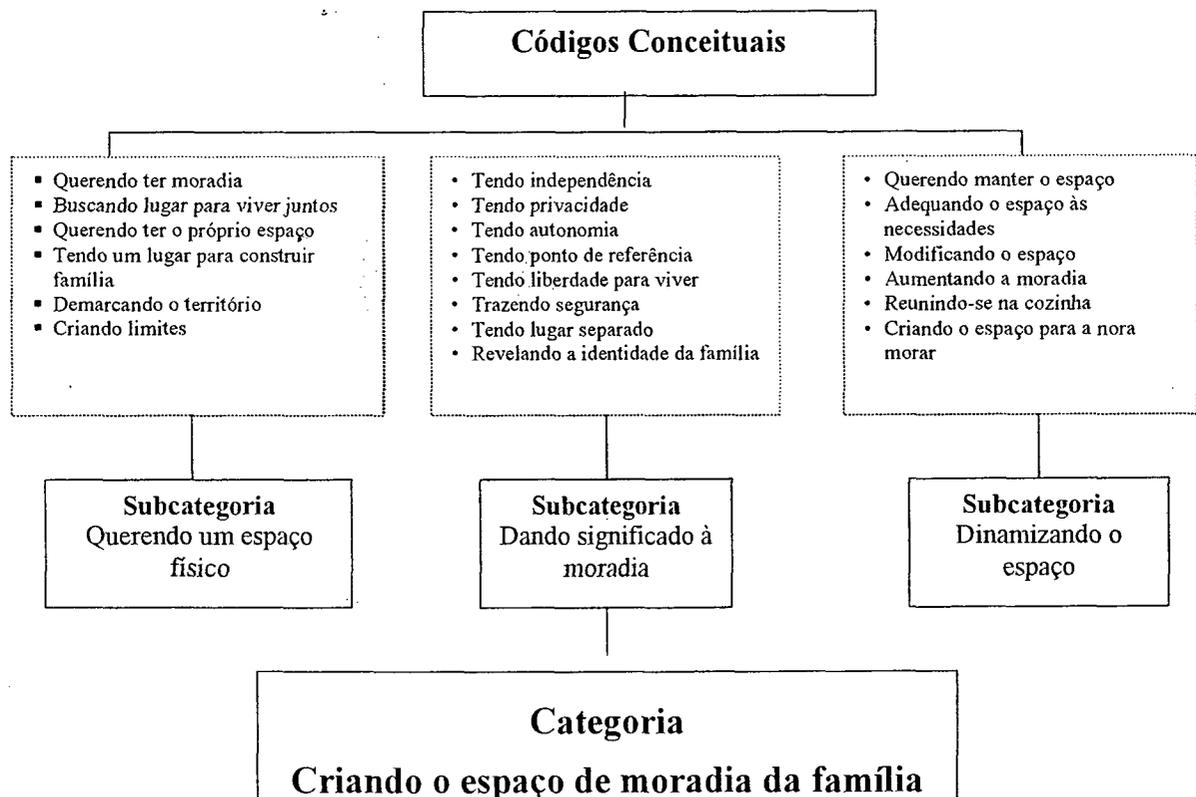


Figura 8 – Diagrama da categoria criando o espaço de moradia da família

5.1.3.1 Subcategoria: querendo um espaço físico

Na subcategoria **Querendo um espaço físico**, a análise comparativa dos dados possibilitou visualizar a importância que as famílias atribuem à moradia. Elas manifestam o desejo de *querer ter uma moradia, ter o seu próprio espaço*.

A gente tem que ter o seu próprio espaço. (F. Diálogo)

As famílias afirmam que a moradia é uma condição *sine qua nom* ou uma necessidade para que elas, nos seus processos de viver, possam crescer e se desenvolver, enfim, *ter um espaço para construir a família*.

Se não tiver uma casa, não tem como construir uma família. (F. Respeito)

Além de ter um lugar para viver juntos, as famílias querem criar o seu espaço. Assim, ao estruturar o espaço da moradia, as famílias demarcam um território físico e social, definindo os limites entre o seu mundo interno e externo. A delimitação das fronteiras físicas que demarcam o território indicam tanto a proximidade quanto o distanciamento no relacionamento social com outras pessoas, como se pode constatar em um dos comentários registrados nas entrevistas.

Moramos muito tempo no bairro e alguns vizinhos quando passavam, entravam para conversar. Mas, por causa do cachorro, colocamos uma grade em frente à casa. Percebemos que o número de visitas diminuiu. As pessoas acham que está tudo fechado e não entram mais. (F. Modelo)

Para as famílias, ter um espaço próprio para morar é definir um limite físico e social para a construção da família.

5.1.3.2 Subcategoria: dando significado à moradia.

A moradia seja ela uma casa ou um apartamento, é o espaço da família. Em **Dando significado à moradia**, os dados analisados e codificados mostram que a moradia não representa apenas um local físico, mas também significados relacionados ao processo de viver das famílias. Ela é lembrada em uma expressão popular e designada como um *espaço sagrado*.

Quem casa, quer casa. (F. Liberdade)

É sagrado. (F. Respeito)

A moradia representa a sede, o referencial e as condições visíveis da identidade da família, identidade esta que é o conjunto de características próprias de cada família, colocado em evidência pelo tipo de moradia e o seu modo de viver, *mostrando como é a família.*

Numa casa, tu sentes um pouquinho do que é aquela família(...) A casa é a cara da gente, o cheiro da gente. (F. Liberdade)

Concebido como o espaço próprio para a construção da família, a moradia tem uma dimensão privativa na qual se define o espaço íntimo da convivência familiar. Esse espaço privativo é considerado um local privilegiado no qual os membros buscam *liberdade* para se expressar, decidir e se sentir à vontade .

(...) que a gente possa falar, rir, brincar ou até chorar, se for o caso. (F. Privacidade)

Para ter liberdade(...) fazer o que quiser. (F. Respeito)

Para as famílias, o significado de ter uma moradia está associado à autoridade, no sentido de ser soberano e de ter *domínio* sobre o mundo da vida familiar. As famílias querem ter um lugar para exercer, a seu modo, o processo de construção da convivência familiar.

É o nosso cantinho, ninguém vem apitar no nosso cantinho. (F. Privacidade)

No teu espaço, tu podes ser respeitado, porque aquilo ali é teu. Podes ter a tua família, manter as tuas ordens, teus direitos. (F. Diálogo)

As famílias querem definir um modo próprio de viver, no qual possam articular as ações necessárias para a vida comum e as relações entre seus membros e outros. Por isso, querem *ter privacidade, independência e autonomia*. Querem construir um mundo particular e singular.

Acho importante a gente ter o seu espaço e ter privacidade e colocar em prática as nossas metas. De certa forma, é independência, ter autonomia para decidir o que vai fazer. (F. Afeto)

O espaço da moradia também representa segurança. Para as famílias, é importante ter um espaço onde elas possam se sentir protegidas do mundo exterior e criar o seu mundo interior, de acordo com suas crenças e valores.

Tendo um lugar para morar, tem aquela segurança, tu podes estabelecer melhor uma família. (F. Diálogo)

Dessa maneira, para as famílias, ter uma moradia significa o seu domínio privativo no qual seus membros podem ter autonomia para decidir e agir, como também sentirem-se protegidos e seguros do meio externo.

5.1.3.3 Subcategoria: dinamizando o espaço

Esta subcategoria ressalta que o espaço da moradia está relacionado à dinâmica familiar, isto é, ao movimento do dia a dia, às transformações que marcam a vida das famílias e às relações que se estabelecem entre os membros. No decorrer da história de vida de cada família, as mudanças que ocorrem nesse processo também provocam alterações na própria moradia, *modificando o espaço*.

Quando a gente se casou, morávamos com minha irmã. Depois, moramos numa casa com duas peças. Depois num apartamento pequeno. Não sei como a gente ficou tanto tempo com ele (filho) ainda pequeno. A coisa foi crescendo. (F. Liberdade)

A chegada de um membro novo na família, geralmente pelo nascimento, inclui a preocupação de *destinar um espaço físico* a ele.

Quando a gente namorava ainda (...) começamos a fazer esta casa. Na época, era menor, depois, a gente aumentou um pouco. Ela (filha) nasceu. (F. Afeto)

O espaço físico também está relacionado com as necessidades da família impostas por mudanças. Ele se expande para dar lugar à chegada de mais um membro na família ou para atender às exigências da vida em família. Enquanto que, para algumas famílias o espaço é *mantido*, mesmo quando alguns de seus membros saíram de casa, na espera de que possa ser ocupado e *possibilitar a*

manutenção da convivência familiar, para outras, o espaço amplo pode não atender às necessidades e então, modificam e trocam de moradia.

(...) dá liberdade para receber os filhos e o netos. Hoje, este lugar permite a continuidade deste convívio. (F. Modelo)

A casa ficou grande. Quero vender e comprar dois apartamentos pequenos. Um para nós e outro para o filho. (F. Afeto)

A moradia também é um espaço relacional cuja dimensão transcende o privado e se volta para o público, no sentido do que é comum ou utilizado por todos. Algumas áreas da casa se destinam aos encontros entre os membros das famílias, ou com outros que a visitam. Eles procuram *reunir-se na cozinha ou na sala para conversar*, tornando um espaço social e relacional.

(...) vamos até a sala para conversar. (F. Afeto)

(...) sentamo-nos todos ao redor da mesa. (F. Apoio)

Saímos da cozinha e fomos para a sala. Ligaram a T.V. , sentamo-nos no sofá. (F. União)

Para as famílias, ter moradia significa ter privacidade, liberdade para viver e criar o seu mundo. A moradia é o espaço físico que se transforma de acordo com as mudanças da trajetória da família, sendo adequado de acordo com o modo de viver. Ela é o espaço onde acontecem as relações e se estabelecem os limites entre o público e o privado. A moradia é, portanto, um lugar em que a família se configura, tem o seu domínio e constrói o seu ninho.

5.1.4 Categoria: Vivendo os Tempos da Família

A categoria **VIVENDO OS TEMPOS DA FAMÍLIA** retrata um período característico da vida familiar, formado pelo conjunto de ações e interações desempenhadas pelas famílias em cada etapa de sua trajetória, definindo um tempo ao seu modo de viver. Assim, esta categoria é formada pelas subcategorias **Vivendo com os filhos pequenos: um tempo complicado**, **Vivendo com os filhos adolescentes: um tempo de preocupações** e **Vivendo sós: um tempo de retorno à vida a dois**, tendo seus códigos conceituais mostrados na figura 9.

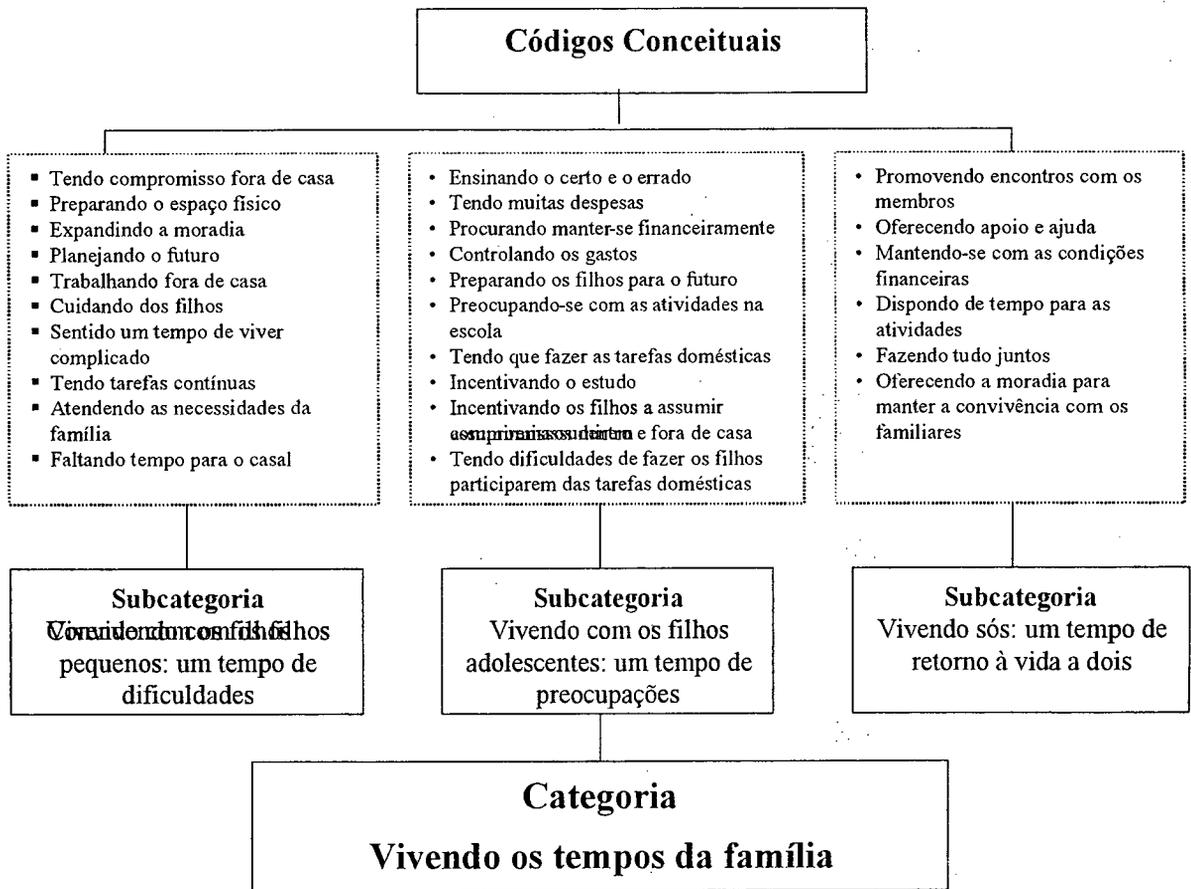


Figura 9. Diagrama da categoria vivendo os tempos da família

5.1.4.1 Subcategoria: Vivendo com os filhos pequenos: um tempo complicado

Para as famílias que têm filhos pequenos, este período é considerado *um templo complicado*, pois exige do casal o desenvolvimento de muitas tarefas, as quais são diárias e contínuas, para cuidar dos filhos e atender às necessidades das famílias, principalmente se possuem filhos menores de cinco anos. Os membros das famílias percebem a dificuldade de terem momentos só para eles, ou que a vida mudou.

Está muito difícil. A gente não namora mais. A gente conversa sobre... tem que ir na feira, é fralda, médico. Às vezes, é bem complicado(...). A gente não acha mais um tempo para a gente, nem para o casal e nem para a pessoa em si. É sempre aquele rolo, a gente fica irritado. (F. Liberdade)

(...) isto é uma mudança muito grande na vida da gente. (F. Ligação)

Além disso, o casal, ou um dos membros, *assume compromissos fora de casa*, com o trabalho ou o estudo, impossibilitando uma dedicação plena aos filhos. Assim, quando retornam à moradia, o tempo disponível é dedicado ao cuidado das crianças.

Com o nascimento dos filhos, as famílias sentem a necessidade de *preparar ou expandir o espaço físico* para acomodar seus membros.

Antes, nossa casa era só isso aqui. Depois, fizemos um quarto para ela e ali ela brinca. (F. Afeto)

(...) o futuro quarto está completamente rebocado. (F. Apoio)

Elas também se preocupam com o futuro da vida em família e, principalmente, com o futuro dos filhos, *fazendo planos* para se manter financeiramente e proporcionar segurança para as famílias.

Estou tranqüilo financeiramente (...) também quero terminar a faculdade, mas deixa ela fazer primeiro. (F. Liberdade)

Eu me preocupo com a filha(...) comprei um terreno para ela. (F. Afeto)

(...) o segundo...não é pra já (...). Até lá, a gente melhora de vida. (F. Apoio)

Para as famílias que estão atravessando um período de expansão com o nascimento e a criação dos filhos pequenos, o tempo de convivência é caracterizado pelas múltiplas e diárias tarefas de cuidado. Além disso, é um tempo presente marcado por ações e responsabilidades na construção do seu espaço físico e social.

5.1.4.2 Subcategoria: Vivendo com os filhos adolescentes: um tempo de preocupações

As famílias que têm filhos adolescentes atravessam um período diferente da fase anterior. Esta é uma fase repleta de outras preocupações. O processo de crescimento e desenvolvimento dos filhos, a escola, os amigos, namoro e sexo são alguns dos aspectos da vida dos adolescentes que influenciam a dinâmica da

vida familiar. As famílias procuram desenvolver ações e interações que visam o desenvolvimento de seus membros, cujas atribuições estão voltadas para a formação, *preparando os filhos para o futuro*. Elas se *preocupam com as atividades escolares dos filhos, orientam e ensinam os aspectos morais e éticos* para viver em sociedade, como mostram as seguintes declarações:

Falta de incentivo não foi. Vai estudar (...). Parece que, no segundo semestre ela quer estudar.(F. Respeito)

Falo para minha filha que não é porque os outros fazem que ela tem que fazer igual. Tem que aprender a respeitar as pessoas, o lugar onde mora. (F. Honestidade)

Para as famílias, desempenhar as atividades domésticas promove nos adolescentes o sentido de organização. Porém, as famílias *têm dificuldades de fazê-los participar*. Elas *incentivam o desenvolvimento de tarefas e a participação nas atividades*, fazendo-os assumir compromissos.

Ela (a filha) é bem responsável com as coisas dela (...) a outra, antes dessa, não gosta de fazer nada dentro de casa (...) é a idade, depois muda. (F. Respeito)

Quando peço, ela faz, senão...(F. Honestidade)

Outro aspecto salientado pelas famílias que estão nessa fase da trajetória familiar está relacionado às mudanças financeiras. Elas declaram que *têm muitas despesas com os filhos em função das atividades sociais e escolares*. Os filhos querem participar de tudo. As famílias *precisam ter um controle sobre as despesas para manter-se financeiramente*. Isso acontece principalmente com as famílias que passaram por um processo de separação do casal, uma vez que o próprio processo gera uma mudança nesse aspecto. As famílias revelam uma preocupação em atender às necessidades e consideram importante a colaboração de todos os seus membros.

Às vezes elas reclamam e falam: eu quero isso, eu quero aquilo, não tem isso, não tem aquilo (...) hoje em dia, tem que lutar bastante.(F. Respeito)

Ela quer os que as amiguinhas querem. Falo que não dá. É difícil. (F. Honestidade)

As famílias percebem que muitas mudanças estão acontecendo. É um período voltado para o mundo externo, porém com visões diferentes entre os pais e os filhos. Os pais se preocupam com a formação profissional dos filhos e o enfrentamento competitivo presente na sociedade. Os filhos, por sua vez, querem buscar autonomia e independência de acordo com o seu modo de pensar e agir. Este período tem se caracterizado como preocupante no viver cotidiano das famílias.

5.1.4.3 Subcategoria: vivendo sós: um tempo de retorno à vida a dois

A vida passa muito rapidamente para as famílias. Quando elas se dão conta, os filhos cresceram, foram construir suas famílias e seus mundos. A família constituída por várias pessoas se modifica e o casal volta a reconstruir a vida a dois.

Esse é um período em que os membros *dispõem de mais tempo para desenvolver as atividades* do cotidiano, já que seus compromissos diminuíram, mesmo para aqueles que continuam trabalhando fora de casa. *Tendo uma situação financeira estável*, a vida diária é organizada para atender à vida do casal e eles *procuram fazer as atividades juntos*.

Trabalhar juntos, viajar....tudo. (F. Modelo)

Nós passamos a semana sozinhos (...). tudo o que a gente pode fazer juntos, a gente faz. (F. Privacidade)

Porém, as famílias desejam manter a ligação com os filhos e com aqueles que foram se integrando e passaram a fazer parte da composição familiar, como os genros, noras e netos. As famílias *buscam manter a convivência familiar* que construíram ao longo dos anos, *promovendo encontros, oferecendo apoio e ajuda, mantendo contato* com os membros.

A gente tem que manter a convivência(...) sempre estar mantendo aquela chama acesa. (F. Diálogo)

Os daqui (...) normalmente, a gente se encontra (...) ou por telefone (...) com os que estão mais longe. (F. Modelo)

Desse modo, as famílias revelam que, na trajetória da vida familiar, cada período tem características que diferenciam o seu modo de viver. Algumas das características que emergiram dos dados mostram as mudanças nas relações e na organização do viver cotidiano da família. Acompanhando o processo de crescimento e desenvolvimento dos filhos, o casal passa um tempo imerso nas atividades para atender às necessidades deles, preocupando-se em oferecer condições e prepará-los para o futuro. As atividades e as preocupações desse período dificultam a dedicação de um para com o outro. Mais tarde, eles podem ficar mais tempo juntos. A convivência familiar vai sendo construída e reconstruída nos diferentes tempos do viver em família.

5.1.5 Categoria: Fazendo Parte da Teia Social

De acordo com os dados analisados, esta categoria permite identificar alguns componentes de interligação entre os mundos interno e externo das famílias, através das subcategorias **Recebendo apoio** e **Buscando suporte financeiro**. Os dados codificados são apresentados na figura 10.

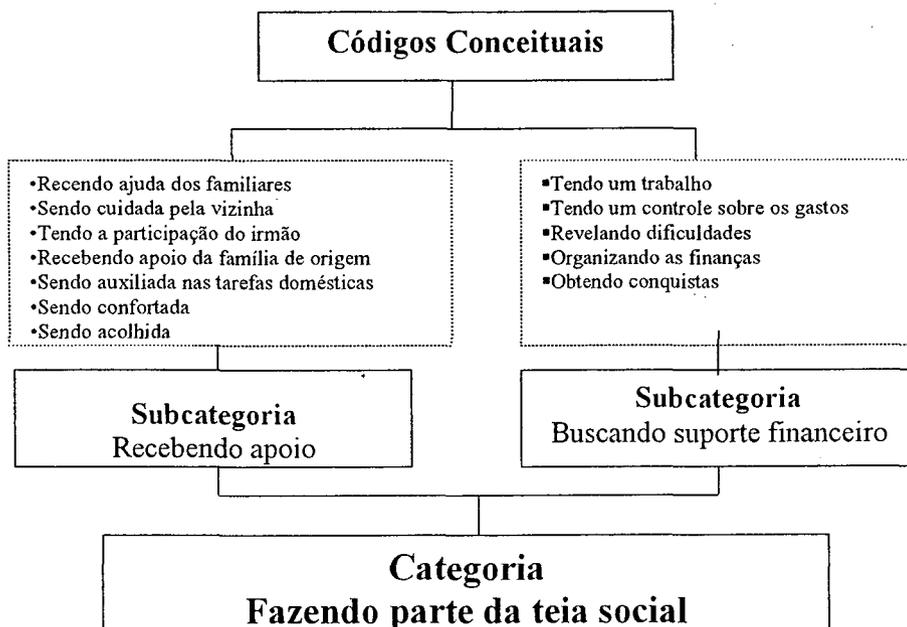


Figura 10 - Diagrama da categoria fazendo parte da teia social.

5.1.5.1 Subcategoria: recebendo apoio

A subcategoria **Recebendo apoio** faz referência ao contato das famílias com outras famílias, as quais participam, de uma certa forma, no processo da vida familiar.

Embora queiram ter privacidade, as famílias procuram estar sempre em contato com os outros, seja com as famílias de origem, vizinhos ou amigos, formando uma rede social. Este contato é maior quando as famílias passam por experiências novas ou críticas. Nessas ocasiões, elas *recebem ajuda e apoio dos familiares*, especialmente das *famílias de origem*.

Nas situações novas, como o nascimento dos filhos, são as mulheres, representadas pelas mães, sogras, irmãs, cunhadas e vizinhas que oferecem *conforto* e ajuda às famílias. Elas participam do cuidado da mãe e do filho e ainda auxiliam nas tarefas domésticas.

As duas (cunhadas) disseram que, de jeito nenhum, Maria ia chegar em casa sozinha (...) João disse à Maria que a mãe dela já havia chegado do interior com uma irmã (...) e que já estavam em casa esperando por ela. (F. Apoio)

Nós demos chá de erva doce (...) foi minha mãe quem deu a idéia. (F. Ligação)

As famílias *sentem-se confortadas* com o *apoio* recebido das famílias de origem. Elas sentem-se aliviadas quando *auxiliadas nas tarefas domésticas e atendidas nos cuidados*, realizados pelos familiares e vizinhos, apesar de temporariamente.

Nas situações mais críticas, como a separação, as famílias de origem também estão presentes, *dando apoio, participando das mudanças e ajudando nas necessidades*. As famílias *sentem-se acolhidas* quando as dificuldades parecem ser maiores do que as forças.

Minha mãe me apoiou muito. Meus irmãos também, eles foram pegar minha mudança. (F. Respeito)

Esse apoio que as famílias recebem é constituído pelas maneiras de agir e interagir das pessoas que, de certa forma, exercem uma influência nas famílias,

uma vez que há troca de informações e transmissão de crenças e valores. Às vezes, as próprias famílias vão buscar o apoio, como declarou um dos informantes.

Antes de tomar uma decisão, peço um conselho para os meus pais. Quero sentir o apoio deles. (F. Honestidade)

Ter o apoio das pessoas próximas significa estabelecer um elo com o mundo externo, que ao mesmo tempo está ligado ao mundo da família.

5.1.5.2 Subcategoria: buscando suporte financeiro

Esta subcategoria revela que um dos elos de conexão entre os mundos interno e externo é formado pelas condições financeiras que permitem com que as famílias atendam às necessidades da vida familiar. *Ter um trabalho remunerado realizado por um ou mais membros é o meio que possibilita o suporte financeiro para a família.*

Eu saía para trabalhar. (F. Respeito)

Trabalho no período vespertino. (F. Afeto)

Se não fosse ele agora...como é que eu ia tê dinheiro pra comprar as coisinhas pro nosso filhinho? (F. Apoio)

Algumas famílias falam sobre as dificuldades quando *não têm dinheiro suficiente* ou quando precisam *ter um controle sobre os gastos*, economizando ou indo à busca de recursos.

Tem isso pra comprar, tem aquilo....aí, é tudo somadinho. (F. Respeito)

Quando a gente começou a namorar, ele começou a trabalhar. A gente não tinha dinheiro pra nada. (F. Liberdade)

Porém, as famílias sentem que, tendo um modo organizado de estabelecer as *finanças*, permitirá que elas obtenham conquistas, trazendo satisfação e tranquilidade para todos.

Na nossa vida juntos, a gente cresceu financeiramente, conquistando as coisas. Meu emprego me basta. (F. Liberdade)

No lado das finanças...a gente não compra nada, se a gente não tem.(...) agora estamos construindo uma casa na praia. Chega sexta feira, põe as trouxas no carro e fica lá. (F. Afeto)

Os dados apresentados nessa categoria mostram que há uma conexão entre o mundo interno construído pela família e o mundo externo, formado por outros grupos e pela sociedade. A participação dos membros das famílias através do trabalho para atender às suas necessidades e conquistar o bem estar, assim como, permissão para que outras famílias ou pessoas entrem no seu mundo, conduzem à formação de elos com a sociedade.

5.1.6 Categoria: Estabelecendo Maneiras de se Relacionar na Família.

As famílias, ao discorrerem sobre a vida familiar, apresentaram dados os quais, codificados, formaram a categoria **ESTABELECENDO MANEIRAS DE SE RELACIONAR NA FAMÍLIA**, constituída pelas subcategorias **Utilizando estratégias de comunicação, Lapidando as relações interpessoais, Mantendo elos entre as gerações, Compartilhando decisões e Estabelecendo relações de poder**. A figura 11 apresenta a categoria, as subcategorias e seus códigos conceituais.

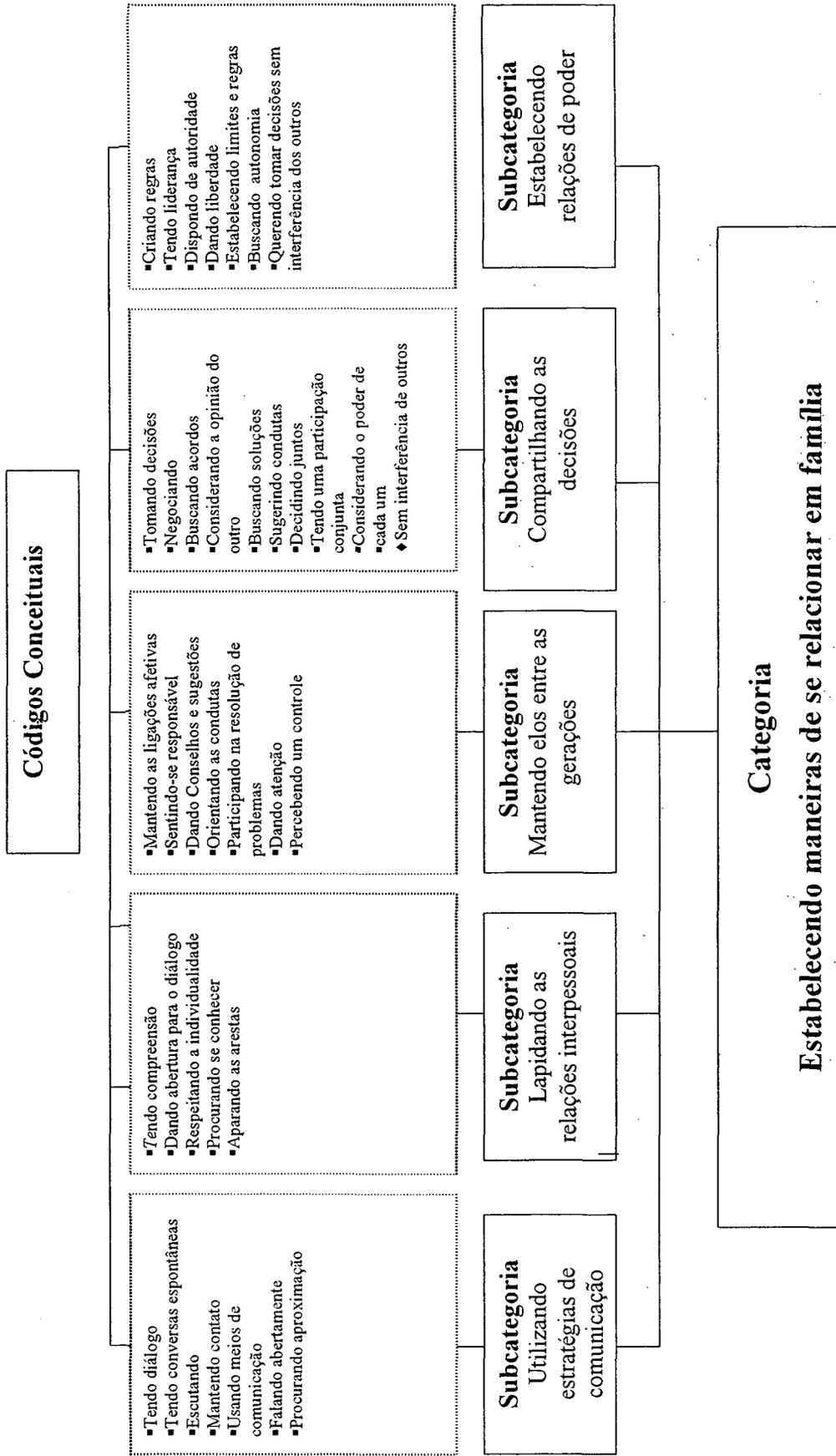


Figura 11 – Diagrama da categoria estabelecendo maneiras de se relacionar em família

5.1.6.1 Subcategoria: utilizando as estratégias de comunicação

Para estabelecer e manter um relacionamento entre seus membros, as famílias procuram encontrar maneiras de se comunicar. Assim, uma das formas mais referida pelas famílias foi o diálogo, considerado por elas como algo muito importante para viver em família. As famílias entrevistadas declararam:

Tem que ter o diálogo. (F. Modelo)

Toda a vida a gente conversou de tudo, com o pai e a mãe. A base na família seria o diálogo. Sentar e conversar. Isto era bom. (F. Diálogo)

Ter diálogo é um modo estratégico de possibilitar a troca entre os membros da família, no sentido de conhecer as necessidades, expectativas e desejos de cada um. As famílias sentem que é importante oportunizar o diálogo para poder conhecer os problemas e buscar soluções.

Conversamos bastante, de bem ou de mal, sobre os problemas que se está enfrentando, as soluções que possam ter. (F. Modelo)

Conversar bastante com os filhos e eles com os pais. (F. Honestidade)

O diálogo possibilita abrir espaços para as famílias exercerem as atribuições necessárias para a formação de seus membros. Oferece também a oportunidade de focar o aspecto moral, importante para a formação e os relacionamento entre as pessoas.

Desde criança falava abertamente com eles sobre sexo, droga, o errado e o certo. (F. Diálogo)

Para os pais, escutar é colocado como uma estratégia de comunicação, permitindo a abertura para o diálogo e a compreensão do modo de manifestar do outro.

Eu procuro escutar mais do que falar, mesmo não aceitando muito as coisas. (F. Diálogo)

As conversas livres e espontâneas são favorecidas nos momentos de encontros entre os membros das famílias. A reunião ao redor da mesa de refeições, sobretudo nos finais de semana, quando as pessoas dispõem de tempo para trocar idéias, facilita o diálogo.

Geralmente, a gente conversa na hora do almoço, no quarto, na T.V. no fim de semana é quando a gente se encontra. Elas contam o dia a dia delas para mim. Às vezes, a conversa vai longe. (F. Respeito)

As famílias, cujos filhos saíram de casa, utilizam os meios de comunicação para manter contato. Em geral, o ponto de partida é dado pelos pais, que se mostram ansiosos para saber como estão os filhos, netos, enfim, os membros que compõem a família.

Nós as procuramos mais. Tem épocas que elas ligam mais. (F. Privacidade)

Assim como há uma abertura para o diálogo no sentido de reciprocidade possibilitando uma dimensão aberta da comunicação, pode haver também a dimensão fechada, caracterizada pela falta da troca, que pode se manifestar por gestos ou palavras.

Ele (pai) procurou ela várias vezes(...) dava presentes, isto e aquilo(...) fazia uma promessa e desaparecia. Ela não gostou. (F. Respeito)

Assim, o diálogo e a realização dos encontros, para se estar sempre em contato, são as estratégias de comunicação que as famílias utilizam para estabelecer as relações e facilitar a proximidade entre os seus membros, buscando manter a convivência familiar.

5.1.6.2 Subcategoria: lapidando as relações interpessoais

Nas famílias, as relações de proximidade entre as pessoas no convívio cotidiano tornam possível o contato pessoal, fazendo com que as características individuais se tornem visíveis. As famílias acreditam na importância das relações entre seus membros, mas referem o *respeito à individualidade* como relevante no estabelecimento dessas relações. Percebendo o ser de cada um, *reconhecem a existência das diferenças* e criam maneiras de se relacionar entre si. Assim, *olhar para o outro com atenção* é uma forma que conduz às relações interpessoais.

As famílias percebem que as ações desenvolvidas por um membro têm um reflexo sobre o outro, o que pode influenciar os comportamentos e até mesmo o modo de pensar e sentir das pessoas envolvidas. Reconhecer o outro como participante da vida comum indica uma influência mútua entre as pessoas, uma

relação de interação. Como parte desse processo, o diálogo dá possibilidade de as pessoas se conhecerem e buscarem um entendimento das particularidades de cada um.

No nosso primeiro ano de casamento foi mais difícil. A gente discutia. A gente começou a conversar mais. É uma ponta que a gente apara. (F. Liberdade)

A gente neste tempo todo, aprendeu a se conhecer pela mudança de humor, expressão do rosto e pergunta o que está acontecendo. (F. Modelo)

Tem que lapidar, juntar os dois e lapidar. (F. Afeto)

As famílias falam *tem que lapidar*, como se a união das pessoas na construção da família formasse uma unidade bruta, que para tornar perfeita é necessário *aparar as arestas* e aperfeiçoá-la. Entretanto, na relação interpessoal, *ter compreensão* é considerado pelas famílias como um componente muito importante para a convivência de seus membros. Ele faz parte das interações estabelecidas entre as pessoas, tornando as relações familiares mais sólidas.

Com o tempo, a gente vai se ajustando, se corrigindo, aceitando o defeito do outro e com isso, a gente foi se amoldando. O nosso relacionamento está solidificado em função disto aí, da compreensão. Só o amor não é suficiente, tem que ter compreensão. (F. Privacidade)

As famílias reconhecem que, nas relações interpessoais, aprender a se conhecer leva tempo e que a confiança é um sentimento construído com as experiências, com a interpretação das ações de cada um e a cada momento da vida cotidiana. O respeito à individualidade e à compreensão são elementos essenciais no estabelecimento das relações interpessoais para a convivência na família.

5.1.6.3 Subcategoria: mantendo elos entre as gerações

Esta subcategoria mostra que as relações firmadas entre os membros das famílias se ampliam para além do mundo privado construído. O relacionamento mais próximo acontece com as famílias de origem. Assim como elas são consideradas na composição da família, elas são também importantes no estabelecimento das relações familiares. Embora os núcleos familiares sejam

considerados distintos, eles mantêm ligações entre si, formando uma ponte com sentido bidirecional. De um lado estão as famílias de origem e, de outro, a família em formação, a qual chamo de nova família.

A partir das expressões apresentadas pelas famílias, quando colocadas na posição de origem, vê-se que a proteção, como parte das atribuições familiares, continua a ser desempenhada ao se *dar atenção e orientar as condutas* de seus membros.

(...) procuro dar atenção, apaziguar os ânimos, orientá-las. (F. Privacidade).

Por outro lado, a nova família sente-se responsável pelos membros das famílias de origem e *participa na resolução de problemas*, quando eles não conseguem resolvê-los. Dependendo da proximidade física ou relacional, as famílias procuram se manter ligadas e *atentas às necessidades dos familiares*. Referem sentir-se responsáveis pela integridade das famílias.

Eu sou a filha mais velha e ele é o filho mais velho. A gente se responsabiliza pelas coisas. Ele está preocupado com a mãe, o irmão, com a família dele. (F. Liberdade)

Porém, nem sempre essas relações são simétricas. Dependendo da situação e da compreensão dos limites que cada família estabelece para si, as relações são ameaçadas por desentendimentos ou passam a ser geradoras de conflitos. Há famílias que se *percebem controladas* pelas famílias de origem, gerando um desconforto nas relações, como revela a seguinte declaração feita pelo casal:

Ele diz: Ela acha que sou muito apegado a meus pais. Ela comenta: Me incomoda um pouco até hoje. Ele tem um irmão, daí eles ligam para cá, para ver (...) onde eles foram. Parece que eles querem controlar. (F. Afeto)

As relações entre as famílias de origem seguem um caminho de mão dupla. O sentido ora é dirigido para a família de origem, ora parte desta para a nova família, dependendo da situação encontrada e das necessidades que surgem na vida cotidiana das famílias. A responsabilidade tem um significado de compromisso para as famílias ao manterem ligações e oferecer ajuda e apoio.

5.1.6.4 Subcategoria: compartilhando as decisões

Neste estudo, a análise dos dados possibilitou mostrar o que fazem as famílias ao tomarem decisões para atender às suas necessidades. O que se observa é que há uma concordância entre os membros das famílias sobre a idéia de compartilhar as decisões, *negociando, buscando acordos, decidindo juntos e considerando a opinião do outro* na busca de soluções para os problemas que emergem.

Ela sempre pede uma opinião. (F. Afeto)

Eu aceito a opinião de meu pai (...) embora eu ache que eu estou certa, gosto de ouvir a opinião dele. (F. Diálogo)

Ter uma participação conjunta é a estratégia que as famílias referem como importante na hora de tomar uma decisão sobre as questões que surgem na vida familiar. Elas mostram determinação em conduzir as questões que envolvem a vida familiar ao querer decidir conjuntamente, formando uma cumplicidade no desenvolvimento das ações.

Acho que nós dois temos que caminhar juntos, em todos os aspectos. (F. Liberdade)

A gente toma partido juntos. Mas também, se ele fizer alguma coisa que eu não esteja presente, eu não condeno ele. A mesma coisa é com ele (...) pode até não gostar (...) não me condena. (F. Diálogo)

Geralmente, a gente decide juntos. (F. Afeto)

As famílias buscam compartilhar as decisões para que seus membros tenham uma forma igualitária de poder. Entretanto, em algumas famílias, a mulher é quem tem uma participação ativa na decisão.

Na verdade, eu é que tomo parte de tudo. (F. Diálogo)

Todavia, a análise dos dados me fez ver que, em algumas famílias, a figura masculina demonstra ter certo poder. Ele deseja a participação da mulher e pede para ela escolher, sugerir ou tomar uma decisão. No entanto, suas idéias podem não ser as mesmas e isso é tomado como uma advertência, submetendo-a a uma ordem desigual das relações de poder, como mostra a seguinte declaração:

A gente marca uma reunião, mas quem decide é ela. Eu notei que ela argumentou. Se tiver errado, eu chamo a atenção. (F. Afeto)

Para as famílias, as decisões devem ser conduzidas pelos membros que as compõem, sem a interferência de outros. Elas acreditam que perdem a sua autonomia ou o direito de decidirem por si mesmas se outras pessoas, não integrantes do seu núcleo familiar, intervirem nas suas decisões.

Não aceitamos interferência de terceiros, porque, a partir do momento que houver isto, vai ser muito ruim para nós. (F. Diálogo)

A interferência de um na vida dos outros, existe muito pouco. Tanto de nossa parte, com relação aos filhos, quanto dos ascendentes sobre nós. (F. Modelo)

Os membros das famílias mencionaram que, para viver juntos, é necessário tomar decisões compartilhadas, com a participação de seus integrantes. Entretanto, a decisão é um ato da família e não deve ter a interferência de outros, exceto quando solicitado por seus membros.

5.1.6.5 Subcategoria: estabelecendo relações de poder

O que caracteriza esta subcategoria são as manifestações das famílias em relação às regras, autoridade e liderança como formas de poder.

As famílias reconhecem que, para conviver, elas precisam estabelecer algumas diretrizes. Assim, elas *procuram definir as regras da casa*, isto é, estabelecem condutas que devem ser seguidas por todos, para que haja um funcionamento adequado da família. Nessas regras, é determinado o que e como devem ser realizados os procedimentos para as pessoas viverem juntas, o que é permitido ou não fazer.

A gente segue as regras que a gente colocou. (F. Afeto)

No momento em que as famílias estabelecem as regras e os princípios que vão reger a vida familiar, surge a autoridade como uma forma de poder. As famílias afirmam a existência da autoridade nas relações entre pais e filhos, reproduzindo a estrutura hierárquica de poder registrada na história da família. Entretanto, as relações não são mantidas pela imposição dos pais, mas mediadas

pelo diálogo, através das conversas e sugestões, dando liberdade para os filhos decidirem e conduzindo-os a assumir responsabilidades de acordo com suas capacidades.

A gente deixa eles caminharem sozinhos. Quando a gente percebe que a coisa não está bem, a gente conversa. (F. Modelo)

A gente dá bastante liberdade. Eles acatam as sugestões. (F. Diálogo)

O que era bom para mim, podia ser ruim para eles. Mas, eu dava autonomia para eles acharem o que fosse bom para eles. (F. Diálogo)

Os pais percebem, também, que eles possuem uma autoridade e que ela deve ela ser mantida, mesmo quando um deles não está de acordo com as condutas tomadas pelo outro, como mostra a seguinte declaração:

Às vezes, ela chama um pouco a atenção da filha. Mesmo que eu não goste, eu tenho que deixar, para não perder a autoridade. (F. Afeto)

As formas como são praticadas as relações de poder nas famílias estão também relacionadas à liderança que alguns membros têm, seja por serem os provedores econômicos, seja pelas experiências acumuladas, exercendo uma influência sobre as condutas dos outros.

A mãe não está deixando eu fazer nada. (F. União)

(...) quando eu trabalhava(...) eu sempre tive o meu dinheiro(...)mas, no caso agora, a nossa conta é conjunta, quando eu vou gastar(...)eu penso... (F. Afeto)

Desse modo, as famílias revelam assumir a autoridade numa dimensão hierárquica, mas enfatizam a importância do diálogo para a tomada das decisões conjuntas.

A categoria **ESTABELECENDO MANEIRAS DE SE RELACIONAR EM FAMÍLIA** inclui várias subcategorias que indicam o que as famílias levam em consideração quando estabelecem as relações entre seus membros e com outras pessoas próximas a elas. O contato interpessoal, a comunicação, a manutenção das ligações entre os membros e as gerações, as decisões e as relações de poder são maneiras que as famílias buscam para se relacionar e se envolver na convivência familiar.

5.1.7 Categoria: Construindo Valores

Durante a realização das entrevistas, chamava-me a atenção os valores indicados pelos membros das famílias. Reconheci o quanto eles são fundamentais para a vida familiar. Eles servem de guia para a formação da família e para conduzir o modo de viver dela. Os dados analisados permitiram a construção da categoria **CONSTRUINDO VALORES** e sua divisão em duas subcategorias **Definido valores essenciais** e **Formando valores da vida cotidiana**, cujos códigos conceituais são apresentados na figura 12.

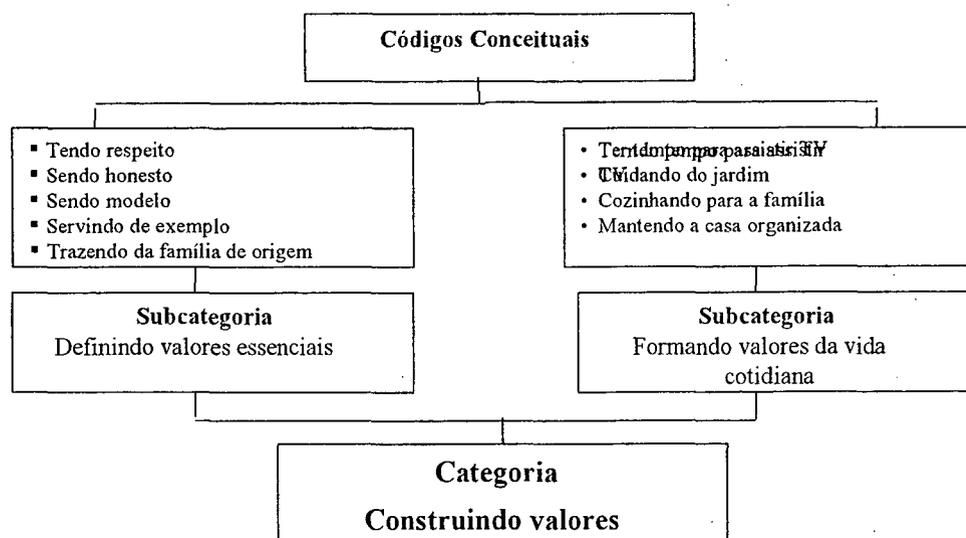


Figura 12: Diagrama da categoria construindo valores

5.1.7.1 Subcategoria: definindo valores essenciais

A subcategoria **Definindo valores essenciais** salienta que os valores são internalizados no curso do processo de viver de todo ser humano e que os membros das famílias, ao viverem juntos, procuram comungar os mesmos valores. As famílias indicam que *ter respeito* é fundamental para a vida familiar. Ele facilita os relacionamentos entre os membros da família e ajuda a enfrentar as questões da vida cotidiana.

Ter respeito em primeiro lugar. É fundamental. (F. Diálogo)

O respeito em primeiro lugar e em tudo. (F. Respeito)

O respeito é um valor levado em conta quando as pessoas projetam a formação de uma família e também na manutenção de uma convivência familiar já

constituída. Quando, nas suas experiências, está presente a falta de respeito na vida em família, este valor torna-se ainda mais importante.

Eu queria ter uma vida bem diferente do meu pai e minha mãe. Ele não tinha o respeito. Pedia a Deus que arrumasse alguém que me respeitasse. (F. Afeto)

Eles se separaram. Eles não tinham respeito. (F. Afeto)

Se o respeito é considerado um valor essencial para estabelecer as relações na família, a honestidade é acrescida ao conjunto de valores trazidos na bagagem.

Ter honestidade. (F. Modelo)

Eu trouxe do meu pai o respeito e a honestidade. (F. Respeito)

Graças a Deus, eles ensinaram a gente a ser uma pessoa correta. (F. Respeito)

Ser honesto. Nossos filhos são incapazes de fazer uma compra e não pagar. (F. Diálogo)

Os valores são transmitidos pelos pais e manifestados principalmente pelas condutas dentro da dinâmica familiar. Algumas vezes, isso acontece de forma sutil nas relações entre seus integrantes e, noutras vezes, de forma direta na execução responsável das atribuições familiares. Para as famílias, *ser um modelo* representa o conjunto de valores a ser reproduzido.

A gente tem consciência que o exemplo é importante. Ao se fazer as coisas, levam em consideração que aquilo pode influenciar outras pessoas. A gente vê que, às vezes, eles vão copiando. A gente é modelo deles. (F. Modelo)

Os pais acreditam que os filhos percebem o modo como eles conduzem a vida familiar, servindo de exemplo. Em uma das famílias entrevistadas, foi apresentado o seguinte comentário:

O mais importante é os pais darem exemplos para os filhos. A minha filha escreveu uma carta muito bonita no dia das mães dizendo que, quando ela fosse casar, não precisaria ler um manual de como se comportar no casamento. Bastava ela se lembrar da vida que ela teve em casa. (F. Privacidade)

Algumas vezes, o exemplo ou o modelo familiar não tem essa conotação positiva de viver bem em família. Quando um membro da família participa de uma vivência cujo modelo ele não aceita, ele procura uma mudança das condutas percebidas no sentido de oportunizar melhores condições para a vivência comum.

Se tem alguma coisa errada (...) procurar conversar bastante (...) não seguir o exemplo de nossos pais. Continuam brigando, sem proveito. (F. Liberdade)

Enfim, a transmissão de valores que ocorrem entre as gerações, através das condutas, implícita ou explicitamente, conduzirá ao modelo familiar, que pode ser dimensionado pela manutenção ou mudança no viver da família.

O que a gente é, a gente traz da família de origem. (...) aquilo que a gente sente que está errado, a gente muda. (F. Liberdade)

Os dados reunidos nessa subcategoria registram a importância que as famílias atribuem ao respeito e à honestidade como valores fundamentais, para seus membros viverem juntos. Além disso, esses valores estão também relacionados ao modelo familiar encontrado nas experiências do viver em família.

5.1.7.2 Subcategoria: formando valores da vida cotidiana

A subcategoria **Formando valores da vida cotidiana** é resultante das idéias apresentadas pelas famílias a respeito do que consideram importante nas suas vidas diárias. São os pequenos valores que oferecem satisfação e alegria para uma pessoa no seu dia-a-dia. Nas famílias, cada membro deseja realizar alguma coisa que lhe dê satisfação e esses pequenos valores acabam envolvendo a convivência familiar. Embora possam variar entre as famílias, os valores apresentados, tais como, *ter um tempo para assistir televisão, cuidar do jardim, manter a limpeza e a organização da casa ou preparar uma refeição no domingo* com as preferências alimentares da maioria dos seus membros, são merecedores de consideração.

A única coisa que ele gosta é ver o jornal nacional e nem tem tido este tempo (...) estamos numa fase complicada (F. Liberdade)

Domingo é sagrado, eu vou para a cozinha. Aí, faço sobremesa, doce, bolo (...) A gente senta, conversa. (F. Respeito)

Trabalho a semana inteira e, quando chega no domingo, eu quero ficar em casa. A gente precisa ficar um pouco com a família da gente. Conversar ou sair com a filha. Falar com os vizinhos. (F. Honestidade)

Como já vimos anteriormente, a moradia é o espaço onde os membros da família desejam liberdade para viver. É nesse espaço que cada um procura fazer alguma coisa para si ou para todos com um sentido valorativo, isto é, dar um valor para aquela ação que tem um significado para a pessoa no seu viver cotidiano. Durante o levantamento de dados, um dos membros de uma família disse:

Ele gosta muito de rock pauleira e eu não gosto. Eu fico limitando ele. Meu Deus! É a casa dele. (F. Liberdade)

Esses valores da vida cotidiana, aparentemente irrelevantes, não são muitas vezes reconhecidos como importantes. Porém, eles têm uma conexão muito próxima com as relações familiares e podem afetar direta ou indiretamente a convivência familiar.

O que se constata na categoria **CONSTRUINDO VALORES** é que, no convívio da vida familiar, os membros da família têm uma relação muito intensa e se tornam envolvidos na construção de valores, seja em relação tanto aos valores essenciais, quanto aos pequenos valores da vida cotidiana. Os valores são internalizados ao longo da vida de cada ser humano, são aprendidos na família de origem, incorporados no seu viver e, ao participar na formação de uma nova família, ele comunga com o(s) outro(s) os seus valores, moldando aquilo o que é desejável para o viver em família, como parte de um legado familiar.

5.1.8 Categoria: Cultivando as Ligações Familiares

CULTIVANDO AS LIGAÇÕES FAMILIARES é uma categoria que mostra a importância das ligações afetivas entre os membros das famílias e as estratégias que eles utilizam para se aproximar e manter as suas ligações. Os dados levantados e analisados indicam a presença das seguintes subcategorias: **Formando as ligações afetivas** e **Mantendo os laços de união**, cujos códigos são apresentados na figura 13.

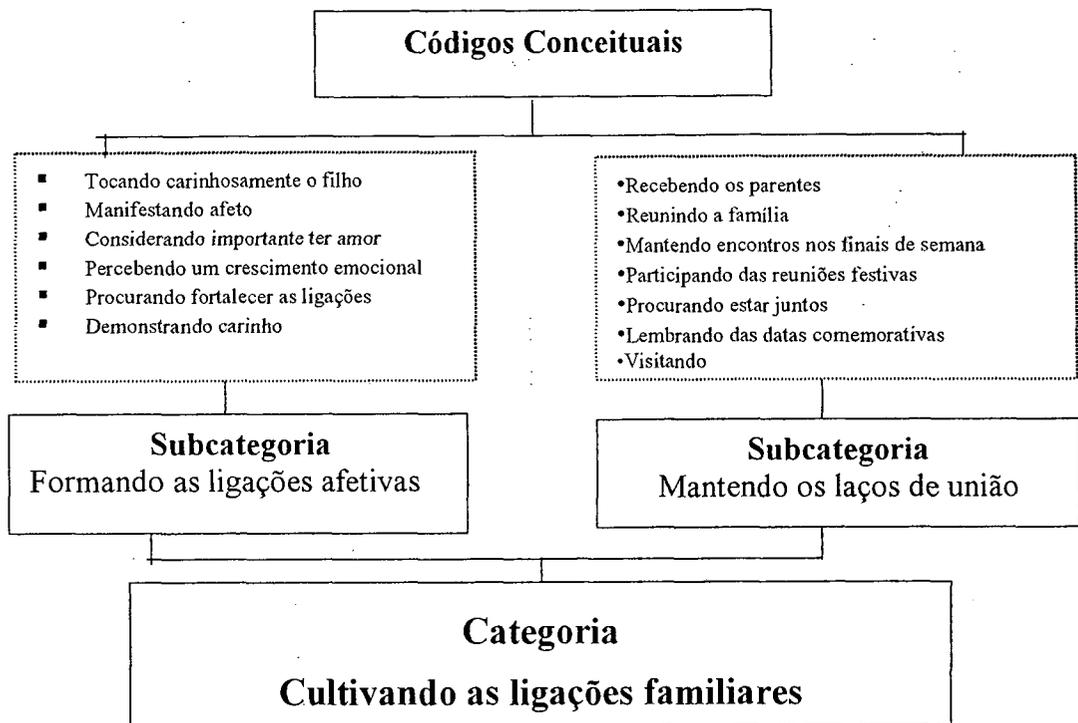


Figura 13- Diagrama da categoria cultivando as ligações familiares

5.1.8.1 Subcategoria: formando as ligações afetivas

A subcategoria **Formando as ligações afetivas** representa o componente emocional das relações familiares. Para as famílias, *ter amor* é expressado como um sentimento que serve de base para o relacionamento do casal, entre pais e filhos e com outros membros da família. Quando este sentimento está presente, ele promove uma união entre as pessoas.

O amor faz unir duas pessoas. (F. Afeto)

Demonstrar afeto, ao tocar carinhosamente o outro e manter o contato com os membros das famílias, formam ligações que aproxima e revela o desejo de estar junto e querer um bem.

(...) quando vamos dormir, ela vem e beija nós dois. (F. Afeto)

(...) de noite, quando ele chega, ele pega o menino no colo. (F. Apoio)

No entanto, algumas famílias percebem a importância que o sentimento do amor tem para a formação das ligações familiares e sentem a necessidade dele estar mais presente, possibilitando um maior envolvimento afetivo.

Gostaria (...) que o pessoal se amasse mais (...)fosse mais chegado uns aos outros. (F. Diálogo)

Para as famílias, o envolvimento dos seus membros, tendo como base o sentimento do amor, *fortalece os vínculos*. Eles percebem um crescimento emocional que os une.

Na nossa vida juntos, a gente cresceu (...) emocionalmente. (F. Liberdade)

O afeto estabelecido nas relações entre os membros da família tem um significado especial de vinculação, de querer estar junto, participar e se envolver.

5.1.8.2 Subcategoria: mantendo as ligações de união

Considerando que o vínculo afetivo é de fundamental importância para a convivência familiar, a subcategoria **Mantendo as ligações de união** destaca que o ato de se tornar mais próximo é o caminho para estreitar e manter as relações familiares. O grau de aproximação entre os membros da família dependerá de vários fatores. Entretanto, algumas estratégias são utilizadas como: *procurar estar juntos, fazer as atividades juntos e manter encontros frequentes*.

Tudo o que a gente pode fazer juntos, a gente faz. (F. Diálogo)

Ao menos uma refeição era feita com todos os membros. Aí eles se encontravam, conversavam muito sobre as experiências. (F. Modelo)

As famílias estabelecem rituais de aproximação, através de encontros rotineiros ou festivos e visitas. Geralmente, os finais de semana, preferencialmente os domingos, são reservados para os encontros das famílias. As famílias de origem são as que costumam promover os encontros, desejando manter o contato com seus membros.

Eles vêm no final de semana, frequentemente. (F. Modelo)

Vamos almoçar na mãe, todos os domingos. (F. Afeto)

A aproximação física entre os membros da família possibilita o convívio e a manutenção de vínculos afetivos. Os encontros são promovidos pelas famílias para a formação e a manutenção de laços de união.

Há uma união que aproxima a família. (F. Modelo)

Quando essa aproximação não é mantida pelos encontros freqüentes, há a possibilidade de visitas. Visitar é uma maneira de manter contatos e uma conduta incorporada pelas famílias principalmente nas datas comemorativas.

Quando vamos para os lugares onde eles moram (filhos e parentes), se a gente não visita, pode acontecer alguma coisa. A mesma coisa acontece aqui. Quando eles vêm para cá, é importante receber a visita. (F. Modelo)

Visitar um ao outro. As datas comemorativas eu não esqueço. Sempre estar mantendo aquela chama acesa. É uma coisa que sempre procuro fazer. (F. Diálogo)

A categoria **CULTIVANDO AS LIGAÇÕES FAMILIARES** revela que os vínculos estabelecidos nas famílias, traduzidos pelos sentimentos de amor e afeto, fazem com que as pessoas se aproximem e mantenham as ligações entre si. Algumas estratégias, como os encontros e as visitas, são realizadas no sentido de aproximar e manter as ligações com os membros das famílias.

5.1.9 Categoria: Governando a Vida Cotidiana

As famílias buscam organizar o modo de viver, desenvolvendo atividades para atender às necessidades de cada membro e também as do grupo. A convivência familiar requer o desenvolvimento de tarefas domésticas e o desempenho de atribuições destinadas aos membros das famílias, na sua via diária. Assim, a categoria **GOVERNANDO A VIDA COTIDIANA** engloba as subcategorias **Estabelecendo atribuições familiares, Organizando a vida diária e Participando das tarefas domésticas**, cujos códigos são apresentados na figura 14.

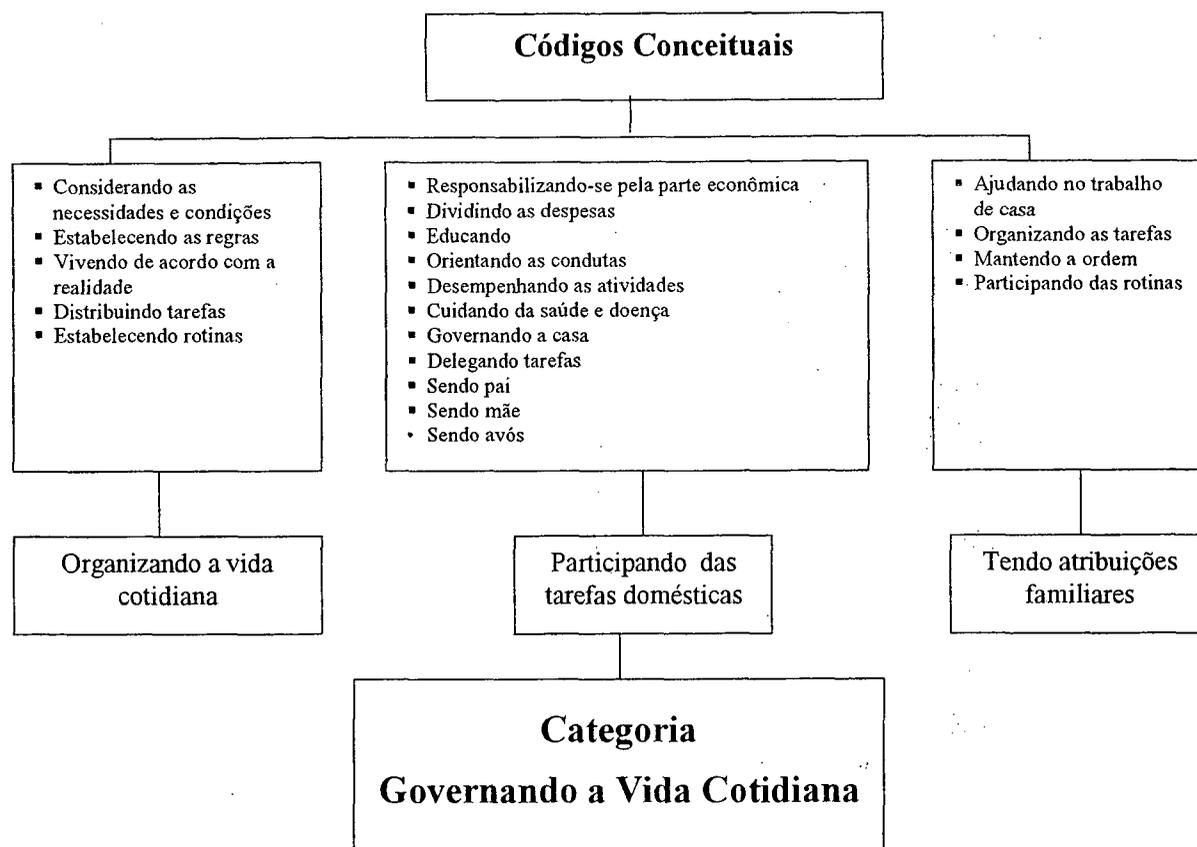


Figura 14– Diagrama da categoria governando a vida cotidiana

5.1.9.1 Subcategoria: estabelecendo as atribuições familiares

Na subcategoria **Estabelecendo as atribuições familiares**, os dados indicam que as atribuições dos membros da família são essenciais para o viver juntos. Neste estudo, atribuição compreende as responsabilidades e compromissos dos membros das famílias que orientam a formação individual e a convivência familiar.

Cada um tem as responsabilidades. (F. Diálogo)

Os membros das famílias compartilham as atribuições considerando os papéis e as condições de cada um em desempenhá-los. Entretanto, são os pais que se encarregam das atribuições familiares. *Ser pai e ser mãe* é assumir responsabilidades com a criação dos filhos. Os papéis desempenhados pelos pais tomam a forma de *compromisso*. A ausência do desempenho dos papéis revela uma falta de compromisso e, quando um dos membros assume também as atribuições destinadas ao outro, surge a desigualdade de atribuições familiares.

Em uma das famílias, isto ficou bem caracterizado, como aponta um dos informantes na seguinte declaração:

Ele não tinha compromisso de pai. (F. Afeto)

No desenvolvimento da análise dos dados, constatei que a igualdade dos papéis entre os gêneros, algo muito discutido nos dias atuais, tem sido incorporada pelas famílias. Todavia, o pai continua desempenhando o papel de provedor, buscando recursos e trabalhando para sustentar a família. A mulher, por sua vez, permanece responsável pelo comando da casa, cuidar dos filhos e da espiritualidade da família. Na declaração apresentada abaixo, um dos informantes expõe sobre a responsabilidade da mulher no governo da casa, tendo o sentido de comando ou autoridade sobre as ações desenvolvidas na moradia.

Eu cuido da parte financeira da família e ela cuida da parte espiritual. (F. Liberdade)

Eu ponho o dinheiro em casa e ela é o governo. (F. Afeto)

De acordo com as necessidades apresentadas pelas famílias nas diferentes etapas da trajetória familiar, há um ajuste e uma flexibilidade no modo de compartilhar as atribuições, no momento de dividir as despesas e de separar os papéis, adequando-os ao momento. Essa vivência é registrada por uma das famílias entrevistadas, que declarou o seguinte:

Hoje não fazemos muita divisão. Mas, quando trabalhávamos e tínhamos filhos pequenos, ele ficava responsável por pagar algumas coisas e eu outras. Na educação sexual, eu ficava para conversar com as meninas e ele com os rapazes. (F. Modelo)

Compartilhar as tarefas do dia-a-dia é a maneira que os membros das famílias encontraram para desempenhar as atribuições de modo igualitário, especialmente quando eles exercem atividades fora de casa. Isso é constatado nas famílias estudadas, sobretudo naquelas que estão passando pelas fases iniciais da trajetória familiar, como mostra a seguinte declaração:

Ele dá banho e eu troco as crianças. Eu levo para a escola e ele vai buscar. (F. Liberdade)

Contudo, para algumas famílias, o cuidado dos filhos é considerado uma atribuição da mulher, sendo a mãe a responsável pelas ações. Ela está sempre prestando atenção nos filhos para atender às suas necessidades e proporcionar condições para o processo de crescimento e desenvolvimento deles. Um destaque é a participação dos avós. Dependendo das situações em que se encontram, ser avós é participar da vida familiar de seus filhos, desenvolvendo de modo direto, as tarefas do cuidado dos netos ou, de forma indireta, dando apoio, orientando e aconselhando a família. Os avós comentam as suas experiências, indicam como devem ser realizados os cuidados e, muitas vezes, controlam as ações. Não é raro haver uma confusão de papéis.

(...) às vezes, não sei se sou mãe ou avó. (F. União)

Outro aspecto interessante a ser focalizado refere-se à influência que os avós têm sobre as famílias na *transmissão de crenças e valores*.

O avô foi muito marcante para formar este ambiente. (F. Modelo)

Eu só saí pra levá ele no posto(...)e precisava sair? Pra que? Ainda é pequenino (...). tu te lembra o que a mãe diz? Criança é que nem pão, tem que esquentá pra crescê. (F. Apoio)

As responsabilidades e os compromissos que os membros das famílias têm através das tarefas diárias estão relacionados aos papéis estabelecidos pelos seus integrantes, no manejo de distribuir ou compartilhar as tarefas. As famílias buscam desenvolver suas atribuições e ajustar os papéis de seus membros, levando em consideração os aspectos sociais e culturais presentes na sociedade onde elas estão inseridas.

5.1.9.2 Subcategoria: organizando a vida diária

Na subcategoria **Organizando a vida diária**, os dados codificados e categorizados fazem referência à importância das regras para a família, ou seja, de se estabelecer uma ordem para que a família consiga desempenhar suas atribuições e executar as tarefas necessárias para o seu viver. As famílias apontam a necessidade de organizar a vida diária, *tendo metas, estabelecendo regras e definindo limites*.

Para ter organização. Precisa ter metas e regras, senão a coisa não funciona. (F. Afeto)

Os limites são definidos levando-se em consideração os valores, as necessidades, as condições e os recursos financeiros de que a família dispõe, vivendo de acordo com a realidade e seguindo as prioridades.

A gente segue as prioridades. A gente vai administrando de acordo com as nossas finanças (...) saber que a nossa renda familiar é esta e não podemos ultrapassar este limite. (F. Respeito)

Na organização da vida diária, as tarefas são distribuídas para facilitar a convivência familiar. Os membros das famílias procuram combinar o que fazer e ajudar no desenvolvimento das tarefas.

Nós combinamos o que vamos fazer. (F. Diálogo)

Agora que estamos sozinhos, ele me ajuda muito na limpeza. (F. Modelo)

As famílias estabelecem rotinas para dar uma organização à vida familiar. Essas rotinas da vida cotidiana revelam tanto o fluxo das atividades desempenhadas pelos membros das famílias, quanto a realização das atribuições destinadas à eles.

Ter a casa limpa para no domingo ter um pouco de descanso. (F. Respeito)

Primeiro eu faço a cama, depois abro o quarto, dou café para a filha, dou banho, corro para o colégio. (F. Afeto)

5.1.9.3 Subcategoria: participando das tarefas domésticas

Na codificação da subcategoria **Participando das tarefas domésticas**, os dados assinalam como as famílias tomam parte de um trabalho rotineiro e contínuo para atender as necessidades de seus membros e da família como um todo.

Dependendo da etapa da trajetória familiar, as famílias se diferenciam em relação às tarefas. Nas etapas iniciais, *as tarefas são muitas* e contínuas. Além do trabalho fora de casa, as tarefas domésticas para atender aos filhos tornam exaustiva a vida diária

É o banho, mamadeira, trocar, levar ao banheiro. Quando tu vê, acabou o dia e dorme. Quando tu acordas, começa tudo de novo. (F. Liberdade)

Por outro lado, nas etapas finais da trajetória de vida familiar, quando o casal se aposenta e retorna à vida a dois, as atividades diminuem e os membros das famílias, ou melhor, o sexo masculino, procura dar a sua contribuição, ajudando nas tarefas domésticas.

Arrumo a casa para ela. Ajudo no serviço doméstico. (F. Privacidade)

Porém, constatei que as tarefas domésticas são efetuadas predominantemente pelas mulheres. Elas se organizam e se preocupam com a manutenção da ordem.

A descrição da categoria **GOVERNANDO A VIDA COTIDIANA** mostra que há uma conexão entre as atribuições familiares, a organização da vida diária e a execução das tarefas domésticas. Quando os membros das famílias desenvolvem uma atividade, essa se caracteriza como resultado das ligações entre as responsabilidades que eles têm na família com o cuidado dos membros e do espaço onde vivem. Isso os leva a se organizar diariamente e a participar das tarefas domésticas. Assim, governar a vida cotidiana é conduzir ou gerir as condições existentes e a situação que se apresenta, de maneira que possa atender às necessidades das famílias para a sua convivência.

5.1.10 Categoria: Tomando Consciência do Viver em Família

A categoria **TOMANDO CONSCIÊNCIA DO VIVER EM FAMÍLIA** é assim denominada considerando a capacidade que os membros das famílias têm de perceber a própria experiência do modo de viver em família. Desse modo, a categoria revela a percepção das famílias sobre a convivência familiar, indicada em duas subcategorias **Percebendo um bem viver familiar** e **Percebendo a desintegração da vida em família**, cujos códigos são apresentados na figura 15.

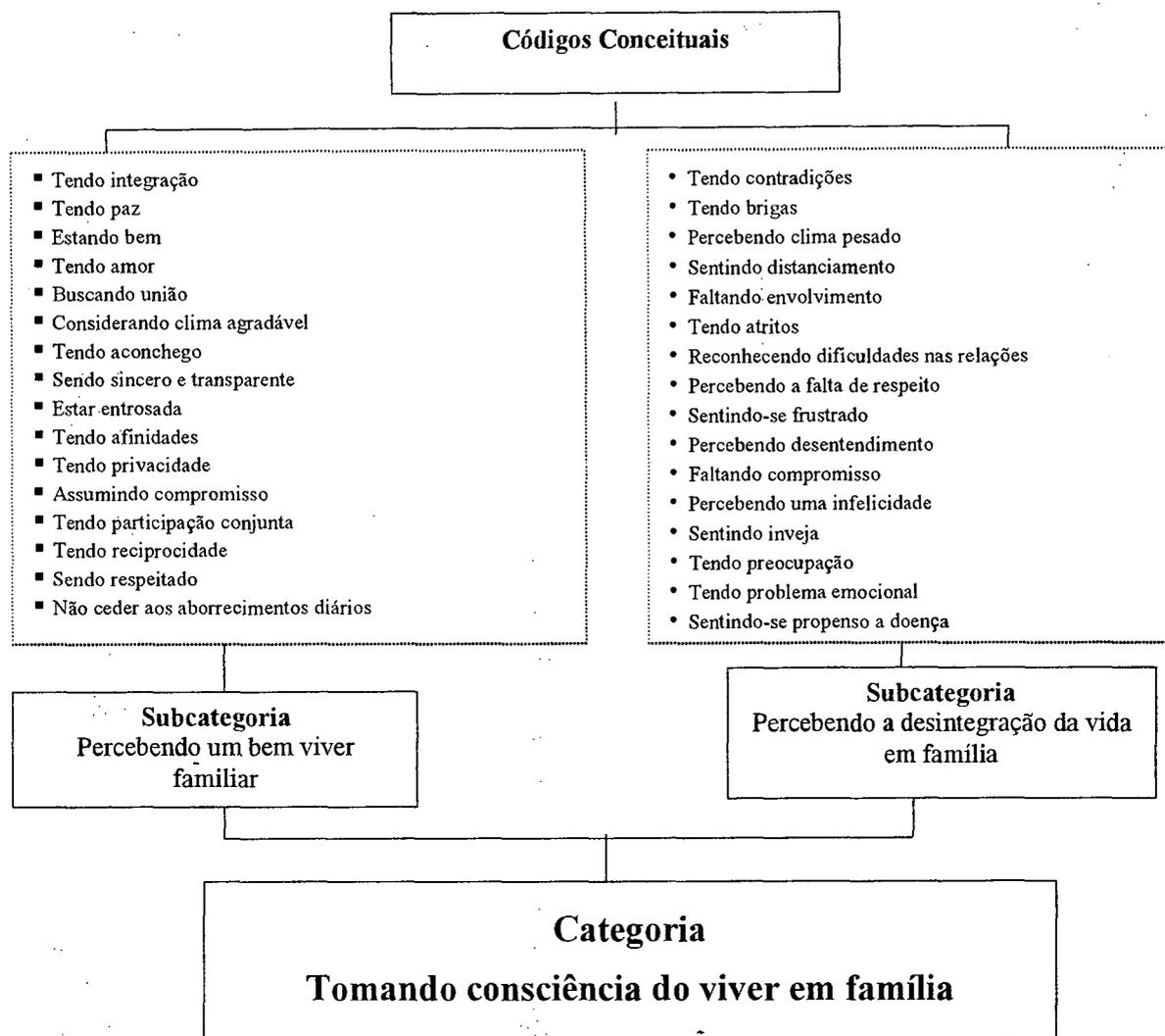


Figura 15: Diagrama da categoria tomando consciência do viver em família

5.1.10.1 Subcategoria: percebendo o bem viver familiar

A codificação da subcategoria **Percebendo o bem viver familiar** mostra as percepções das famílias sobre a convivência familiar construída, revelando, segundo elas, as características de uma vida em família com harmonia. Para elas, o importante é *estar entrosado e integrado*, algo claramente expresso nas seguintes afirmações:

A família tem que estar bem entrosada...as coisas...as pessoas. (F. Liberdade)

O mais importante é a família se sentir integrada, segura, no sentido de sentir amada, querida. (F. Privacidade)

Ter integração entre os membros da família. (F. Modelo)

Elas assinalam também que compartilhar valores como o *respeito*, *ter sentimentos como o amor*, e *uma participação conjunta*, possibilitam uma vivência familiar que agrada aos seus membros.

A família que tá bem tem o amor (...) respeito mútuo (...)tomam a decisão em conjunto. (F. Afeto)

Além disso, para algumas famílias, o aspecto financeiro é considerado algo importante para a família viver bem.

A família que falta dinheiro não vive bem, porque te traz um monte de problemas, não consegue ser feliz, transmitir tranquilidade. (F. Afeto)

Porém, este viver é compreendido dentro das condições que cada família pode ter, como afirma um dos informantes:

(...) é aceitar a situação que se vive. (F. Afeto)

Para as famílias, o entrosamento, a integração, os *compromissos* estabelecidos entre os membros, as afinidades e a *reciprocidade* através da troca de afeto estão no conjunto das ações e interações presentes na vida familiar, que possibilitam a criação de um *ambiente agradável* para o bem viver.

A família que está bem tem o amor. O ambiente onde prevalece o amor, tem tudo para ter bons frutos (...) para dar certo. (F. Afeto)

Compartilhar um modo de viver comum que satisfaça os membros da família faz experimentar a sensação de um bem viver. Esse bem viver, percebido como harmonioso, dá a idéia de existência de saúde.

Se tem um ambiente familiar bom, tem tudo para ter uma família saudável. (F. Afeto)

As famílias declaram que a saúde está relacionada ao bem estar, principalmente no se refere à paz, como mostram as seguintes declarações:

A gente, tendo paz, tem saúde. (F. Diálogo)

É estar bem. (F. Privacidade)

É paz de espírito. Não ter problemas. É estar bem. (F. Afeto)

Nas famílias, a paz significa procurar estar em equilíbrio na vida diária, sendo sincero nos sentimentos, transparente na resolução dos problemas, respeitando o outro e buscando a união.

Se a gente não tem paz, a saúde está sempre complicada, no sentido da preocupação e estresse. (F. Diálogo)

É não ceder aos aborrecimentos de todo dia. Não se deixar dominar pelas pequenas coisas, as pequenas contrariedades do dia-a-dia. (F. Modelo)

Nesse sentido, a saúde é vista como um bem da família, em que o ambiente familiar está baseado na construção de uma convivência harmoniosa.

5.1.10.2 Subcategoria: percebendo a desintegração da vida em família

Na subcategoria **Percebendo a desintegração da vida em família**, a codificação dos dados indica que os problemas que surgem no cotidiano das famílias, para os quais não se busca soluções para resolvê-los, ameaçam o seu bem viver. Como disse um dos informantes:

É aquela infelicidade, aquela coisa de estar faltando algo. (F. Afeto)

As famílias declaram que a *falta de compromisso, as dificuldades nos relacionamentos* do casal, entre pais e filhos, ou ainda, com outros membros que integram a família e até mesmo a existência de *situações nas quais as exigências estão além dos limites e os valores não são compartilhados*, fazem surgir problemas na vida familiar. As afirmações apresentadas abaixo, exemplificam esta idéia.

Ele não estava nem aí (...) depois que saía do serviço, ia beber. Não tinha clima. (F. Respeito)

A pior coisa é esta cobrança, essa inveja, desestrutura uma família. (F. Diálogo)

Essas alterações que transcorrem no curso da vida familiar são capazes de provocar desajustes na família. Os membros das famílias *sentem-se frustrados, reconhecem distanciamentos nas relações, têm desentendimentos, atritos e uma intolerância à situação*, o que leva a *gerar sofrimento e doença*.

A partir do momento que as pessoas não se entendem, é sofrimento (...) leva à doença. (F. Privacidade)

Quando a família está mal, a gente está mal, fica mais propenso a ter doença. (F. Liberdade)

A doença, como consequência desse sofrimento, acomete tanto o membro da família que está sensível a essa situação, quanto toda a família.

Quando eu não estou bem relacionado com a família, eu sofro muito. Todos nós somos humanos e temos nossos desentendimentos e isto, para mim, é sofrimento. Sofro bastante, seja com as filhas, com a esposa e até com os amigos. (F. Privacidade)

Parece que não existe mais respeito (...) deixa a gente em um baixo astral. (F. Diálogo)

Quando a família está mal, a gente está mal. Fica mais propenso a ter doença. A família está mal, quando está passando por um problema financeiro difícil, quando tem alguma preocupação, um problema de ordem emocional ou desentendimento. (F. Liberdade)

Para as famílias, a doença é entendida como a falta de harmonia gerada pelas dificuldades nas relações estabelecidas entre os membros que a compõem, conduzindo à infelicidade.

É briga, é confusão, desunião. Dá muita preocupação. (F. Diálogo)

Qualquer problema que tira a harmonia(...) é infelicidade. (F. Afeto)

As famílias fazem uma relação entre a doença e o ambiente familiar. Segundo algumas delas, o ambiente está ligado ao clima, isto é, ao conjunto de condições, ações e interações que estão presentes na convivência familiar. O clima pesado indica um ambiente doente, como mostra a seguinte declaração:

O ambiente é doente quando o clima está pesado (...) tem alguma coisa que não está funcionando bem. (F. Respeito)

A categoria **TOMANDO CONSCIÊNCIA DO VIVER EM FAMÍLIA**, formada pelas suas subcategorias, permite identificar que a tomada de consciência das famílias sobre a convivência familiar, ou seja, sobre como elas percebem as suas experiências de viver em família, tem significados sobre o processo de construção

dessa convivência. As famílias percebem tanto um estado de bem viver quanto uma desintegração da vida em família. A partir daí, ela age de acordo com a maneira como define a situação na qual se encontra, mantendo ou alterando essa convivência, como resultado das interações e da percepção dessas interações para a vida familiar.

5. 2 FORMULANDO O MODELO DE INTEGRAÇÃO

Com a elaboração dos códigos conceituais, subcategorias e categorias, eu dispunha de um conjunto de dados que passaram novamente por uma análise, com o objetivo de identificar a idéia central e a conexão entre as categorias. Assim, através de procedimentos analíticos, relacionei as categorias e formulei um esquema teórico que denominei de modelo de integração. Esse modelo, originalmente referido como *model paradigm* (paradigma modelo) por Strauss e Corbin (1990), estabelece uma relação entre as categorias, a natureza dessas relações e o fenômeno, ou seja, as condições causais, intervenientes, contexto, estratégias de ação e interação e as conseqüências. Segundo os autores citados, o fenômeno é a idéia central do conjunto de ações e interações, representando o coração no processo de integração. Assim, dizem os autores, o fenômeno deve ser o sol, posicionando-se de forma ordenada em relação aos seus planetas.

Durante o processo inicial de análise comparativa dos dados, na fase de codificação, a convivência familiar foi se delineando como uma idéia central. Com o desenvolvimento do estudo e a utilização dos procedimentos analíticos de categorização e de conexão entre as categorias, a idéia foi se tornando mais presente, evidenciando o fenômeno em estudo.

5.2.1 O Fenômeno - Convivendo em Família

CONVIVENDO EM FAMÍLIA foi o **FENÔMENO** identificado no estudo, uma vez que ele permitiu centralizar uma idéia a partir do conjunto de dados analisados. O termo convivência é definido pelo moderno dicionário da língua portuguesa Michaellis (1998,p.580) como algo que tem uma "familiaridade, intimidade". Refere também que familiar é um termo que denota aquele "que vive

na mesma casa". A família, como grupo social, é uma unidade complexa e essencial para o processo de viver de todo ser humano. Ela não é apenas uma idéia abstrata, mas uma idéia que se concretiza através da convivência. A maneira como emprego o termo convivência está relacionada ao modo como a família constrói o seu mundo interno. Esta é a idéia central que exprime um processo de viver dinâmico, complexo e singular, não individualizado, mas a partir e para os indivíduos membros das famílias.

Ao redor do fenômeno **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** estão as categorias que indicam a condição causal, o contexto, as condições intervenientes, as estratégias de ação e interação e a consequência, que formam o modelo de integração, representado a seguir, na figura 16.

Convivendo em família

CONDIÇÃO CAUSAL

Querendo viver em família

CONTEXTO

Criando o espaço de moradia da família

Vivendo os tempos da família

ESTRATÉGIAS
AÇÃO/INTERAÇÃO

Cultivando as ligações familiares

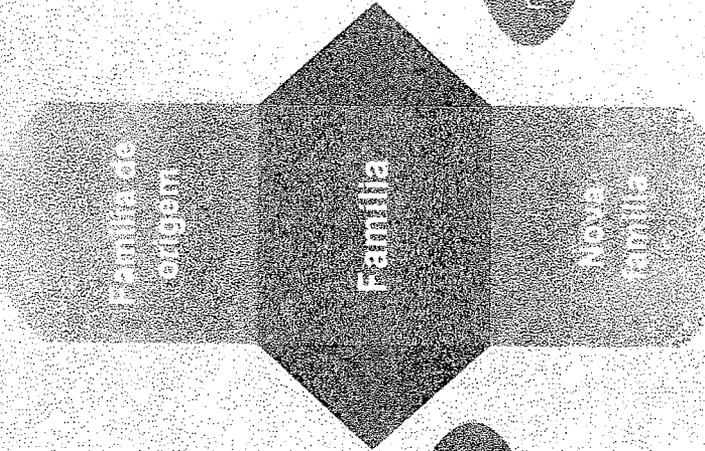
Governando a vida cotidiana

Estabelecendo maneiras de se relacionar em família

Construindo valores

CONSEQUÊNCIA

Tomando consciência do viver em família



Fazendo parte da teia social

CONDIÇÃO INTERVENIENTE

Figura 2. Elementos do modelo teórico CONVIVENDO EM FAMÍLIA

Com base no modelo elaborado e apresentado na página anterior, exponho, a seguir, cada um dos elementos que compõem o modelo de integração da teoria substantiva.

5.2.2 A Condição Causai.

Ao identificar o fenômeno entre os dados analisados, imediatamente me veio à mente a seguinte pergunta:

O que leva as pessoas a conviverem em família?

Ao chegar o momento da independência, de querer ir para além dos muros limítrofes do núcleo familiar a que pertence e onde cresceu e se desenvolveu, o ser humano começa a pensar e a planejar a continuidade do seu modo de viver, tendo por base a sua experiência de viver em família.

No desenvolvimento da análise, a categoria **QUERENDO VIVER EM FAMÍLIA** foi identificada como a condição que leva os seres humanos a conviverem em família. Essa é a **CONDIÇÃO CAUSAL** do modelo de integração, isto é, aquela que conduz à ocorrência do fenômeno.

As famílias do estudo revelam que os sentimentos de amor e paixão fazem aflorar a descoberta do outro e o desejo de viver juntos. Esse desejo é manifestado ao se **idealizar e projetar a família**. A formação de uma família começa pela união das pessoas, seja ela realizada formalmente ou não. Porém, o interesse maior está em **querer viver juntos**. Essa é a condição para conviver em família.

5.2.3 O Contexto.

Dando continuidade à análise dos dados e à conexão entre as categorias, surgiu no processo a seguinte questão:

Se as pessoas querem viver em família, onde acontece esta convivência?

Esta pergunta me conduziu a pensar em um lugar...um espaço...Retornando aos dados, identifiquei a categoria **CRIANDO UM ESPAÇO DE MORADIA PARA A FAMÍLIA**, a qual apresenta características que a definem como o lugar ou o espaço onde se dá a convivência familiar.

A moradia apresenta uma dimensão física, configurada pelos limites do território, e uma dimensão social, estabelecida pelas relações entre os membros da família e dela com os outros. Assim, quando a **família delimita o seu espaço** através de muros, portões, portas e paredes, isso significa que no seu espaço configurado há uma divisória entre os seus mundos interno e externo. A **permeabilidade** desses limites é também definida pela família em função do seu modo de viver, do **modo como ela quer se relacionar** com o mundo externo.

As famílias **querem ter um espaço físico**, um lugar que seja seu, que lhes permita viver em família. Entre as características que definem a moradia, a privacidade é considerada a característica mais importante. Para as famílias, **privacidade** significa ter uma vida particular, própria de cada família. A privacidade se configura como a distinção entre o público e o privado. Significa, além disso, a existência de um espaço que também é simbólico. **Ter liberdade, autonomia e independência** para criar um modo de vida singular é, portanto, dar significado ao espaço da família. Por fim, ao definir o espaço da moradia, as famílias buscam conquistar a sua privacidade.

De acordo com as necessidades que surgem ao longo do processo de viver, as famílias **dinamizam o espaço**, nas mudanças necessárias face aos eventos da vida familiar e nas relações que estabelecem entre seus membros, **criando um espaço relacional**. Morar sob o mesmo teto é referido pelas famílias como o espaço onde se dá a convivência familiar. Significa **ter um espaço** para que seus membros possam viver juntos. A moradia é o espaço onde a família tem o **domínio** e define o seu modo de viver.

Tanto faz se a moradia é uma casa, um apartamento ou até mesmo um quarto, se é alugada, cedida ou adquirida, o que a família quer é ter o seu espaço, um lugar para se instalar e construir um modo de viver próprio. O interesse está em ter um espaço que seja do jeito que seus membros querem ou conforme as

suas condições sociais e econômicas, mas principalmente que ofereça liberdade para que elas expressem suas emoções e **sentam-se à vontade para agir e tomar decisões**, segundo suas crenças e valores.

A moradia apresenta, ainda, características que refletem a **identidade familiar**, entendida como aquilo que exprime o que é próprio daquela família. Na dimensão física, o tipo, o local, as instalações e a delimitação do espaço podem indicar como a família vive. Na dimensão social, é possível perceber como a família se relaciona com os outros membros e entre seus próprios integrantes. O grau de abertura do espaço da moradia para receber amigos, parentes, vizinhos e outras pessoas indica o quanto os limites são permeáveis e o quanto a família se coloca à disposição para a troca e a ajuda. Assim, ter moradia significa uma condição para a família ter privacidade e adquirir uma identidade.

Ao assinalar o espaço da moradia como o local da convivência familiar, é importante registrar que é nele que a família constrói uma história de vida, expressa na categoria **VIVENDO OS TEMPOS DA FAMÍLIA**.

A trajetória da vida familiar é marcada por várias etapas, sendo que cada uma delas tem características próprias que as distinguem das demais. Entretanto, ao longo dessa trajetória, os eventos que ocorrem no processo da convivência familiar registram um tempo que é formado pelo conjunto de ações e interações que marcam a vida em família. Este é o tempo dimensionado pelas mudanças que ocorrem nas relações familiares, atividades e processos vitais de seus membros em um determinado período, com significados para conviver em família.

A família segue uma trajetória de vida em diversas etapas, formando também tempos diferentes. Assim, a família com filhos pequenos atravessa um **tempo complicado** de organização e execução das atividades para atender aos filhos e manter as relações estabelecidas pelo casal, entre si e com os outros. Na etapa dos filhos adolescentes, a característica está focada em um **tempo de preocupações**, enquanto que na etapa mais tardia, o **tempo** é o de **retorno à vida a dois**, isto é, a volta de um estado anterior, porém, com as experiências da convivência.

As famílias com filhos pequenos buscam expandir o espaço físico de modo que permita atender às necessidades dos novos membros e os pais, ou um deles, precisam exercer atividades remuneradas para se manterem financeiramente. Além disso, procuram planejar a vida da família a curto, médio e longo prazo, principalmente em relação aos cuidados dos filhos. As famílias que têm filhos adolescentes estão preocupadas com o preparo dos filhos para o futuro. Contudo, a situação presente requer uma organização da vida familiar na qual seja estimulado o compromisso dos filhos na participação das atividades diárias, importantes para a convivência em família. As famílias nas etapas mais tardias, que já não têm mais filhos vivendo com os pais, passam a viver sós e apresentam outras preocupações. Elas estão interessadas na manutenção do que construíram, tanto em termos pessoais, em relação às atividades de trabalho que desenvolveram, quanto familiares e sociais, procurando manter o convívio com todos os membros da família, amigos e outros que ainda fazem parte de suas relações.

A categoria **VIVENDO OS TEMPOS DA FAMÍLIA** está relacionada à sucessão dos acontecimentos que formam as etapas da trajetória familiar e às ações e interações que definem um modo de viver da família por um determinado tempo. Desse modo, penso que as mudanças que ocorrem de uma etapa para a outra, decorrente das necessidades individuais e da própria família, devem ser consideradas no **contexto** do modelo de integração.

Enquanto os filhos estão no processo inicial de crescimento e desenvolvimento de, os pais estão caminhando para o amadurecimento. Em ambas as situações, é preciso considerar o processo e o tempo que estão presentes no dia-a-dia da família. Isso implica na adaptação de seus membros às mudanças progressivas individuais ao movimento dinâmico e contínuo da vida diária de toda a família. Enquanto as famílias com filhos pequenos passam o dia atarefados para atender às necessidades básicas das crianças, as famílias com filhos adolescentes estão às voltas com as questões formais e informais da educação e a participação social dos filhos com seus pares. Para as famílias cujos filhos saíram de casa, o tempo marca um período de diminuição do ritmo do trabalho em todos os sentidos. Geralmente, o casal, ou um dos membros, está

aposentado e os filhos estão criados, diminuindo as tarefas domiciliares e os compromissos.

É nesse contexto que as famílias constroem a convivência familiar. **CRIANDO O ESPAÇO DE MORADIA PARA A FAMÍLIA** e **VIVENDO OS TEMPOS DA FAMÍLIA** são as categorias que formam o **CONTEXTO** no qual a convivência familiar é construída. Para este modelo de integração, o contexto se refere ao conjunto particular de condições em que a vida em família acontece.

5.2.4 As Estratégias de Ação e Interação.

Na tentativa de compreender o fenômeno **CONVIVENDO EM FAMÍLIA**, as categorias identificadas até aqui me possibilitaram respostas sobre a condição causai e o contexto relacionado ao fenômeno. Dando prosseguimento à análise, surgiu a seguinte pergunta:

O que as famílias fazem para construir a convivência familiar?

Esta não é uma tarefa simples para mim, uma vez que estou tratando da família, uma unidade bastante complexa. Ela não é formada apenas por um conjunto de pessoas, embora seja quase sempre assim representada, mas também pelas relações e ligações entre elas. Muitos dos elementos que estão incorporados na vida de cada família não são, muitas vezes, visíveis aos nossos olhos e nem percebidos por nós. Mas, na busca da compreensão da realidade da vida familiar, procuro ressaltar alguns aspectos importantes que surgiram da análise, considerado como **ESTRATÉGIAS** para construir a convivência familiar.

5.2.4.1 Estabelecendo maneiras de se relacionar na família.

Uma das **ESTRATÉGIAS** utilizadas pelas famílias para a construção da convivência familiar encontra-se na categoria **ESTABELECENDO MANEIRAS DE SE RELACIONAR NA FAMÍLIA**. Para conviver, os membros que compõem a família têm necessidade de estabelecer uma **relação interpessoal**. Eles são seres únicos e cada um tem o seu modo de ser, agir e interagir. Eles apresentam características que os diferenciam um do outro e reconhecem que por estarem

vivendo juntos, não quer dizer que sejam iguais. As diferenças e semelhanças são manifestadas nos comportamentos, sinalizando a maneira de agir das pessoas. As famílias declaram que a condição para que as pessoas possam conviver está no **respeito à individualidade**. Não é fácil para uma pessoa interpretar o comportamento do outro e reconhecer suas diferenças. Algumas vezes, essas interações fazem com que um ou mais membros da família tenham preocupações, desavenças e dificuldades nos relacionamentos, alterando o movimento da vida em família. Uma pessoa da família declarou: *tem que aparar as arestas*. Algumas ações para estabelecer as relações são desenvolvidas pelos membros da família, como: dar atenção e procurar compreender o outro.

Estabelecer comunicação entre os membros das famílias é a estratégia que busca aproximar as pessoas. O diálogo aparece como algo imprescindível nas relações familiares. As famílias declaram que **tem que ter diálogo** e que é necessário que todos os membros participem das conversas que envolvem a vida familiar. As reuniões familiares facilitam a aproximação dos membros para as conversas espontâneas. Esse é o momento em que as pessoas têm a oportunidade de se expressar, emitir opiniões, fazer comentários e contar sobre o trabalho, estudo, amizades e tarefas do dia-a-dia. Os pais vêem no diálogo a oportunidade de transmitir crenças e valores, de integrar os filhos à socialização e de ensinar sobre o certo e o errado, assim desempenhando as atribuições parentais.

Procurar **manter o contato** é a estratégia utilizada pelos integrantes da família para os relacionamentos entre si. Esse contato, geralmente, é estabelecido através dos rituais familiares que acontecem no núcleo familiar e com as famílias de origem. Aqui, é importante ressaltar que isso está relacionado, basicamente, com o encontro dos membros da família, normalmente ao redor da mesa de refeições. Naquelas famílias cujos **membros compartilham do mesmo espaço físico**, o **contato** é mais **constante**. Porém, deve-se levar em consideração o tempo da trajetória familiar e as atividades que seus membros desempenham. As famílias procuram organizar a vida diária de tal modo que possibilite os encontros, seja na hora do almoço ou do jantar. Nesse momento,

elas conversam sobre o seu dia e fazem planejamentos para o dia, ou dias, seguintes.

A manutenção das **relações com as famílias de origem** é outro aspecto que quero ressaltar. As relações que se estabelecem entre as gerações, formam um caminho de mão dupla. As famílias de origem não querem perder o contato e sentem a necessidade de manter as ligações afetivas, promovendo encontros dos membros. O almoço no domingo é o ritual familiar mais presente nas famílias estudadas, sendo utilizado como elemento de aglutinação das relações e interações. É o momento em que a família de origem busca aproximar seus membros e observar como esses estão se desenvolvendo e se integrando às situações da vida cotidiana. Utilizando-se das mesmas estratégias estão as famílias que formam um novo núcleo familiar. Essas famílias procuram manter o contato com as famílias de origem, principalmente nas fases iniciais do processo de crescimento e desenvolvimento dos filhos, através dos encontros comemorativos ou quando solicitam a ajuda no cuidado das crianças.

Outro elemento importante a ser considerado na convivência familiar é a **relação de poder** estabelecida entre os membros da família. O poder, como capacidade de influenciar e liderar, são características apresentadas pelas famílias. A **autoridade**, como exercício do poder, é manifestada pelas relações hierárquicas entre pais e filhos e entre o casal.

As posições em que alguns membros da família se encontram são, de certa forma, consideradas de autoridade. Pode-se dizer que os pais que exercem uma posição de poder sobre os filhos, que pela ordem natural são responsáveis pelos cuidados e formação da pessoa como cidadã, se encontram nessa posição. Um outro aspecto a ser considerado é a relação de poder sob o ponto de vista de quem proporciona as condições para a sobrevivência do outro. Os benefícios podem ser de natureza diversa, como provimento de dinheiro, de moradia e de cuidados, podendo gerar uma dependência e uma responsabilidade nos relacionamentos estabelecidos entre os membros. As decisões são compartilhadas quando os membros das famílias têm uma participação conjunta na vida familiar.

A tomada de decisão para as questões relacionadas às famílias é algo que os seus membros consideram como de competência apenas deles. Assim, elas declaram com veemência que não desejam a interferência de outros. Quando há necessidade de ouvir a opinião de outros, são elas quem os procuram. O **poder na família é algo privado**, de direito da própria família, a qual estabelece regras e limites na casa. A **negociação** através da busca de acordos, considerando a opinião do outro, tem surgido como uma forma de relacionamento entre os membros da família, no sentido de harmonizar ou estabilizar as relações de poder.

As relações familiares são complexas e, quando não se busca formas claras de dialogar, as famílias sofrem, rompem vínculos e apresentam dificuldades em encaminhar soluções.

A categoria **ESTABELECENDO MANEIRAS DE SE RELACIONAR NA FAMÍLIA** envolve vários aspectos das relações familiares. Como vimos, as famílias procuram **estabelecer estratégias de comunicação** buscando o contato e a aproximação dos membros, sobretudo através do diálogo e de conversas espontâneas. Nesses relacionamentos, no contato pessoa a pessoa, a atenção, a compreensão e o conhecimento das características individuais permitem **lapidar as relações** para se conviver em família. Além disso, as famílias procuram **manter elos** com outras famílias, especialmente com as de origem. Essas ligações possibilitam a troca de informações e de ajuda. Nesta categoria estão contidas as relações de poder. Para conviver, as famílias procuram **estabelecer formas de poder**, definindo a autoridade e a liderança de seus membros. Porém, **compartilhar as decisões** é a estratégia que as famílias utilizam para obter o sentido igualitário de poder entre seus membros.

5.2.4.2 Cultivando as ligações familiares

A categoria **CULTIVANDO AS LIGAÇÕES FAMILIARES** constitui uma estratégia de ação e interação na construção da convivência familiar. A família é formada por uma **teia de relações**, em cujo centro está o casal ou um deles. Ao

seu redor e em diferentes níveis de proximidade, estão os membros pertencentes ao núcleo e, a seguir, às famílias de origem e outros, como amigos e vizinhos.

Conectados à teia de relações estão os **vínculos** que se estabelecem entre os membros da família. Esses vínculos são formados pelas ligações afetivas e de proximidade. As manifestações de afeto carregam o sentimento de amor, demonstrado pela vontade de estar junto, tocar carinhosamente, demonstrar admiração e respeito. No processo de viver das famílias, essas condutas, quando estão presentes, promovem um fortalecimento dos vínculos entre os membros, fazendo-os se sentirem mais ligados emocionalmente, e revelam uma sensação de bem-estar.

A formação dos vínculos afetivos ocorre através da **aproximação** entre os membros das famílias conduzindo à interação. As ligações afetivas são construídas, ou se mantêm através da proximidade física. Assim, reunir a família é uma estratégia utilizada para promover uma aproximação dos membros. Os rituais familiares de reunir seus integrantes ao redor da mesa em uma determinada hora do dia, um dia da semana ou até mesmo nas datas comemorativas, facilitam a proximidade dos membros e a interação entre eles.

CULTIVANDO AS LIGAÇÕES FAMILIARES é também uma **ESTRATÉGIA** utilizada para se conviver em família. As famílias **formam ligações afetivas e de união** através das manifestações de carinho e compromisso. Para **manter essas ligações**, elas promovem encontros e seus membros procuram estar juntos, sempre que possível.

5.2.4.3 Governando a vida cotidiana.

O cotidiano da vida familiar é repleto de ações e interações que influenciam a construção da convivência familiar. Ao estudar a categoria **GOVERNANDO A VIDA COTIDIANA**, percebi que ela é outra **ESTRATÉGIA** utilizada pelas famílias para dar direção ao seu dia-a-dia. As famílias buscam **organizar a vida diária** ao estabelecer rotinas, distribuir tarefas e administrar os recursos de acordo com as situações que se apresentam. **Estabelecendo atribuições familiares** é o modo que as famílias têm para definir e exercer papéis para atender às necessidades

de seus membros, seja para o processo de crescimento e desenvolvimento de cada um, seja para a família como uma unidade. Conviver em família requer a **participação dos membros nas tarefas domésticas** da vida diária.

As atribuições familiares estão relacionadas com os papéis e as atividades que os membros da família desempenham, com a finalidade de atender às necessidades pessoais e as da família em seus processos de viver. As atribuições familiares nascem com a formação da família e se estendem ao longo das etapas que definem a trajetória familiar e os tempos da família.

As famílias têm incorporado mudanças em relação aos papéis parentais, no sentido de compartilhar as atividades de criação dos filhos. Entretanto, os papéis em relação ao gênero como a responsabilidade do homem pelo sustento da família e a da mulher pelo cuidado ou governo da casa, como declaram as famílias, têm se mantido em nosso tempo. O gênero masculino começa a entender e a colaborar para que a mulher participe do mercado de trabalho. Ele assume responsabilidades de cuidar dos filhos e da casa para que a mulher estude, se profissionalize e trabalhe. Há um **compartilhar de tarefas e responsabilidades**. Quando isso não ocorre, há um comprometimento da harmonia familiar, surgindo conflitos e rompimento das relações.

Para exercer as atribuições familiares, a família precisa organizar a vida diária, isto é, ordenar as atividades do dia-a-dia de acordo com as condições que dispõe. Nessa organização, é realizado um planejamento das ações com vistas a prestar auxílio a família nas suas necessidades. As tarefas domésticas estão relacionadas às atividades que visam atender às necessidades tanto de cada membro como da família. As mulheres têm se encarregado por esse tipo de atividade.

Para as famílias em formação que têm filhos pequenos, a **vida diária** é rotineira e cansativa, pois grande parte do tempo está voltada para atender aos filhos. Os pais consideram esta etapa sob dois aspectos: o de **prazer** e o de **desgaste** físico e emocional. Por um lado, os pais sentem prazer ao reconhecer o desempenho dos filhos no processo de crescimento e desenvolvimento, ao mesmo tempo, sentem-se cansados com as múltiplas tarefas do dia-a-dia que os

ocupam o dia inteiro. Eles revelam que têm dificuldades para atender as necessidades pessoais e às do casal.

As famílias com os filhos adolescentes continuam mantendo as rotinas das tarefas domésticas organizando a vida diária segundo a disponibilidade de seus membros. Os pais procuram fazer com que os filhos **colaborem no desenvolvimento das tarefas domésticas**, porém declaram que têm dificuldades de fazê-los participar efetivamente. Quanto às famílias que retornam à vida a dois, o desenvolvimento das tarefas domésticas faz com que seus membros se **mantenham em atividade**, já que nessa etapa, eles têm disponibilidade de tempo para permanecer em casa. As famílias consideram que o exercício dessas atividades facilita a manutenção da integridade física, psíquica e social de seus membros.

Organizar a vida diária com atribuições familiares e tarefas domésticas definidas de acordo com as necessidades de cada família constitui uma base de orientação da família para o seu viver cotidiano.

5.2.4.4 Construindo valores.

Neste estudo, o modelo de integração revela os elementos básicos para a construção da convivência familiar. Todavia, identifiquei, como aspecto fundamental dessa convivência, a construção dos valores que ocorre através das interações entre os membros da família. Os **valores servem de guia** para o processo de viver da família, conduzindo à convivência. A família é o primeiro núcleo onde o ser humano aprende sobre valores. Durante o seu processo de crescimento e desenvolvimento, ele é orientado a respeito do que é importante para o convívio social, como o **respeito** e a **honestidade** com o outro, trazendo consigo este valor na construção de uma nova família. As famílias declaram com ênfase: *o respeito em primeiro lugar*.

Além dos valores essenciais como o respeito e a honestidade, defendidos como importantes para a convivência familiar, há os **valores da vida cotidiana**. Esses valores, embora não sejam normativos, proporcionam uma gratificação pessoal e são importantes no estabelecimento das relações familiares, na

capacidade de tolerância e aceitação do outro, que, de certa maneira, envolve os valores essenciais.

Assim, a família estrutura a convivência com base nos valores que considera importante para o viver comum, transmitindo-os como parte do legado familiar no processo educacional dos filhos. Aqui, considero importante destacar a ênfase dada pelas famílias em relação ao **modelo familiar**, ou seja, em relação ao exemplo de um modo de viver em família. Esse modelo pode ser visto sob dois aspectos. Quando os membros da família comungam dos mesmos valores, compreendem a sua importância para a convivência familiar, eles apresentam comportamentos que indicam um modelo positivo, isto é, um modo de convivência que pode ser reproduzido. Por outro lado, quando não há uma comunhão de valores, as pessoas agem de forma distinta, conduzindo ao modelo negativo, ou seja, uma convivência conflituosa e desgastante para os membros da família.

O modelo configurado pelos valores atua como um guia para a construção da família. Ao tomar consciência do seu modo de viver em família, a pessoa utiliza o modelo para mantê-lo ou alterá-lo, de acordo com o grau de satisfação que alcança na convivência do dia-a-dia. Desse modo, de geração a geração, os valores familiares são transmitidos e incorporados pelos seus membros a cada nova formação familiar.

Portanto, **CONSTRUINDO VALORES** constitui um dos elementos fundamentais para se conviver em família. Como **ESTRATÉGIA**, essa categoria aponta para a importância da **comunhão de valores essenciais**, como o respeito e a honestidade referidos pelas famílias. Esses valores são transmitidos de geração a geração através do exemplo. Os pequenos **valores cotidianos** são também importantes para as famílias. Eles possibilitam o prazer de convívio entre os membros da família no espaço por eles construído.

5.2.5 As Condições Intervenientes

A família, ao construir a convivência familiar, está sozinha neste processo?

A família não é uma unidade isolada. Ela é uma unidade integrante da sociedade e, por isso mesmo, estabelece uma ligação com outras pessoas e unidades sociais que estão além da formação de seu grupo. O foco deste estudo está no mundo interno da família, porém reconheço a influência do meio externo sobre ele. A categoria **FAZENDO PARTE DA TEIA SOCIAL** constitui a **CONDIÇÃO INTERVENIENTE** no processo da convivência familiar.

Segundo Strauss e Corbin (1990), as condições intervenientes podem facilitar ou restringir as estratégias de ação e interação dentro de um contexto específico. A sociedade é formada por uma teia com várias conexões. Para as famílias estudadas, as famílias de origem, os amigos e vizinhos formam parte dessas conexões. **Tendo apoio** é uma condição que pode facilitar a vida familiar e que, de certa forma, intervém na construção da convivência da família. Por outro lado, as famílias precisam estar conectadas a outros sistemas, como aqueles em que procuram e **buscam suporte financeiro**, uma condição necessária para manter a vida familiar.

Desde a formação do novo núcleo familiar, há um intercâmbio entre as unidades sociais no sentido de troca de informações, ajuda, amparo e auxílio para atender às necessidades de seus integrantes. Embora a família deseje ter um espaço privativo, há momentos em que a **articulação** com os outras pessoas, grupos e sistemas, se faz necessária.

As famílias, ao longo de sua história de vida, estão sujeitas a mudanças. Algumas estão relacionadas às etapas de transição, como o nascimento, enquanto que outras estão ligadas ao enfrentamento de situações, como as doenças, a separação do casal, etc. Os acontecimentos que surgem nesses períodos envolvem preocupações e exigem a mobilização das famílias, muito mais do que em outros tempos. Nessas situações, as famílias de origem são as primeiras a se aproximarem para dar apoio. A seguir, os amigos e vizinhos também fazem parte dessa teia. A iniciativa pode ser tanto das famílias de origem, e de outros, quanto da nova família. A flexibilização desta aproximação dependerá das condições de permeabilidade que a família estabelece entre eles.

As pessoas que entram em contato com uma família acabam exercendo uma influência sobre ela, como ao transmitir as crenças e valores, provocando novas condutas e mudanças no seu processo de viver. Assim, ter um apoio social é estabelecer uma ligação com o meio externo que pode intervir na construção da convivência familiar.

5.2.6 A Conseqüência

Considerando os elementos do modelo de integração apresentado até aqui, surgem as seguintes questões: **Qual é o resultado desse processo? Que conseqüência tem a convivência familiar para as famílias?**

A categoria **TOMANDO CONSCIÊNCIA DO VIVER EM FAMÍLIA** revela que o conjunto das condições, contexto e estratégias das ações e interações desenvolvidas na construção da convivência familiar, conduz a uma **CONSEQÜÊNCIA**, isto é, resulta na percepção das famílias sobre este processo.

Toda família tem uma história de vida construída em etapas sucessivas que definem a trajetória familiar e experimenta uma variedade de situações que marcam o seu viver. A convivência familiar é um processo dinâmico e em constante movimento, dirigido pelas ações e interações que ocorrem entre os membros da família, criando um mundo privado, porém em conexão com o mundo externo. Todo membro de uma família é membro participante e tem a sua própria experiência nesse processo. Assim, ele interage com o outro, percebe e interpreta as interações desse outro. A essa capacidade de perceber e interpretar as interações que acontecem no ambiente familiar denominei de **tomada de consciência do viver em família**.

A tomada de consciência sobre o viver em família é apontada sob dois aspectos. O primeiro aspecto está associado ao **bem viver familiar** como resultante das ações compartilhadas e das interações estabelecidas entre os membros da família de forma positiva, criando relações harmônicas, adaptações e acordos entre seus membros. O segundo aspecto está relacionado à **desintegração da vida em família**, situação em que os elementos constituintes da convivência familiar se fragmentam, perdendo a integralidade. Isso quer dizer

que as interações estabelecidas e as ações desenvolvidas pelos membros da família não compõem um conjunto harmônico, dificultando o modo de viver e gerando desajustes e insatisfação aos membros do grupo.

Os membros da família, ao tomarem consciência sobre a sua convivência, **interpretam as ações e interações** que acontecem no seu ambiente e passam também a **definir a situação** em que se encontram. Esse ambiente é, então, considerado como um conjunto de condições que favorece ou não a vida em família. Sob esse ponto de vista, as famílias qualificam o ambiente onde vivem e o relacionam com a idéia de saúde ou com as manifestações de doença.

As famílias, ao relacionarem a saúde e a doença com a convivência familiar, declaram que enfrentar as questões da vida cotidiana, compartilhar as relações, as atribuições e as tarefas, e ter uma comunhão de valores fundamentais para o convívio dos membros, conduz à **saúde da família**. Por outro lado, a **doença** surge como um mal estar, geradora de sofrimento e desajustes nas relações e na construção de valores na família.

A saúde e a doença estão relacionadas ao processo dinâmico da convivência familiar. As mudanças que surgem ao longo da história familiar fazem parte desse processo. Entretanto, são as ações e as interações presentes no mundo privado da família que dão movimento ao processo. A família passa, então, a tomar consciência do seu viver e a fazê-la definir a situação em que se encontra. Isso poderá afetar o próximo conjunto de ações e interações e optar pela manutenção ou mudança do seu modo de viver, tanto para o momento presente como para o futuro.

Por fim, o modelo de integração formulado permite ressaltar os elementos teóricos da teoria substantiva. **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** é um processo construído a partir do momento que as pessoas **querem viver em família**, dando origem a uma trajetória de vida em que se **vive os tempos da família**. Para conviver, as famílias **criam o espaço da moradia**, onde **estabelecem maneiras de se relacionar, formam ligações de afeto e união**, fundamentando-se na **construção de valores compartilhados**. Essa convivência requer uma forma de organização que é formada ao **governar a vida cotidiana**. Desse modo, a família

constrói o seu mundo interno, mas está em conexão com o mundo externo, **fazendo parte da teia social**. Este é um processo dinâmico construído e reconstruído dia a dia pelos membros da família, que percebem e interpretam as ações e interações **tomando consciência do viver em família**.

As relações entre os elementos do modelo teórico **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** indicam que:

a) A convivência familiar é construída pelos seres humanos quando eles compartilham símbolos e significados decorrentes das ações desenvolvidas e interações estabelecidas entre eles, ao manifestarem a vontade de querer viver juntos e participarem na construção de um modo de viver comum.

b) Querer viver em família é uma condição para a construção da convivência familiar.

c) Conviver em família é um processo desenvolvido prioritariamente no espaço da moradia que acompanha a trajetória de vida familiar e define os tempos da família.

d) A construção da convivência familiar é desenvolvida através das ligações afetivas e das relações estabelecidas entre seus integrantes, fundamentada nos valores compartilhados.

e) A tomada de consciência sobre o viver em família está relacionada à percepção e à interpretação do processo dinâmico da convivência familiar do qual os seres humanos participam. Os membros das famílias levam em consideração as ações e interações que acontecem entre eles ao compartilhar os espaços físico, relacional e simbólico.

f) A família constrói um mundo interno de convivência, mas também, em maior ou menor grau, ligações com o mundo externo.

CONVIVENDO EM FAMÍLIA é um processo desenvolvido pelos membros das famílias em seus ambientes familiares. Ele ocorre através das inter-relações de diversos componentes, identificados nesse estudo como elementos teóricos,

assim definidos: compondo a família, querendo viver em família, criando o espaço de moradia para a família, vivendo os tempos da família, fazendo parte da teia social, estabelecendo maneiras de se relacionar na família, construindo valores, cultivando as ligações familiares, governando a vida cotidiana e tomando consciência do viver em família.

CAPÍTULO 6

DELINEANDO UM DIÁLOGO ENTRE O PENSAMENTO E A REALIDADE

A partir da formulação do modelo teórico focado no fenômeno **CONVIVENDO EM FAMÍLIA**, procuro desenvolver neste capítulo uma reflexão sobre os resultados do estudo à luz do Interacionismo Simbólico e das idéias de outros pesquisadores e autores que abordam o tema família e ambiente. Primeiramente, busco delinear um pensamento reflexivo sobre o modelo elaborado e, a seguir, retomo a questão do ambiente familiar.

6.1 CONVIVENDO EM FAMÍLIA: UM PROCESSO EM CONSTRUÇÃO

CONVIVENDO EM FAMÍLIA constitui-se num **processo dinâmico construído na família**, uma vez que é nela que ele existe em ação. Em vez de ser um sistema fechado, a família pode ser vista “como complexo ator social mergulhado em múltiplos processos interativos com a sociedade em que se insere” (Saraceno, 1997, p.16). Assim, ao estudar a família na perspectiva teórica do Interacionismo Simbólico, tendo como foco central o seu mundo interno, o que no meu ponto de vista constitui o seu ambiente, procuro conhecê-lo e compreendê-lo sob o ponto de vista de quem vive nele.

O ponto inicial para compreender o fenômeno **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** está em considerar quem é a família. A composição da família é, por vezes, difícil de ser demarcada pelas próprias famílias, as quais levam em consideração a vivência neste grupo humano. As modificações e as articulações que acontecem

ao longo da trajetória familiar possibilitam acréscimos e perdas de membros e um constante redesenho da família em termos de estrutura e relações familiares.

As famílias do estudo salientam que a **composição da família se apresenta em diferentes níveis ou instâncias**, isso quer dizer, que ela pode ser formada pelas gerações entre as famílias de origem e a atual, ou pela união e afinidades em grau e intensidade de laços afetivos com outras pessoas de suas relações. No entanto, a **família do convívio** é a referência mais utilizada para identificar quem ela é. Ela pode ser considerada sob diferentes pontos de vista. Ora pode ser centrada no casal ou casal com filhos e também a mãe e filha, ora incluindo os netos, noras e genros. Ao se estender um pouco mais o olhar, estão as famílias de origem. Essas nem sempre estão presentes no espaço físico da moradia, mas as relações entre as famílias se mantêm constante no desenrolar da vida familiar. Outras pessoas podem também fazer parte da família, seja por afinidade ou aproximação e que convivem um certo tempo juntos. Dessa forma, as famílias consideram a **convivência** como algo importante, **dando significado à idéia de família**.

Essa idéia nos alinha com o estudo realizado por Nitschke (1999, p.123) sobre o mundo imaginal de ser família saudável em tempos pós-modernos, no qual apresenta diversas imagens de família. A autora declara que a família “é quem convive; é de quem se aprende; é com quem a gente se dá bem; é quem se conhece; é quem é amigo; é quem lhe faz bem e lhe faz sentir/estar bem; é quem lhe entende e lhe retribui; é quem cria (...) é quem cuida”. Nitschke (1999, p.128) nos chama a atenção para a “família do coração”, identificada como aquela que “dá prazer, no sentido de sentir bem, de estar junto com quem te faz bem (...) que convive com outras formas de família, podendo até também ser uma delas ou não. A “família do coração” também foi identificada por Cartana (1988, p.105), em um estudo sobre rede e suporte social da família de origem açoriana. As famílias fazem referência sobre aquelas pessoas que não moram na mesma casa e não são descendentes, mas “com as quais as relações são intensamente positivas”. Isso nos indica a presença do sentimento de família na composição familiar.

É importante destacar que **as famílias, ao se perceberem como uma unidade de convivência**, fazem referência a uma realidade que está além das

ligações consangüíneas ou legais, mas no encontro de seus membros através de um conjunto de ações desenvolvidas entre eles frente a uma determinada situação, **formando uma unidade de interação**. Ernest W. Burgess, um representante dos interacionistas da Universidade de Chicago, já dizia, em 1928, que a família podia ser estudada como uma "unidade de pessoas em interação" (Michel, 1991). Essa idéia é compartilhada por Nitschke (1999, p.144) quando ressalta que a família pode "contemplar tanto quem é a família, propriamente dita, como quem a integra". Isso leva a atribuir uma "dimensão interacional (...) de como a família se apresenta e se relaciona numa infinita rede de interações".

Independentemente das diversas formas que possa compô-la, a **idéia de família é aquela de onde se vive e com quem se convive**. Saraceno (1997, p.17), ao discorrer sobre a família como unidade de convivência, faz menção do uso do termo convivência familiar para se referir "àqueles que vivem em conjunto". Embora a autora retrate a convivência familiar da sociedade européia e americana sob uma perspectiva histórica, ela aponta para a variabilidade de formas familiares sob o ponto de vista das relações estabelecidas nas famílias e na sociedade. Desse modo, segundo a autora, a família torna-se o "espaço histórico e simbólico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão do trabalho, dos espaços, das competências, dos valores, dos destinos pessoais (...) ainda que assuma formas diversas nas várias sociedades" (Saraceno, 1997, p.14). A partir de um ponto de vista mais amplo, ela afirma que "a família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos conhecimentos e relações" (Saraceno, 1997, p.16).

CONVIVENDO EM FAMÍLIA é um processo construído pelos seres humanos ao querer viver juntos, em família. Para conviver em família, os seres humanos precisam, antes de tudo, querer viver juntos. Ao se mostrarem sensíveis em querer viver com o outro, manifestarem a vontade de estar juntos e de participar de uma vida comum, eles são conduzidos à convivência.

Considerando a primeira premissa indicada por Blumer (1969) sobre a natureza do Interacionismo Simbólico, na qual diz que os seres humanos agem em direção às coisas com base nos significados que essas coisas possuem para eles, observo que **querer viver em família** tem significados que surgem do

processo de interação entre as pessoas que manifestam esse desejo. À medida que interagem, elas interpretam a ação do outro, e dessa interpretação surge o significado de **união e compromisso** uns com os outros e a formação da família. Nas palavras de Maturana (1996, p.174), a família constitui “um domínio de interação de apoio mútuo na paixão por viver juntos em proximidade física ou emocional, gerado por duas ou mais pessoas (às vezes incluindo outros seres vivos), seja através de um acordo explícito ou porque crescem imersos nele, no suceder do seu viver”.

No processo **CONVIVENDO EM FAMÍLIA**, as famílias indicam a importância de **uma comunhão de valores** entre seus membros para que eles possam viver juntos. Os valores são construções produzidas pelos membros da família e aprendidas na experiência de conviver em família, através das ações desenvolvidas por eles à medida que interagem. O respeito e a honestidade são considerados **valores essenciais** para se viver em família. As famílias declaram que não há como conviver de forma harmoniosa na família, se esses valores não são compartilhados por seus membros. Além disso, os pequenos prazeres da vida cotidiana, como ler jornal, assistir televisão e outros, são considerados **valores da vida cotidiana**, sendo vistos como importantes pelos membros da família para o convívio e as relações estabelecidas entre eles.

É através do processo de interação entre os seres humanos que os **valores** são construídos, **servindo de guia** para a conduta humana. O que é desejável, adequado, correto, ou não, se aprende desde o início do processo de crescer e se desenvolver na família. A família é o primeiro núcleo de convivência e é a principal referência para a construção de valores durante muitos anos da vida dos seres humanos. Os valores, como assinala Gimeno (1999), regulam de modo explícito e implícito a vida familiar e atuam como diretrizes em torno das quais se estrutura a família e a vida cotidiana.

Dessa construção surge um modelo formado pelo conjunto de valores, o qual é percebido pelos membros da família como adequado ou não, sendo utilizado como referencial na formação da família e da convivência familiar. Os gestos, as palavras e os modos de ser e agir dos progenitores são percebidos pelos filhos, que os avaliam e interpretam, definindo a sua posição em relação ao

modelo, que poderá ser mantido ou alterado ao compor uma nova família e uma nova convivência familiar.

Ao considerar os valores como transmitidos de geração a geração, estou me referindo aos significados que o modelo indica para os seres humanos, na interação entre os membros das famílias. Essa não é uma mera transmissão, no sentido de passar os significados por sucessão, embora seja considerada parte da transferência do patrimônio cultural de uma geração à outra, mas aprendida através da interação entre seus membros.

Na perspectiva do Interacionismo Simbólico, os significados que as coisas possuem para os seres humanos são centrais para eles. Esse significados são formados dentro e através de ações, à medida que eles interagem. Ao confrontarem-se com um universo de valores aprendidos com outras pessoas, os membros das famílias fazem escolhas ao interpretarem as ações dos outros quanto aos valores que têm significados para eles. Nesse sentido, o ser humano está interagindo com ele mesmo e passa a lidar com os significados, selecionando, reagrupando e transformando à luz da situação em que se encontra. Na interação consigo mesmo, o ser humano situa-se em relação ao seu ambiente como um ser que tem que lidar com os objetos que o compõe. Ele confere significados a eles e dirige suas ações a partir deles. Isso quer dizer que o ser humano confronta um mundo que ele deve interpretar para agir.

Assim, os valores são construídos e reconstruídos pelo ser humano no processo de interação. Isso conduz à formação de uma cultura própria, uma cultura da família, como enfatiza Elsen (1984) em seu estudo sobre os conceitos de saúde e doença e os comportamentos das famílias de uma comunidade pesqueira. A autora declara que os membros da família, ao viverem em um mesmo ambiente físico e cultural, compartilham uma cultura comum na maioria das situações da vida diária, tendo um universo de significados que são em parte resultantes de suas interações com a comunidade, mas que também são produtos de suas relações internas.

Collange (1994, p.108), ao fazer sua incursão no território da família e expor suas idéias sobre a vida familiar, também faz menção à cultura familiar. A autora declara que essa cultura se apresenta através de algumas maneiras de ser e

compartilhar interesses, em que “todos têm um pedacinho de algo em comum entre si, uma espécie de pano de fundo cultural que faz com que se sintam membros da mesma família, algo que, ao que parece, eles procuram reproduzir na própria família deles, primeiro em nível de casal, e depois com os filhos”.

CONVIVENDO EM FAMÍLIA é um processo construído por meio das ligações afetivas e sociais. O afeto envolve os membros da família e eles acabam construindo elos duradouros. Ele é também um elemento fundamental nas relações estabelecidas entre os membros da família e desta com os outros. O afeto aproxima as pessoas, forma vínculos e facilita os relacionamentos na família. Quando os membros se referem a sua família, eles consideram o afeto como um dos elementos importantes na composição familiar e na construção da convivência.

Ao conviver em família, os membros da família **estabelecem maneiras de se relacionar entre si**, com os outros e com outras famílias. Conviver é viver com o outro. O termo relação interpessoal é referido por Schvaneveldt (1981) como um sistema de interação entre duas ou mais pessoas, na ação e reação um com o outro, em uma situação social. Na família, as relações interpessoais são vividas dia-a-dia de modo que seus membros estão constantemente envolvidos no processo de interação. Ao mesmo tempo em que um procura interpretar a ação do outro, este vive a mesma situação. Eles são atores de seu viver, aprendendo a interagir um com o outro.

Na perspectiva do Interacionismo Simbólico, a relação interpessoal envolve a situação do ser humano em se colocar no papel do outro. Quando os seres humanos querem viver juntos, eles têm expectativas de um para com o outro sobre o desempenho de papéis. Ao se colocar no lugar do outro, o ser humano percebe o outro como diferente dele, procurando entendê-lo e respeitá-lo, isto é, procurando olhar a partir da perspectiva do outro. Isso é básico no processo de interação. Charon (1989) menciona que nós tomamos o papel do outro quando nos colocamos no lugar do outro, quando amamos ou quando sentimos pena ou quando queremos explorar ou usar o outro. Sem expectativas claras compartilhadas por ambos, é impossível para o ator desempenhar o papel do

outro e este saber como os seus comportamentos se articulam, referem Klein e White (1996).

Os membros da família se percebem diferentes. Porém, no desejo de quererem viver juntos, eles se esforçam em considerar o que cada um estabelece para si, individualmente, mas na perspectiva do que é importante para a família. Durante a convivência familiar, o limite de cada um, no compartilhar com o outro, vai se aclarando ou “se amoldando”, no dizer das famílias. Por isso, com base na experiência vivida, as famílias consideram importante o **respeito à individualidade**, o **reconhecimento das diferenças**, a **compreensão** e a **confiança** entre seus membros. Construir uma convivência familiar é esculpir ou lapidar as relações interpessoais para redefinir seus aspectos individuais e participar de uma vivência comum.

A comunicação é um dos pontos fundamentais das relações interpessoais. Os membros das famílias se comunicam através de gestos, olhares, palavras e de outras ações, transmitindo e recebendo mensagens impregnadas de crenças, valores, intenções, expectativas e desejos. A importância da comunicação está em ser um processo basicamente interativo, no qual um envia a mensagem e outro recebe e a interpreta, atribuindo um significado ao que o outro transmitiu. Como assinala Littlejohn (1982,p.69), a essência da comunicação interpessoal “consiste em ‘ler’ as ações e intenções da outra pessoa e em responder de um modo apropriado”, assim estabelecendo um processo de interação.

Na família, são muitas as experiências compartilhadas por meio da **comunicação** que evocam significados a cada gesto, a cada palavra expressada. Um telefonema para a filha, cozinhar para a família, ficar ao lado dele ou dela, são gestos que comunicam alguma coisa. As conversas espontâneas, os encontros cotidianos ou nos finais de semana, que marcam presença na vida familiar, são fundamentalmente atos sociais nos quais se processa a interação. Cada membro da família participante leva em consideração tudo o que os envolve nestes encontros e passa a notar, reparar, observar e interpretar a ação do outro.

Os membros da família estão continuamente interagindo através da comunicação, que traz consigo um componente relacional. Quando as famílias

falam “tem que ter o diálogo”, isso representa a necessidade de desenvolver uma relação entre seus membros, que imediatamente se processará na interação.

CONVIVENDO EM FAMÍLIA é um processo que procura estabelecer elos entre as gerações. Os encontros intergeracionais são realizados procurando manter a convivência entre os membros que compõem as famílias. O convívio entre a família em formação e família de origem é fortalecido pelos laços afetivos, mas também pelo compromisso. Há um movimento que é bidirecional, ou talvez, cíclico, quer dizer, que segue da família de origem para a nova família e desta para a família de origem. A cada geração esse movimento se torna presente. Isto acontece através de encontros, na tomada de decisões sobre a vida dos integrantes dessas famílias e também através da ajuda e apoio quanto a problemas diversos.

De certa forma, esses elos entre as gerações fazem parte da teia social de apoio. Na formação de uma nova família, são as famílias de origem que oferecem o apoio e a ajuda relacionados aos aspectos emocional, social, físico, econômico e de cuidados, dependendo das situações em que se encontram. Por outro lado, quando são as famílias de origem que necessitam do apoio e da ajuda, há um retorno nessa direção e os filhos são chamados a participar das ações.

Scabini (1992,p.8) nos fala da “lealdade intergeracional” na relação entre filhos e as famílias de origem, cujo conceito é pertinente aos aspectos de “obrigação” do vínculo entre as gerações. Citando Bozzormeyi-Nagy e Spark, a autora declara que “os empenhos da lealdade são como fibras invisíveis, mas sólidas, que mantêm unidas partes complexas do comportamento relacional das famílias e da sociedade. Para compreender as funções de um grupo de pessoas, nada é mais importante do que saber quem está ligado por um sentimento de lealdade e o que esta lealdade, com efeito, significa”. A reciprocidade entre a nova família e as famílias de origem, quando oferecem e recebem apoio, tem origem nos vínculos ou ligações e nas relações estabelecidas entre elas, significando um compromisso, um manter-se presente, dando a idéia de uma lealdade entre as gerações.

No estudo desenvolvido por Alvarez (2001,p.50) no qual ela descreve a vivência do idoso e de sua família cuidadora, a autora destaca que os idosos “têm

uma extensa história de convivência familiar” e que, “mesmo adoecendo e fragilizando-se, esperam continuar convivendo em família, como era anteriormente”, compartilhando necessidades, trocando ajuda e convivendo com as crises e os conflitos. É importante salientar que as relações estabelecidas entre as gerações são construídas e reconstruídas pelas famílias nesse movimento que se estabelece entre elas, provocado pelas mudanças. É um processo dinâmico e que pode variar de uma família para outra, considerando que este é um componente relacionado com os outros elementos que fazem parte da convivência familiar.

CONVIVENDO EM FAMÍLIA é um processo que se caracteriza basicamente pelo que se mostra no mundo interno da família. No entanto, existe também uma conexão com o mundo externo, o que a torna **participante da teia social**. Optei por usar a expressão teia social a partir da idéia de “teia de vida” utilizada por Capra (1996, p.44), referindo-se ao “entrelaçamento e interdependência de todos os fenômenos”. Nesse sentido, a família também faz parte de uma teia, no entrelaçamento e na interdependência dos elementos para a construção da convivência familiar, na interação com outras famílias, pessoas e estruturas institucionais.

Os relacionamentos das famílias com os outros indicam um entrelaçamento de ligações e trocas entre eles. Com os que estão mais próximos, como as famílias de origem, os vizinhos e amigos, há uma ligação estabelecida entre eles de forma mais direta e constante. Já com as instituições sociais que dão sustentação às necessidades da família, as relações se estabelecem tanto de forma direta quanto indireta. Em geral, as famílias estabelecem ligações mais próximas e diretas com as instituições relacionadas ao trabalho, à educação e à saúde. Indiretamente, essas ligações se ampliam para outras dimensões, entre elas, as sociais, econômicas e políticas. Forma-se, assim, uma rede interligada de relações.

Ao pensar na idéia básica proposta por Blumer (1969), um dos precursores do Interacionismo Simbólico, de que os grupos humanos consistem de seres engajados na ação, entendemos que a família é um grupo humano formado por duas ou mais pessoas que se dispõem a viver juntas, que estabelecem ligações

afetivas e sociais em diversos níveis e que constroem uma convivência através de um conjunto de ações e interações.

CONVIVENDO EM FAMÍLIA é participar de maneira conjunta da vida cotidiana. A família governa a sua vida cotidiana organizando as atividades diárias, participando das tarefas domésticas e estabelecendo as atribuições familiares. Estas são ações que se integram para atender às necessidades de cada membro e da família.

Resgatando as idéias de Blumer (1969) sobre a ação conjunta, entendo que a família está estreitamente ligada a essa idéia. O autor afirma que o comportamento social de um grupo consiste de pessoas ajustando suas linhas de ação uns aos outros, sendo que o processo de interpretação ocorre para atender ao grupo e não somente ao indivíduo. A ação conjunta formada por diversos componentes é diferente de qualquer um deles e de sua mera agregação. Essa noção nos remete à idéia da família como unidade que desenvolve ações conjuntas e que, através das quais, ela está constantemente participando do processo de interação.

Rememorando a idéia de Ernest W. Burgess sobre família como uma unidade em interação, ele ressalta que cada pessoa ocupa uma posição e desempenha papéis no interior da família, considerando as expectativas do grupo de referência e em relação a sua própria concepção (Michel, 1991, p.15). Tornar-se pai, mãe, avó e avô é uma experiência particular e socialmente importante. Ter um filho, como assinala Scabini (1992, p.11), “não comporta uma mudança somente ao longo do eixo horizontal (...) mas também o realinhamento ao longo do eixo vertical”. Embora a relação intergeracional esteja presente em vários momentos da família, os nascimentos são acontecimentos particularmente importantes na definição e redefinição de papéis. Cada membro da família traz consigo expectativas em relação aos papéis a serem desempenhados, os quais, muitas vezes, precisam ser negociados.

Os papéis desempenhados pelos membros da família fazem parte das **atribuições familiares**. Utilizo esse termo, em vez do termo papel, por considerá-lo mais amplo e por retratar a necessidade da realização de todas as atividades com vistas a atender toda a família e não só cada membro. As atribuições

familiares contêm os papéis estabelecidos na família, assim como, as responsabilidades e os compromissos que seus membros têm na construção do viver em família.

Para compreender a família, nós precisamos entender o significado que as ações conjuntas têm para ela. Tomando emprestada a expressão utilizada por Maurin (1983), a família "**cria um universo de significados**" quando os membros buscam se articular para conviver em família. Esse universo de significados compartilhados, como afirma a autora, é criado no processo de interação dentro e fora da família. Nele, seus membros definem os papéis com base nas experiências vividas na família, nas próprias expectativas e nos comportamentos esperados pela sociedade.

Quando os membros da família interagem, os resultados dessa interação podem trazer significados compartilhados, fazendo com que as atividades necessárias à convivência familiar sejam desempenhadas com maior êxito. A ausência de significados compartilhados, chama atenção Maurin (1983), resulta em confusão, desentendimentos e inabilidade dos integrantes da família em manter uma interação. As declarações apresentadas pela autora vêm ao encontro da análise realizada neste estudo. Os membros das famílias apresentam expectativas desde o momento em que idealizam, projetam e revelam o desejo de quererem viver juntos. Elas continuam a ter expectativas na continuidade da vida familiar, estabelecendo as responsabilidades e as atividades de cada membro para a vida comum.

As famílias do estudo mostraram que utilizam estratégias para o desenvolvimento das ações que envolvem a vida familiar, como a participação conjunta nas decisões, na **negociação** e na busca de acordos, cujos significados estão na **construção de formas compartilhadas de agir**. Isso parece indicar a busca de uma relação igualitária de poder, um poder que se apresenta nas sutilezas das ações.

Essa igualdade referida é percebida em alguns momentos da convivência familiar, como no cuidado dos filhos, na divisão das tarefas domésticas e na saída da mulher para as atividades fora do lar. Porém, essas coisas nem sempre acontecem. Para algumas famílias, a autoridade e a hierarquia pontuam formas

de poder em relação ao gênero já padronizadas na sociedade. O sustento da família tem sido de responsabilidade dos homens, cabendo às mulheres a administração doméstica e o cuidado da família. No entanto, as famílias do estudo fazem parte de uma geração de transição que tem vivenciado, nas últimas décadas, importantes mudanças sociais e culturais. Elas ainda mantêm características de diferenciação de papéis em relação ao gênero, porém, cada vez mais, elas têm assumido novas maneiras de divisão de papéis, principalmente com a participação das mulheres como agentes de mudança na sociedade. Como declara Vaitsman (1994,p.191), "ao derrubar as barreiras do mundo público no enfrentamento das diferenças práticas da vida cotidiana, as mulheres (...) desconstruíram os significados de um feminino que se colocava não só como diferença, mas como submissão ao masculino". Todavia, apesar do avanço no espaço público, permanece "a visão da casa como o espaço do poder feminino", escondida nas atitudes e no desenvolvimento de tarefas (Rocha-Coutinho,1994, p.238).

Embora a verticalidade das relações comece a ceder "à busca de uma horizontalidade que caracterize a família igualitária", no dizer de Souza (1997, p.27), ela é ainda uma realidade na vida das famílias, exemplificada pelas manifestações de padrões de comportamentos que geram autoridade entre seus membros. Esses comportamentos são apreendidos nas experiências do viver em família e na sociedade. De acordo com a autora acima citada, "o funcionamento familiar se concentra na busca de um ideal igualitário". No entanto, é evidente que essa família não existe e que, na prática do dia-a-dia, às vezes, a realidade se mostra bastante diferente. Como destaca Vaitsman (1994, p.192) "a ruptura de dicotomia entre o público e o privado segundo o gênero (...) não eliminou as distintas funções no casamento ou na família, mas deixou em aberto, como objeto de consenso ou disputa, quem deve desempenhá-las e quando elas devem ser desempenhadas".

Ao debater essa questão sobre família e gênero, Jelin (1995) diz que a família não poderá ser democrática se não se democratiza a provisão e o acesso aos serviços cotidianos da domesticidade. No mundo ocidental, a família centrada na autoridade patriarcal está em decadência, comenta a autora. Ela ainda

acrescenta que a luta por uma autonomia pessoal tem acontecido na relação entre os gêneros, embora ela nunca possa chegar a ser total, já que os indivíduos necessitam e encontram satisfações nos vínculos de solidariedade, de compromisso e de responsabilidade com o outro no âmbito mais íntimo e cheio de afeto que é a família. Os dados analisados no estudo permitem identificar esse período de transição em relação ao poder exercido entre os gêneros na família, seja na distribuição de tarefas, na tomada de decisões e no acesso à socialização de seus membros.

O processo **CONVIVENDO EM FAMÍLIA acontece no espaço de moradia da família**. A compreensão do processo remete-nos novamente às idéias básicas do Interacionismo Simbólico. Blumer (1969) diz que, para compreender a ação das pessoas, é necessário identificar seus mundos de objetos. Um objeto é qualquer coisa que pode ser indicada ou referida com significado para a pessoa. Assim, quando as famílias declaram que é importante terem um espaço para viver, esse espaço pode ser visto como um objeto físico, formado pela casa ou moradia, que busca atender às necessidades de abrigo, segurança e de se ter um lugar "para construir a família", como disse um membro de uma das famílias entrevistadas.

Considerando que o significado dos objetos para uma pessoa surge fundamentalmente do processo de interação, entendo que o significado que as famílias dão ao espaço da moradia está ligado à maneira como interagem, criando também objetos sociais. A **privacidade**, a **liberdade**, a **autonomia** e a **independência** são significados construídos no processo de interação entre os membros da família. No dizer de Blumer (1969), a vida em grupos humanos é um vasto processo no qual as pessoas formam, sustentam e transformam os objetos de seu mundo à medida que elas vêm a conferir significados aos objetos. Desse modo, a moradia é o **espaço físico e simbólico** da família, onde as interações se processam no viver cotidiano, formando um mundo de objetos conferidos pelos seus significados. Ela constitui então a representação simbólica de cada um de seus membros, no desenvolvimento de seus papéis e alianças que se manifestam de formas latentes e ocultas, como indica Berenstein (1988).

Quero destacar também a moradia como um **espaço relacional**. Collange (1994, p.53) declara que "o homem não vive somente de pão, de um teto e de roupas limpas, para existir, os seres humanos precisam integrar-se à vida de outros seres humanos. A vida só se completa na relação e o ambiente familiar constitui o mais evidente universo de relacionamento". Gimeno (1999, p.38) vem reforçar a idéia ao referir que "a convivência em um mesmo lugar facilita a coesão familiar e permite que as interações sejam mais freqüentes e mais estreitas ". Como já vimos, as famílias buscam maneiras de se relacionar entre si e com outros, sendo a moradia o ponto de encontro para se estabelecer essas relações.

Para conviver em família, os integrantes deste grupo humano manifestam a vontade de querer viver em família e passam a construir um mundo formado pelos valores, relações interpessoais e entre as gerações, ligações afetivas e sociais, criando um espaço físico que ao mesmo tempo é relacional e simbólico. Entretanto, é preciso considerar que a convivência familiar acontece no desenrolar do cotidiano e se processa ao longo de um tempo.

CONVIVENDO EM FAMÍLIA é um processo desenvolvido no tempo da família. A análise comparativa dos dados neste estudo fez emergir a idéia do tempo da família como aquele período em que as ações e interações realizadas pelas famílias são dirigidas para atender às necessidades de seus membros e da família como um todo, caracterizando um modo de viver diferenciado em diversos momentos.

Ao me referir sobre o **tempo da família**, quero exprimir a idéia da experiência vivida pela família, com significados que marcam um período de duração não propriamente ao tempo da trajetória familiar, embora esteja ligado, mas a um tempo relativo às ações e interações estabelecidas pelos membros da família. Esse tempo revela períodos diferenciados na articulação entre o modo de organizar a vida cotidiana, as relações e as ligações estabelecidas entre eles e apresenta, também, características diferenciadas no que diz respeito ao aspecto social e emocional dos membros da família.

A trajetória familiar, também denominada de ciclo de vida da família, se caracteriza por um processo evolutivo de mudanças na estrutura e nas posições dos seus membros, decorrentes do ciclo de vida individual. A concepção de ciclo

de vida familiar tem provocado uma discussão por estar centrada na família conjugal, ligada aos eventos relacionados à procriação e ao crescimento dos filhos dentro de uma cultura ocidental contemporânea (Saraceno, 1997). Com as diferentes formas e condições vividas pelas famílias nos tempos atuais, a trajetória da vida familiar, para muitas famílias, tem se apresentado diferente. Nos recasamentos, as etapas se sobrepõem e a saída tardia dos filhos de casa tem provocado modificações nos papéis parentais.

Nesse estudo, ao se considerar a trajetória familiar, registra-se um período denominado de tempo da família. Surge um **tempo complicado**, quando os filhos são pequenos, um **tempo de preocupações**, durante a adolescência dos filhos, e um **tempo de retorno à vida de casal**, quando voltam a viver a dois.

O modo da família organizar a vida cotidiana, as atribuições que desenvolve, e as relações que estabelecem são diferentes em cada período. No período denominado de tempo complicado, as ações, relações e ligações entre os membros da família apresentam características próprias, algumas das quais permanecem e outras que se diferenciam das demais. O mesmo acontece nos outros períodos ou tempos. Essa idéia está de acordo com o ponto de vista apresentado por Relvas (1996, p.29), o qual ele denomina de “tempo familiar” ao se referir aos “diversos momentos em que se jogam diferentes papéis e posicionamentos”. Ao discorrer sobre o tema, o autor esclarece que, “ao longo da vida, um pai é sempre um pai, mas o que isso significa em termos relacionais, vai se alterando constantemente”.

O tempo da família tem chamado a atenção dos estudiosos de diversas áreas, como diz Saraceno (1997, p.223), “na seqüência e entrelaçar dos eventos que a pontuam, tal como as relações, as continuidades e descontinuidades, os processos de transmissão e de solidariedade entre as diversas gerações familiares”. A diversidade das coisas que se sucedem na vida familiar, afirma a autora, “constitui-se no cruzamento de uma multiplicidade de tempos internos e externos, individuais, de grupos sociais e históricos”(Saraceno,1997,p.221). Assim, o tempo da vida diária da família “constrói-se através da mediação entre os diferentes tempos das várias atividades em que a família como tal, mas também cada um dos seus membros se envolve ”(Saraceno, 1997,p.228).

Considerando esse ponto de vista, tem-se a idéia de que o tempo da família é formado pelos eventos que acontecem e que caracterizam períodos no modo de viver das famílias.

A família, formada por seres humanos que são atores de seu viver, agindo e interagindo uns com os outros, constrói a convivência familiar. Entendo que **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** é um processo dinâmico que se desenvolve na articulação dos elementos que os membros da família consideram importante para viver. Cada membro, por sua vez, participa compartilhando significados que são formados, sustentados, reforçados ou transformados na convivência. Nesse processo, os membros da família percebem e refletem sobre as suas ações e interações, **tomando consciência sobre o viver em família.**

As famílias do estudo percebem tanto um **bem viver** como uma **desintegração da vida em família**. Para elas, o bem viver é ter união, respeito e amor; é estar entrosado, integrado e ter uma participação conjunta nas atividades e na resolução de problemas, indicando uma família saudável e um ambiente agradável. Quando as ações e as interações não são compartilhadas, surgem os desentendimentos e os sofrimentos que ameaçam o bem viver da família, sendo percebida uma convivência familiar em desintegração, "um clima pesado", surgindo a doença na família.

Segundo o moderno dicionário da língua portuguesa, "bem" significa "de modo bom e conveniente; com afeição; com saúde; propriedade; domínio" (Michaellis, 1998, p.315). Essa compreensão parece se ajustar ao que as famílias declaram quando percebem e interpretam a convivência familiar sob o ponto de vista das relações que seus membros estabelecem e da maneira como constroem essa convivência.

As famílias falam, também, de valores. Ao buscar a compreensão de "bem" no dicionário de filosofia, encontrei algumas idéias relativas a esse aspecto. Num sentido geral, Abbagnano (2000, p.108-109) enfoca que "bem é a palavra tradicional para indicar o que, na linguagem moderna, se chama valor (...) um bem é beleza, dignidade ou virtude humana, bem como uma ação virtuosa, um comportamento aprovável". De acordo com o autor, as noções de "bem" tratadas na história da filosofia são também abordadas tanto do ponto de vista subjetivo

quanto do objetivo. Assim, sob o ponto de vista subjetivo “chamamos de bem o que é capaz de produzir prazer em nós e de mal o que é capaz de produzir sofrimento”, tal como compreende Locke. Já o sentido mais objetivo é dado por Kant quando declara que “o prazer está ligado à existência de um objeto ou de uma ação, vale dizer, a um interesse (...) o bem é aquilo que se aprecia, que se aprova e a que se atribui um valor objetivo”. Entendo que quando as famílias falam das suas percepções sobre o conviver em família, elas estão dando indicações sobre as ações e interações que aprovam e dão prazer ou não, que as fazem se sentir bem ou não.

As situações vivenciadas pelas famílias, as quais as fazem se sentir bem, dão a idéia de uma família saudável. Retornando ao estudo realizado por Nitschke (1999, p.220), a autora ressalta essa idéia quando discorre sobre a compreensão de família saudável, considerando-a como “a busca do que nos faz sentir bem, do sentir-se livre, feliz, do fazer o que se gosta, do sentir prazer...prazer de estar com o outro... contribuindo com o outro e consigo mesmo, que se relativizam no aqui e agora! ”.

Buscar a compreensão do que é ser uma família saudável tem sido o interesse de muitos profissionais de saúde. O Grupo de Assistência, Pesquisa e Educação na área de Família (GAPEFAM), um grupo consolidado de pesquisa da Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, tem se preocupado com as questões de saúde da família. O processo de viver das famílias é uma das suas linhas de atuação. Nessa perspectiva, o grupo compreende que o processo de viver saudável é:

aquele em que a família identifica sua situação de vida, reflete sobre seus direitos e responsabilidades, define prioridades, enfrenta crises, conflitos e contradições, buscando soluções, mobiliza recursos individuais e coletivos, alcança e avalia soluções, promovendo e provendo meios para o desenvolvimento contínuo de seu processo de viver e o de seus membros (Elsen et al., 1992).

Para o grupo, a família saudável “atua conscientemente no ambiente em que vive, interagindo dinamicamente com outras pessoas e famílias em diversos níveis de aproximação, transformando e sendo transformado” (Elsen et al., 1992).

A família, ao tomar consciência sobre o seu viver, **define a situação** na qual se encontra. Na visão do Interacionismo Simbólico, o ser humano, ao interagir com o outro, interpreta a ação do outro, cria significados e define a situação. Charon (1989) declara que os seres humanos não respondem ao mundo como ele é, mas para uma realidade ativamente definida por eles. Declara ainda que nossas realidades são nossas definições da situação. Para esclarecer melhor a idéia, a autora cita também a definição apresentada por Ball, referindo-a como a soma total de todas as informações reconhecidas, a partir do ponto de vista do ator, o qual é relevante para o seu posicionamento e o de outros, de modo que possa se ocupar de linhas de ação e interação determinadas por ele.

Partindo da idéia de definição de situação apresentada acima, entendo que a família é formada por seres humanos em interação, que compartilham símbolos e significados comuns. Cada membro da família guia o seu modo de viver baseado nos significados compartilhados das ações da vida cotidiana, dos valores, das relações entre eles e das ligações estabelecidas com o outro. Com isso, cada membro e cada família estabelecem a definição de situação a partir da sua percepção sobre o conviver em família.

O bem viver e a desintegração da vida em família são definições de situação. Cada vez mais o viver em família está relacionado ao compartilhar no qual "forma-se uma coesão, uma sensação de 'bem viver' juntos que constitui o charme e a força das famílias harmônicas", no dizer de Collange (1994, p.137). A autora acrescenta que "o bem viver traduz esta impressão de sentir-se melhor compartilhando um pedaço de espaço e de tempo com alguém que não seja nós mesmos". No entanto, nem tudo são rosas. Os membros da família podem mudar os seus significados na interpretação da ação do outro. Isso os leva a tomar consciência de que os significados não são mais compartilhados, trazendo conflitos e sofrimento para aqueles que convivem. Desta forma, cada membro e a família como uma unidade, percebem e definem a situação na qual se encontram. Conseqüentemente, avaliam, planejam e agem em relação à situação, buscando a manutenção ou a alteração da convivência.

A interação social, como assinala Charon (1989), é central para tudo o que fazemos. Nossa abordagem e visão da realidade estão relacionadas com a

interação com os outros. É através da interação que criamos e definimos o *self*, ou seja, de como nós vemos a nós mesmos na interação com os outros. A interação cria e influencia a mente, considerando o que está acontecendo em nosso ambiente, na ação dos outros em relação a eles

No processo de interação entre os seres humanos, de acordo com as idéias interacionistas, surge o *self*, considerado um conceito básico dessa perspectiva teórica. O *self* é um termo utilizado sob diversos pontos de vista em várias áreas do conhecimento. Para o Interacionismo Simbólico, entretanto, o *self* tem um significado específico. Ele é considerado um objeto social no qual o ator age em direção a ele mesmo, levando em conta o outro significativo, o outro generalizado e o grupo de referência. O outro significativo e o outro generalizado são expressões apresentadas por Mead ao fazer referência sobre aquela(s) pessoa(s) que tem importância para o ser humano. O outro generalizado consiste em reunir todos os outros significantes e o grupo de referência são os grupos com os quais o ser humano interage (Charon (1989). Segundo Mead (1972), o *self* é desenvolvido no processo social mediante a reflexão e internalizado na experiência dos seres envolvidos. Assim, o *self* está no ser humano em todas as situações em que ele se encontra, na medida em que interage com os outros.

Partindo das idéias interacionistas sobre o *self*, surge a noção de ***self da família*** ou *self* familiar. Centa (1998,p.162) faz menção sobre o *self* familiar ao considerá-lo como aquele *self* "construído através das relações no mundo interior das famílias e nas interações com a sociedade". A autora acrescenta ainda que "o *self* familiar é diferente do individual de cada um de seus membros, que não o anula, mas também não se iguala".

Estudando as relações entre a família e o seu ambiente social, Reiss (1981) observou que as famílias compartilham um *self* coletivo que moldam as suas ligações com o ambiente social. Refletindo sobre o estudo citado, Goleman (1997, p.172) salienta que a maneira como os membros da família vêem a si mesmos e o seu mundo pode ser chamado de "*self da família*". O autor ressalta que "a família, quando funciona como um grupo integrado, é uma espécie de mente consensual (...) assume as mesmas tarefas da mente individual".

Assim, o processo **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** possibilita que as famílias desenvolvam o seu *self*. Quando os membros da família estabelecem o convívio em família, eles levam em consideração o outro, as pessoas mais próximas e a sociedade. No processo de sua construção, a família passa a formar uma unidade que reflete sobre as suas ações e interações, considerando outros grupos humanos e a sociedade. A família dirige as suas ações com base nas experiências vividas no seu mundo interno e externo. Assim, o *self* da família participa na comunicação, na definição da situação e dá identidade à família.

A convivência familiar se dá na inter-relação e interdependência dos seus diversos elementos, na qual se incluem as ações e interações relacionadas ao espaço, ao tempo, aos valores, às relações, às ligações e ao querer viver em família. O modelo teórico que surgiu da análise dos dados revela a presença desses elementos no processo **CONVIVENDO EM FAMÍLIA**. Contudo, o que se observa é que a inter-relação e a interdependência dos elementos geram um **movimento** constante ao longo do processo, e que a família passa, então, a construir e reconstruir a convivência familiar. Esse movimento tem uma **direção** que pode ser linear, quando acompanha a trajetória da família, mas que é cíclico na inter-relação dos seus diversos elementos, considerando a definição de situação na qual a família se encontra. Quando a família toma decisões sobre o seu modo de viver, e quando define como viver, ela determina também uma **direção**, pela manutenção ou alteração dessa convivência.

Nas palavras de Gimeno (1999,p.126), “a vida familiar se descreve como uma dança buscando a harmonia, mesmo que a dança tenha ritmos diferentes, em cada espaço e em cada momento”. Sendo assim, a família constrói e reconstrói a convivência familiar, num processo dinâmico e contínuo.

6.2 O AMBIENTE FAMILIAR: UMA VISÃO CENTRADA NAS INTERAÇÕES

As idéias conceituais que tornaram possível a formulação do modelo teórico me dirigem para uma reflexão sobre o objeto de estudo, ou seja, sobre o ambiente familiar. Como já descrevi anteriormente, o modelo teórico **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** é um processo desenvolvido em um determinado

espaço pelos membros que compõem a família, representando o seu ambiente. Nas palavras de Bronfenbrenner (1996, p.218), o ambiente é um local onde as pessoas podem facilmente interagir face a face sendo a família um dos “ambientes primários mais potentes e universais nas sociedades humanas”.

Fala-se da família sob diferentes ângulos, contudo, poucos param para pensar e perceber a importância do ambiente familiar no viver de cada ser humano. Quando, na vida cotidiana, se faz referência ao ambiente familiar, de modo geral pensa-se no espaço de convívio das pessoas que compõem a família, atribuindo qualidades ideais de aconchego, tranquilidade e segurança num lugar onde reina a solidariedade e a harmonia. Essa visão idealizada de ambiente familiar é esperada pelos seres humanos ao ingressarem no processo da convivência. Porém, muitas vezes, eles não têm consciência de que tem uma parcela de contribuição na construção desse ambiente. É através das ações e interações que cada ser humano estabelece com o(s) outro(s) que esse processo vai sendo construído. Sendo assim, a busca pelo que é desejável depende dos que participam do ambiente.

A partir da idéia apresentada por Buttel (1992), de que o ser humano é um “criador de ambientes”, entendo que o processo **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** é essencial para a compreensão do ambiente familiar. As interações estabelecidas entre os membros da família, especialmente no cenário onde vivem, geram um conjunto de comportamentos alicerçados nas crenças e valores, com influência de uns sobre os outros, definindo um modo de viver comum. Esse é um processo criativo na experiência das ações dos integrantes da família e permite a construção do ambiente familiar.

Fundamentalmente, o que caracteriza o ambiente familiar é o processo de conviver em família o qual se dá através da inter-relação de seus vários elementos. Embora reconheça que os processos familiares sejam complexos e dinâmicos, acredito que **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** é um processo significativo para a compreensão da construção do ambiente familiar. Sua natureza está na maneira como os membros da família criam a convivência. O modelo teórico formulado neste estudo delinea vários elementos que inter-relacionados, permitem compreender como a família constrói o seu ambiente. Cada família

constrói o seu ambiente de acordo com as ações e interações estabelecidas entre seus membros no dia-a-dia da vida familiar, em um determinado espaço e tempo. Assim como não existem seres humanos iguais, também não existem famílias e ambientes familiares iguais. Cada família constrói o seu próprio ambiente. Como declara Berenstein (1988,p.154), "cada família concebe o seu espaço de forma diferente (...) e o espaço social resulta necessariamente de alguma coisa mais do que a soma dos espaços individuais".

Esse ponto de vista é manifestado também por Rogers (1970,1994) ao discorrer sobre o ser humano e o ambiente como campos unitários. A enfermeira visionária declara que cada campo ambiental é único para cada campo familiar. Essas idéias me conduzem a pensar sobre a família como uma unidade ligada ao ambiente construído por ela, sendo difícil dizer onde começa um e termina o outro. Minha ênfase está em considerar fundamental as inter-relações dos elementos que compõem a convivência familiar, quer dizer, as ações e interações estabelecidas entre os membros da família.

Desse modo, se os membros da família consideram importante ter uma moradia para viver juntos, apesar de ser considerado fundamental, ele não é o único elemento. Ele está relacionado a outros elementos para se conviver em família. A inter-relação dos seus elementos é o que determina a convivência familiar e a construção do ambiente na família.

O ambiente familiar pode ser compreendido em várias dimensões, dependendo do foco e do ponto de vista a partir do qual se olha para seu conjunto de características. Certamente, muitos são os aspectos que determinarão a construção e a reconstrução do ambiente familiar. O que nos leva a distinguir os ambientes construídos pelas famílias são os seus significados, provenientes das interações e da própria situação em que cada família se encontra. Ao retomar a idéia de Cooper (1992) de que o ambiente é um campo de significados, entendo que a construção do ambiente familiar pode também ser compreendida através dos significados que os membros das famílias constroem nas interações que eles estabelecem entre si e com os outros.

Segundo Klein e White (1996), o foco do Interacionismo Simbólico está nos significados construídos através da interação entre as pessoas no seu ambiente.

Os seres humanos pensam e agem de acordo com os significados que eles atribuem para as ações e interações desempenhadas. O ambiente no qual as pessoas conduzem as suas vidas consiste de objetos físicos, sociais e/ou abstratos que têm significados para elas, declaram os autores citados. Se os seres humanos vivem em um mundo simbólico, então o ambiente em que eles se encontram é tanto físico como simbólico. A natureza desse ambiente é, então, compreendida pela leitura do conteúdo de seus significados. Nesse sentido, o ambiente onde a pessoa vive pode ser considerado em termos de seus significados.

Como vimos neste estudo, a convivência familiar é estabelecida pelos seus integrantes quando comungam significados, como a privacidade, o respeito, a autonomia e outros. Alguns desses significados são valores construídos pelos seres humanos na experiência do viver no ambiente da família. Stokols (1990), em sua análise sobre a relação entre a pessoa e o ambiente, salienta que os ambientes físico e social formam um contexto no qual os valores humanos podem ser cultivados e o espírito humano enriquecido. Assim sendo, ao se contemplar a moradia da família, tem-se uma visão mais ampla do seu cenário físico, pois ele é o espaço das relações sociais e ligações afetivas, onde as experiências de interação formam um conjunto simbólico de significados.

O ambiente simbólico é baseado nos significados construídos pelos seus integrantes. Quando um membro da família percebe, julga e define a situação em que se encontra, ele está representando, para ele mesmo, o ambiente em termos simbólicos. Para Klein e White (1996), a definição de situação provê uma ligação entre como nós percebemos nosso ambiente e como agimos nele. Desse modo, quando um ou mais membros da família percebem um "clima pesado" ou uma situação insustentável, eles procuram mudar essa situação, na busca de um ambiente agradável e saudável. A mesma coisa acontece quando os membros da família percebem harmonia, paz e integração no convívio familiar. Eles percebem o ambiente agradável e desejam a sua manutenção. Segundo Schvaneveldt (1981), a interpretação das ações realizada pelos membros é que torna a família uma unidade de interação em processo contínuo de desenvolvimento, onde cada passo desse processo é repleto de significados.

O ambiente familiar é, então, construído pela família no seu processo de conviver, através de um conjunto de ações e interações as quais os membros das famílias estabelecem entre si, formando um conjunto de significados. O ambiente familiar é, ao mesmo tempo, um espaço físico, relacional e simbólico, construído por aqueles que fazem parte dele. A perspectiva do Interacionismo Simbólico vem ao encontro das idéias sobre a construção do processo de conviver em família e o ambiente familiar, uma vez que sua visão está centrada no “papel criativo desempenhado pelos atores na construção de sua vida cotidiana” e na atenção às particularidades desta construção (Coulon, 1995, p.16).

CAPÍTULO 7

TECENDO ALGUMAS REFLEXÕES FINAIS

Após ficar meses imersa nos dados, procurando seguir os passos indicados pela metodologia para o desenvolvimento do estudo, procuro, agora, focalizar alguns aspectos do modelo teórico elaborado, tecendo considerações sobre o estudo bem como algumas limitações e recomendações.

Ao chegar a esta etapa do trabalho, a minha vontade é começar tudo de novo e aprofundar os elementos teóricos que surgiram no processo de pesquisa, no desejo de ampliar a compreensão do tema. Porém, isso seria um outro momento e novas composições possivelmente emergiriam. Essa idéia me fez lembrar uma metáfora utilizada por Thorne e citada por Saraceno (1997, p.16) a qual diz que a família pode ser pensada como “um tecido de vários fios que compõem um desenho. Ao tirar-se ou acrescentar-se um fio, transforma-se o desenho. Mas se descobrir um fio antes escondido, ou não visto, a apreciação do próprio desenho modifica-se”.

Assim, a partir das questões que surgiram ao longo do processo de pesquisa, fui desenvolvendo este estudo, que possibilitou a construção do modelo teórico **CONVIVENDO EM FAMÍLIA**. Ao procurar interpretar a realidade das famílias e compreender o ambiente familiar a partir delas, identifiquei vários elementos teóricos que, interligados, revelam o processo da convivência na família. Este processo é desenvolvido através das ações e interações que seus

membros estabelecem entre si e com outros, num movimento constante de construção e reconstrução do viver em família.

Os resultados obtidos no estudo abrem espaço para a compreensão do ambiente familiar. Entendo que o processo **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** não compõe a totalidade do ambiente familiar, mas é parte dele, uma vez que as ações e interações estabelecidas entre os membros da família estão presentes nesse ambiente. Viver em família é conviver, é com-viver, é viver juntos; é manter uma relação com tudo o que envolve a família; é construir um modo de viver repleto de símbolos e significados; é participar de uma teia social na inter-relação e interdependência dos grupos humanos. Ao conviver, compartilhamos crenças, valores e interesses. Conviver é interagir, reconhecer as diferenças e reforçar as semelhanças.

A enfermagem encontra neste estudo uma construção teórica que permite compreender a família na construção da convivência familiar como um processo que conduz ou não a um bem viver. O bem viver, como resultado das ações e interações estabelecidas entre os membros da família, constitui um dos elementos teóricos que pode contribuir para o entendimento da saúde da família.

Atualmente, com a reorganização do sistema de saúde no nosso país, o Programa Saúde da Família surge como uma estratégia de atenção básica voltada à comunidade, que busca priorizar as ações de proteção e promoção da saúde dos indivíduos e da família de forma contínua e integral. Esse programa tem conduzido os profissionais de saúde a buscar uma aproximação com a família através do cadastramento e do planejamento das ações de saúde de acordo com suas realidades sociais. Esse novo modelo de saúde, conforme Souza (1999, p.24-25), assume importantes compromissos, como:

entender a família, o seu espaço social como núcleo básico da abordagem e não mais o indivíduo isoladamente; assistência integral, resolutiva, contínua e de boa qualidade; intervenção sobre os fatores de risco; humanização das práticas de saúde; criação de vínculos de compromisso e de co-responsabilidade entre os profissionais de saúde e a comunidade; desenvolvimento de ações setoriais através de parcerias; democratização do conhecimento do processo saúde, doença, da organização, do serviço e da produção social da saúde; reconhecimento da saúde

como um direito de cidadania e organização da comunidade para efetivo exercício do controle social.

Embora se reconheça que o novo modelo de saúde seja desenvolvido à família numa abordagem integralizada, efetivamente, ele, ainda, tem sido dirigido aos indivíduos. A família na qualidade de uma unidade ou sujeito da atenção de forma integral do sistema de saúde, é ainda pouco abordada pelos profissionais dessa área. É preciso avançar no desenvolvimento de práticas e saberes e reconhecer que a finalidade da promoção da saúde é alcançar um nível de bem viver da família como uma unidade.

A abordagem centrada na família como uma unidade é considerada a nova perspectiva na enfermagem. Apesar de se buscar um avanço nessa compreensão, isso tem sido um desafio não só para a enfermagem, mas para as demais áreas do conhecimento com interesse na saúde da família. O desafio se amplia também quando queremos entender o que é saúde da família. A literatura tem nos mostrado que o termo saúde da família não está claramente formulado. A saúde da família pode ser definida tanto como um estado quanto como um processo. Na primeira idéia, leva-se em consideração a ausência de sintomas no funcionamento da família ou a evidência de características de família ideal dentro de um determinado paradigma. A saúde da família vista como um processo está baseada na integração, na manutenção e no crescimento do sistema familiar em relação às demandas sociais e temporais (Loveland-Cherry, 1989). A saúde da família é considerada, por vezes, como resultante das condições de saúde individuais dos membros da família, ou das condições de vida dos sujeitos no domicílio (Hanson e Boyd, 1996; Revista Brasileira de Enfermagem, 2000).

Elsen (1994) assinala que ao mesmo tempo em que a família tem um papel importante no cuidado de seus membros, ela é uma unidade que precisa ser cuidada. A existência de um problema em um dos membros pode afetar o todo. Do mesmo modo, quando há um problema relacionado ao todo, esse pode ter um impacto maior em um dos membros. A presença e a inter-relação dos elementos que fazem parte do viver em família é que definem a situação de saúde da família. Podemos ter uma compreensão desses elementos quando buscamos conhecer como a família constrói a convivência familiar. O modelo teórico oferece

uma estrutura que permite compreender o ambiente familiar a partir da construção do processo **CONVIVENDO EM FAMÍLIA**.

Considerando que a enfermagem tem se voltado para a saúde da família, este estudo abre uma janela para a compreensão da família no seu ambiente de vida. Entendo que este é o ponto de partida para novos estudos relacionados a família em seus diferentes aspectos e também à saúde da família. Questões ligadas às relações intergeracionais, de poder e de gênero merecem a atenção dos pesquisadores. Quanto à saúde da família, esse é um conceito que precisa ser claramente definido para a sua operacionalidade no desenvolvimento das atividades de enfermagem.

Acredito que o modelo teórico elaborado pode se tornar mais denso com a continuidade do estudo de suas categorias, entre elas: Fazendo parte da teia social e Tomando consciência do viver em família. A primeira estabelece uma relação entre os mundos interno e externo da família, enquanto que a segunda conduz à definição da situação de bem viver e à desintegração da vida em família, além da formação do seu *self*. Esses conceitos merecem ser explorados através de novos estudos, pois não se pode considerar a família como uma unidade isolada, embora o seu mundo interno seja importante para a vida humana. Por outro lado, a definição da situação, identificada na última categoria, constitui um elemento que ajuda na formulação de um diagnóstico sobre a saúde da família.

Este estudo possibilita também que a enfermagem encontre novas perspectivas de trabalhar com a família, oferecendo elementos para explorar as práticas de saúde na vida cotidiana. Ao identificar e compreender os significados que as famílias dão aos seus modos de viver, a enfermagem pode planejar e desenvolver as atividades junto a elas. A unidade familiar, como cliente da enfermagem, merece uma atenção especial. Assim, como a estrutura do modelo pode ser utilizada para a continuidade da investigação, seu conteúdo serve tanto para o estudo e discussão no ensino, como para a aplicação no exercício do trabalho com as famílias, não só para a enfermagem, mas para outras áreas que têm interesse nesse campo do conhecimento.

Mais do que buscar respostas para as questões que suscitaram o estudo, este me possibilitou um conhecimento sobre a metodologia da Teoria Fundamentada nos Dados. O caminhar entre o levantamento e a análise comparativa dos dados em um processo crescente e complexo, o qual possibilitou a interpretação e a formulação teórica, fez emergir a sensibilidade e o pensamento analítico sobre o próprio processo de pesquisa e o tema do estudo. Não foi fácil desenvolver o estudo dentro dessa metodologia, uma vez que a cada passo surgiam novas descobertas. Como declara Morse (1996), o pesquisador é um aprendiz do processo. A metodologia utilizada desafia-nos ao exercício da reflexão, num ir e vir constante entre os dados, abrindo espaço para a criação ao mesmo tempo em que busca a confirmação das idéias que emergem, dando formas às categorias e suas relações.

Sob o ponto de vista do Interacionismo Simbólico, **CONVIVENDO EM FAMÍLIA** é um processo construído na experiência do viver. A família vive e conhece o seu mundo. Por isso, é importante conhecer o que eles conhecem, interagir e tentar interpretar as suas realidades. Acredito que conhecer como a convivência familiar é construída constitui um ponto importante para quem trabalha com a família. As ações e interações estabelecidas entre os membros das famílias criam significados que podem ou não ser compartilhados, conduzindo a ajustes e desajustes e, por consequência, a um viver harmonioso e saudável ou a uma falta de harmonia, que faz surgir o sofrimento e a doença.

A utilização da Teoria Fundamentada nos Dados, como metodologia, e do Interacionismo Simbólico, como guia para a reflexão dos dados, possibilitaram um novo caminho e um novo olhar para o conhecimento e a compreensão da família no seu processo de viver, principalmente nos aspectos relacionados à construção da convivência familiar e aos significados compartilhados através das interações entre os membros das famílias e com outros. Entretanto, algumas limitações foram encontradas no desenvolvimento do trabalho, sobre as quais desejo fazer algumas considerações.

Este estudo incluiu quatro grupos de famílias em diferentes etapas da trajetória familiar, que no momento do levantamento de dados apresentavam uma

estabilidade afetiva, econômica e de moradia. Penso que a inclusão de famílias pertencentes a diferentes classes sociais, econômicas e culturais, bem como em diversas situações de saúde e doença, é necessária nos futuros estudos, no sentido de melhorar a saturação e o aprofundamento teórico dos elementos. Do mesmo modo, a inclusão de famílias em outras etapas de suas trajetórias, e também com outros tipos de estruturas familiares, como as famílias recém formadas, de idosos, reconstituídas ou extensas, permitiriam ampliar a compreensão do fenômeno.

Em relação às limitações, quero destacar a necessidade de tempo para o desenvolvimento do estudo. Glaser (1978), ao descrever a proposta metodológica, ressalta que a distância temporal ajuda o pesquisador a amadurecer a formulação conceitual através da análise dos dados. Nesse sentido, devido aos diversos compromissos assumidos no trabalho e na família durante a elaboração do estudo, o tempo disponível entre o levantamento, a análise comparativa e a descrição do modelo teórico não possibilitou o afastamento desejado para a reflexão sobre o processo construído, limitando o aprofundamento de algumas idéias. A metodologia exige, a cada passo, uma reflexão sobre o processo e suas descobertas.

A família constitui-se na janela através da qual podemos interpretar a realidade que nos rodeia e na qual nos vemos necessariamente imersos, ressalta Gimeno (1999). Ampliar essa visão constitui um enriquecimento do conhecimento sobre a família, através do estudo, da pesquisa e do desenvolvimento da prática no trabalho deste grupo humano, do qual fazemos parte. Bastos e Trad (1998, p.113) defendem a idéia de que "tratar a família como contexto de desenvolvimento humano e como espaço privilegiado do processo saúde-doença implica, no plano de investigação, assumir instâncias de análise que focalizem sistematicamente o próprio ambiente".

Se aceitarmos a idéia de que a família é importante para a vida humana e que está intimamente relacionada com a construção da convivência e do ambiente familiar, qual é o sentido que isto tem para a enfermagem? Como assinala Elsen (1994, p.73):

a área da enfermagem familiar está apenas começando. Requer muito esforço no sentido de explicitar a sua abrangência, seu conteúdo substantivo, sua essência. Neste constante movimento de olhar a família, tentando compreender suas características, necessidades, expectativas, relações e ações (...) é que a enfermagem aprenderá quais os seus caminhos para o cuidado da família.

Entendo que a enfermagem se aproxima da família em diferentes momentos e eventos da vida humana, do nascimento à morte, na saúde e na doença; e, ainda, nos vários cenários onde ela se encontra, das instituições sociais ao domicílio. Compreender os significados que as famílias constroem através das interações entre seus membros possibilita um melhor entendimento sobre como elas vivem e convivem, indicando caminhos para a atuação da enfermagem como sua cuidadora. A saúde da família está ligada às ações e interações no seu ambiente e entre este e o ambiente externo, do qual fazemos parte como profissionais e membros de uma família.

Reconheço que o ideal e a realidade da convivência familiar estão muitas vezes distantes, mas entendo que a sua compreensão permite traçar novos caminhos para as atividades dos profissionais na investigação, no ensino e no trabalho junto às famílias. É importante reconhecer a família como uma unidade dinâmica e ajudá-la na promoção de sua saúde. Isso consiste em direcionar as ações em conjunto com a família, para que as interações presentes na convivência familiar resultem em significados compartilhados para a manutenção e aumento do seu bem viver. Segundo Souza (1997, p.16), “ajudar a família significa criar condições que lhe permitam descobrir-se, clarear e ampliar seu espaço e só assim partir em busca de novas negociações e alternativas que lhe permitam usufruir de forma plena e fascinante a aventura da vida”.

CAPÍTULO 8

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014 p.

ACKERMAN, Mary Lee et al. Imogene King: teoria del logro de metas. In: MARRINER, Ann. **Modelos y teorías de enfermería**. Barcelona: Ediciones Rol S. A., 1989. p. 202-216.

ALTHOFF, Coleta Rinaldi. Pesquisando a família: a experiência da enfermagem na UFSC. **Família, saúde e desenvolvimento**. Curitiba, v.1, n.1, p.49-56,1999.

ALVAREZ, Angela Maria. **Tendo que cuidar: a vivência do idoso e de sua família cuidadora, no processo de cuidar e ser cuidado em contexto domiciliar**. 2001.181p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981. 279 p.

BASTOS, Ana Cecília de Souza; TRAD, Leny A. Bonfim. A família enquanto contexto de desenvolvimento humano: implicações para a investigação em saúde. **Ciência& Saúde coletiva**. v.3, n.1, p. 106-115, 1998.

BENNET, Agnes M.; FOSTER, Peggy C.. Ernestine Wiendendach. In: GEORGE, Julia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.151-163.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism: perspective and method**. Berkeley: University of California Press, 1969. 208 p.

BERENSTEIN, Isidoro. **Família e doença mental**. São Paulo: Escuta, 1988. 221p.

BOEHS, Astrid Eggert. **Prática do cuidado ao recém-nascido e sua família, baseado na teoria transcultural de Leininger e na Teoria do desenvolvimento da família.** 1990. 188 p. Dissertação. (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BOFF, Leonardo. **Ecologia: grito de terra, grito dos pobres.** In: _____. São Paulo: Ática S.A, 1995. Cap.1, p.15-59. A era ecológica: a volta à terra como pátria/mátria comum.

BRODERICH, Carlfred; SMITH, James. The general systems approach to the family. In: BURR, Wesley R. et al. **Contemporary theories about the family.** New York : The Free Press, 1979. v.2, p.112-129.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 267p.

BURR, Wesley R. et al. Symbolic interaction and the family. In: _____. **Contemporary theories about the family.** New York: The Free Press, 1979. v. 2, p.42-111.

BUTTEL, Frederich H. A sociologia e o meio ambiente: um caminho tortuoso rumo à ecologia humana. **Perspectiva.** n.15, p. 69-94, 1992.

CAPRA, Fridjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo: Cultrix, 1996. 256 p.

CARTANA, Maria do Horto Fontoura. **Rede e suporte social de famílias.** 1988. 157p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CASEY, Barbara A. The family as a system. In: BOMAR, Perri. **Nurses and family health promotion : concepts, assessment and interventions.** Philadelphia: W. S. Saunders, 1989. p.37-46.

CENTA, Maria de Lourdes. **Do natural ao artificial: a trajetória do casal infértil em busca do filho desejado.** 1998. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CERVENEY, Ceneide Maria de O.; BERTHOUD, Cristiana Mercadante E. **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 287 p.

CHARMAZ, Kathy. Identity dilemmas of chronically ill men. In: STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Grounded theory in practice.** Thousand Oaks: Sage Publications, 1997. Cap. 2. p. 35-62.

CHARON, Joel M. **Symbolic Interactionism: an introduction, an interpretation, an integration .** 3 ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1989. 197 p.

CLARKE, Adele E. a social worlds research adventure: a case of reproductive science. In: STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Grounded theory in practice**. Thousand Oaks : Sage Publications, 1997. Cap.3. p. 63-94.

CLEMENTES, Imelda W. Elements of a living system. In: CLEMENTES, Imelda W.; ROBERTS, Florence B. **Family health** : a theoretical approach to nursing care. New York: A Wiley Medical Publication, 1983. p.61-70.

COLLANGE, Christiane. **Defina uma família !** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 186p

COOPER, David E. The idea of environment . In: COOPER, David E. ; PALMER, Joy A. **The environment in question: ethics and global issues**. New York: Routledge,1992. p.165-245.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes,1995.134p.

DAILY, Joan Sebastian; MAUPIN, Judy Spoeleder; SATTERLY, Martha Carole. Martha Rogers: seres humanos unitários. In: MARRINER, Ann. **Modelos y teorías de enfermería**. Barcelona: Ediciones Rol & A, 1989. p.301-313.

DANKO, Marguerite et al. Ernestine Wiendenbach: el arte de ayudar y la enfermería clínica. In: MARRINER, Ann. **Modelos y teorías de enfermería**. Barcelona : Ediciones Rol & A, 1989. p.191-214.

DENHAM, Sharon. Family routines: a construct for considering family health. **Holistic nursing practice**. v.9, n.1, p.11-23, July , 1995.

DEWEY, John. **Vida e obra**. São Paulo: Abril Cultural,1980. (Os pensadores).

ELSEN, Ingrid. **Concepts of health and illness and related behaviors among families living in a Brazilian Fishing Village**. 1984. 282 p. Tese. (Doctor of Nursing Science) - University of California, San Francisco.

_____. Desafios da enfermagem no cuidado de famílias. In: BUB, Lydia Ighes Rossi et al. **Marcos para a prática de enfermagem com famílias**. Florianópolis: Editora da UFSC , 1994. p. 61-77.

ELSEN, Ingrid et al. **Um marco conceitual para o trabalho com famílias**. Florianópolis : GAPEFAM / UFSC, 1992. 9f. Mimeografado.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 215p.

FALCO, Suzanne; LOBO, Marie L. Martha Rogers. In: GEORGE, Julia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.190-205.

FALCO, Suzanne. Major concepts in the development of nursing theory. **Recent advances in nursing**, n.24, p.1-17, 1989.

FAWCET, Jacqueline. **Analysis and evaluation of conceptual models of nursing**. Philadelphia : F. A Company, 1983. Cap.1. p.1-36.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 11 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira , 1988. 687p.

FLANDRIN, Jean-Louis. **Famílias: parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga**. Lisboa: Editorial Estampa , 1991. 291p.

FOSTER, Peggy C.; JANSSENS, Nancy P. Dorothea Orem. In GEORGE, Julia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.90-107.

FRIEDMAN, Marilyn M. **Family nursing: theory and assessment**. 2. ed. Norwalk: Appleton-Century-Crofts, 1986. 336 p.

GALBREATH, Julia G. Callista Roy. In: GEORGE, Julia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.49-63.

GEORGE, Julia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1993. 337p.

GIMENO, Adelina . **La familia: el desafio de la diversidad** . Barcelona: Editora Ariel , 1999. 283p.

GLASER, Barney G. ;STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine Publishing Company, 1967. 271 p.

GLASER, Barney G. **Theoretical sensitivity**. Mill Valley, California: The Sociology Press, 1978. 164 p.

GOLEMAN, Daniel. **Mentiras essenciais, verdades simples: a psicologia da auto-ilusão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 285 p.

GRAAF, Karen R.;MOSSMAN Cynthia L.;SLEBODNIK, Maribeth. Florence Nightingale: enfermeira moderna. In: MARRINER, Ann. **Modelos y teorias de enfermeira**. Barcelona: Ediciones Rol , 1989. p.53-66.

GRAU, Olga. Família: un grito de fin de siglo. **Famílias siglo XXI**. Santiago de Chile: Ediciones de las mujeres, n.20, 1994, p.43-58.

HANSON, Shirley M. H.; BOYD, Sheryl T. **Family health care nursing: theory , practice and research**. Philadelphia: F. A. Davis Company , 1996. 421 p.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**, 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. 224 p.

HERMIZ, Mary E.; MEININGER, Mary. Betty Neuman In: MARRINER, Ann. **Modelos y teorías de enfermería**. Barcelona: Ed.Rol, 1989. p.275-291.

HICKMAN, Janet S. Rosemarie Rizzo Parse. In: GEORGE, Julia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.151-163.

HOLDEN, Robyn J. Models, muddles and medicine. **International Journal Nursing Studies**. v.27, n.3, p.223-234, 1990.

HUTCHINSON, Sally A. Grounded theory: The method. In: MUNHALL, Patrice; BOYD, Carolyn Oiler. **Nursing research: a qualitative perspective**. 2. ed. New York: National League for Nursing Press, 1993. p.180-212.

JAMES, William. **Pragmatismo e outros textos**. São Paulo: Abril, 1979. 230 p.(Os pensadores).

JELIN, Elizabeth. Família y género: notas para el debate. **Estudios feministas**. ano 3, n.2, p.394-413, 1995.

JOAS, Hans. Interaccionismo simbólico. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan. **La teoría social hoy**. Buenos Aires: Alianza, 1995. p.112-154.

KLEIN, David M. ; WHITE, James M. **Family theories: an introduction**. Thousands Oaks: Sage Publications, 1996. 294 p.

KLEFFEL, Dorothy. Rethinking the environmental as a domain of nursing knowledge. **Advanced nursing science**, v.14, n.1, p. 40-51, 1991.

_____. The environment: alive, whole, and interacting. In: SHUSTER, Eleanor A. ; BROWN, Carolyn L. **Exploring our environmental connections**. New York: National League for Nursing, 1994. p.3-15.

_____. Environmental paradigms: moving toward an ecocentric perspective. **Advanced nursing science**, v. 18, n. 4, p.1-10, 1996.

KOCH, Tina; HARRINGTON, Ann. Reconceptualizing rigour: the case for reflexivity. **Journal of advanced nursing**. v.28, n.4, p.882-890, 1998.

KRISTJANSON, Linda J.; CHALMERS, Karen I. Preventive work with families: issues facing public health nurses. **Journal of advanced nursing**. v.16, n.2, p.147-153, Feb. 1991.

LEONARD, Mary Kathryn. Myra Estrin Levine. In: GEORGE, Julia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.164-173.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. Prefácio. In: BURQUIÈRE, André et al. **História da família**. Lisboa: Terramar, 1986. v.1. p.7-11.
- LINCOLN, Yvonna ; S. GUBA, Egon G. **Naturalistic inquiry**. Beverly Hills: Sage Publications, 1985. 415 p.
- LITTLEJOHN, Stephen. W. **Fundamentos teóricos da comunicação humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. Cap. 3. p.65-87.
- LOBO, Marie L. Dorothy E. Jonhson. In: GEORGE, Julia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.108-120.
- LOVELAND-CHERRY, C. J. Family health promotion and health protection. In: BOMAR, P. J. **Nurses and family health promotion: concepts, assessment and interventions**. Baltimore: Williams Wilkins, 1989. p.13-25.
- MARRINER-TOMEY, Ann. **Modelos y teorías de enfermería**. 2.ed. Barcelona: Ed. Rol, 1989. 555 p.
- MASON, Jennifer. **Qualitative researching**. London: Sage Publications, 1997. 180 p.
- MATURANA, Humberto. **Desde la biología a la psicología**. 3.ed. Santiago do Chile: Editorial Universitária, 1996. 218p.
- MAURER, Joann; BELLACK, Janis. Family assessment. In: BELLACK, Janis P.; BAMFORD, Penny A. **Nursing assessment: a multidimensional approach**. Boston: Janes and Bartleh Publishers, 1987. p.204-225.
- MAURIN, Judith. A symbolic interaction perspective of the family. In: CLEMENTS, Imelda W.; ROBERTS, Florence. **Family health: a theoretical approach to nursing care**. New York: A Wiley Medical Publication, 1983. p.93 -108.
- MEAD, George Herbert . **Mind, self, & society**. 8. ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1972. 401 p.
- MELEIS, Afaf Ibrahim. **Theoretical nursing: development & progress**. 3.ed. Philadelphia: J. B. Lippincott. 1997. Cap.16. p. 318-330.
- MERCER, Ramona T. Theoretical perspectives on the family. In: GILLIS, Catherine L. et al. **Toward a science of family nursing**. Mento Park, California: Addison-Wesley Publishing Company, 1989. p.9-36.
- MICHAELLIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1998. 2267 p.
- MICHEL, Andrée. **Sociologia de la familia y dei matrimonio** 2 ed. Barcelona: Ediciones Península, 1991. 195p.

MONTICELLI, Marisa. **O nascimento como um rito de passagem** : uma abordagem cultural para o cuidado de enfermagem às mulheres e recém-nascidos. 1994. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 733 p.

MORIARTY, Helene J. Key issues in the family research process: strategies for nurse researchers. **Advances in nursing science**, v.12, n.3, p.1-14, April, 1990.

MORSE, Janice. Curso de métodos qualitativos de pesquisa. In: **I ENCONTRO BRASILEIRO DE CUIDADO E CONFORTO EM ENFERMAGEM**. Itapema. 1996. Notas de aula.

NIGHTINGALE, Florence. **Notes on nursing: what it is, and what it is not**. New York: Dover Publications. 1969. 140 p.

NITSCHKE, Rosane G. **Nascer em família** : uma proposta de assistência de enfermagem para a interação familiar saudável. 1991. 313p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. **Uma viagem pelo mundo de ser família saudável no cotidiano em tempos pós-modernos**: a descoberta dos laços de afeto como caminho. 1999. 462 p. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos coligidos**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989. 276 p.(Os pensadores).

POLIT, Denise F.; HUNGLER, Bernadette, P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 391 p.

REISS, David. **The family construction of reality**. London: Harvard University Press, 1981. 426p.

RELVAS, Ana Paula. **O ciclo vital da família**: perspectiva sistêmica. Porto: Edições Afrontamento , 1996. 236p.

REVISTA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM. Saúde da família. Brasília: ABEn, v.53, n. especial, p.1-173, Dez. 2000.

RIBEIRO, Ivete Maria. **Interação**: a enfermagem assistindo a família da criança maltratada. 1990. 289 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RIBEIRO, Nair Regina Ritter. **Famílias vivenciando o risco de vida do filho**. 1999. Tese (Doutorado em Filosofia de Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RITZER, George. **Teoria Sociológica Clássica**. Madrid: McGraw-Hill, 1993. Cap. 9. p. 333-361.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 249 p.

ROBERTS, Florence B. The American family. In: CLEMENTS, Imelda W.; ROBERTS, Florence B.. **Family health: a theoretical approach to nursing care**. New York : John Wiley & Sons, 1983. p.5-20.

ROGERS, Martha E. **An introduction to the theoretical basis of nursing**. Philadelphia: F. A. Davis Company, 1970. 144 p.

_____. Nursing: science of unitary, irreducible, human beings: update 1990. In : BARRET, Elizabeth Ann Manhart. **Visions of Rogers' science based nursing**. New York: National League for Nursing, 1990. p.5-11.

SALLES, Vania; TUIRÁN, Rodolfo. Mitos y creencias sobre la vida familiar. **Revista Mexicana de Sociología**, v.59, n.2, p. 117-144, 1996.

SAN MARTIN, Herman. **Salud y enfermedad**. 3 ed. México: La Prensa Medica Mexicana. 1975. Cap.1. p.7-10. El hombre, objetivo de la medicina.

SARACENO, Chiara. **Sociologia da família**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. 252 p.

SCABINI, Eugenia. **Ciclo de vida familiar e ciclo de saúde familiar**. 1992, 14 f. Mimeografado.

SCHULTZ, Phyllis R. Toward holistic inquiry in nursing: a proposal for synthesis of patterns and methods. **Scholarly inquiry for nursing practice an international journal**, v. 1, n.2, p.135-146, 1987.

SCHVANEVELDT, J. D. The interactional framework in the study of the family. In: NYE, F. Ivan ; BERARDO, Felix M. **Emerging conceptual frameworks in family analysis**. New York: Praeger, 1981. p.97-129.

SHORTER, Edward. **A formação da família moderna**. Lisboa: Terramar, 1975. 376p.

SILLIS, David L. **Enciclopédia internacional de las ciencias sociales**. Madrid: Aguilar Ediciones, 1974. v.4.

SISSA, Giulia. A família na cidade grega (séculos V-VI a .C). In: BURQUIERE, André et al. **História da família**. Lisboa: Terramar. 1996. v.1, p.143-169.

STREUBERT, Helen J. What is nursing knowledge? In: STREUBERT, Helen J.; CARPENTER, Dona Rinaldi. **Qualitative research in nursing: advancing the humanistic imperative**. Philadelphia J.B.: Lippincott Company. 1995. Cap.1. p.15-27.

STREUBERT, Helen J.; CARPENTER, Dona Rinaldi. **Qualitative research in nursing: advancing the humanistic imperative**. Philadelphia J.B.: Lippincott Company. 1995. 326 p.

SOUZA, Anna Maria Nunes de. **A família e seu espaço: uma proposta de terapia familiar**. 2ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997. 339 p.

SOUZA, Heloíza Machado de. O Programa de Saúde da Família no contexto do Sistema Único de Saúde. In: **SEMINÁRIO DE EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS EM SAÚDE DA FAMÍLIA**. Relatório final. Brasília : Ministério da Saúde, 1999. p.24-32.

STOLKOS, Daniel. Establishing and maintaining healthy environments. **American Psychologist**. v. 47, n.1, p.6-22, 1992.

_____. Instrumental and spiritual views of people-environment relations. **American psychologist**. v. 45, n.5, p.641-646, 1990.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1990. 270 p.

_____. Grounded Theory Methodology: an overview. In: DENZIN, Norman K., LINCOLN, Yvonna S. **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. p. 273-285.

SZABO, Vivian; STRANG, Vicki R. Secondary analyses of qualitative data. **Advanced in Nursing Science**. v. 20, n.2, p. 66-74, Dec.1997.

SZYMANSKI, Heloisa. Teorias e "teorias" de famílias. In: CARVALHO, Maria do Carmo de (Org.). **A família contemporânea em debate**. São Paulo: Cortez, 1995. p.23-27.

TALENTO, Barbara. Jean Watson. In: GEORGE, Julia B. **Teorias de enfermagem: os fundamentos para a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p.254-267.

TEBBE, Sharon M. Nightingale's environmental theory a 20th century reality. **Today's nurse**, v.10, n. 6, p.9-15, 1988.

THIS, Bernard. Prefácio. In: GARBAR, Claire; THEODORE, Francis. **Família mosaico**. São Paulo: Augustus Editora, 2000. p. 5-19.

THORNE, Sally; KIRKHAM, Sheryl Reimer; MACDONALD-EMES, Janet. Interpretive description: a non categorical qualitative alternative for developing nursing knowledge. **Research in Nursing & Health**. v.20, n.2, p.169-177, Apr. 1997.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203 p.

ZIMMERMAN, Shirley L. **Understanding family policy: theoretical approaches**. Newbury Park: Sage Publications, 1988. 196 p.

ANEXO 1

**Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Pesquisando o ambiente familiar

Objetivos

1. Compreender como o ambiente familiar é construído pelas famílias.
2. Desenvolver um modelo teórico sobre o ambiente familiar.

Procedimentos do estudo

Para o desenvolvimento do estudo serão convidadas um número de famílias de acordo com a amostragem apropriada pela metodologia. Inicialmente será feito um contato pessoal ou por telefone com cada família, no qual será realizado o convite para a participação e a explicação dos procedimentos para o levantamento dos dados. Com o aceite, as entrevistas serão realizadas nos domicílios das famílias.

Risco e benefício

O estudo não apresenta risco às famílias que aceitarem participar, uma vez que não serão formuladas questões que levem a constrangimentos entre os participantes e a toda a família. O desenvolvimento do estudo possibilitará a produção de um conhecimento para o trabalho com as famílias, no nosso campo de conhecimento.

Confidencialidade

Os dados levantados junto às famílias serão utilizados apenas para a análise do estudo, de acordo com a metodologia proposta. Será mantido o sigilo dos participantes. As entrevistas somente serão gravadas com o consentimento das pessoas entrevistadas. Após as entrevistas as informações serão

transcritas e indicados nomes fictícios. Os dados serão armazenados por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da pesquisadora.

Os participantes assinarão um termo de compromisso apenas para confirmar a concordância em participar do estudo. Este termo será mantido em sigilo pela pesquisadora.

Formulário

Eu Coleta R. Althoff, estou levantando dados para uma pesquisa que objetiva compreender como a família constrói o seu ambiente familiar. Para isto torna-se necessário a obtenção de informações através da realização de entrevistas com os membros da família e observação das ações e interações realizadas no domicílio. Eu, como pesquisadora me comprometo a manter o anonimato dos membros da família e a utilizar as informações somente para a análise de pesquisa. Os participantes podem se retirar do estudo quando desejarem.

Nós,.....
.....
.....estamos cientes do objetivo da pesquisa, do compromisso da pesquisadora sobre a utilização das informações.

Assim sendo, concordamos com a participação no estudo.

.....

Assinatura da pesquisadora

Telefone: 2335068

Assinatura dos participantes:

.....
.....
.....
.....
.....

Florianópolis,